

Roberta de Moraes Jesus de Souza

**O TUTOR PRESENCIAL DE CURSOS SUPERIORES A DISTÂNCIA:
ATRIBUIÇÕES, FORMAÇÃO E STATUS PROFISSIONAL**

**Goiânia/GO
Outubro/2010**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
STRICTO SENSU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O TUTOR PRESENCIAL DE CURSOS SUPERIORES A DISTÂNCIA:
ATRIBUIÇÕES, FORMAÇÃO E STATUS PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação sob a orientação da Professora Dr^a. Joana Peixoto.

Goiânia/GO
Outubro/2010

S729t Souza, Roberta de Moraes Jesus de.
O tutor presencial de cursos superiores a distância :
atribuições, formação e status profissional / Roberta de Moraes
Jesus de Souza. – 2010.
134 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, 2010.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joana Peixoto”.

1. Educação a distância – ensino superior – tutor presencial
– formação profissional. 2. Formação de professores –
educação a distância. I. Pontifícia Universidade Católica de
Goiás. II. Título.

CDU: 378.018.43(043.3)
371.13

Roberta de Moraes Jesus de Souza

**O TUTOR PRESENCIAL DE CURSOS SUPERIORES A DISTÂNCIA:
ATRIBUIÇÕES, FORMAÇÃO E STATUS PROFISSIONAL**

AVALIADORES

Prof^ª. Dr^ª. Joana Peixoto – PUC/GO (Orientadora)

Prof. Dr. José Carlos Libâneo – PUC/GO

Prof^ª. Dr^ª. Mirza Seabra Toschi – UEG

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial, à minha filha Pietra, que veio ao mundo no início deste Mestrado, aos meus professores, aos colegas de curso e a Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, saúde, oportunidade e constante presença em minha caminhada, dando-me forças para superar meus limites, inspirando-me na busca de novos conhecimentos.

À minha família que não mediu esforços e me auxiliou para que esta vitória fosse alcançada.

Aos colegas e professores do Mestrado, especialmente à professora Joana Peixoto, por sua paciência, persistência e dedicação.

Enfim, a todas as pessoas que passaram por minha vida durante estes dois anos e meio, que participaram da minha luta e de alguma forma contribuíram para que essa vitória fosse alcançada e o presente trabalho fosse concluído.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1981).

RESUMO

SOUZA, Roberta de Moraes Jesus de. **O Tutor Presencial de Cursos Superiores a Distância: Atribuições, Formação e Status Profissional**. 2010. 134 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

O objetivo desta dissertação foi discutir as funções atribuídas ao tutor presencial em cursos superiores de Educação a Distância (EAD) e analisar a formação e o status desta profissão. Nos capítulos iniciais são apresentados o contexto histórico que caracteriza o projeto contemporâneo da EAD, especialmente em relação à globalização, ao desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação e ao neoliberalismo e as funções atribuídas ao tutor presencial em estudos sobre EAD e legislação. O referencial teórico deste estudo se fundamentou em Belloni (2009), Leal (2003), Libâneo (2010), Maués (2009), O'Rourke (2003), Pretto (2001), Romão (2008), Santos (2007), Schulman (2005) e Toschi (2004), entre outros. A pesquisa, de tipo qualitativa, consistiu de entrevistas com sete tutores presenciais que atuaram, no primeiro semestre de 2010, da UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná), polo Rio Verde, Goiás. Os estudos que mencionam atribuições do tutor presencial e a legislação apontam para funções de natureza cognitiva, afetiva e de gestão, que se aproximam dos saberes docentes, tal como apresentam pesquisas do campo da formação de professores. As análises mostram atribuições vagas e imprecisas em relação a esse profissional, ausência de formação específica e precário estatuto profissional.

Palavras-chave: Educação a Distância; Tutor presencial; Formação de professores para EaD.

ABSTRACT

SOUZA, Roberta de Moraes Jesus de. **The Presential Tutor of Graduation Distance Courses: Attributions, Formation and Professional Status.** 2010. 134 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

The goal of this dissertation was to discuss the functions attributed to the presential tutor of Distance Education (DE) graduation courses and analyze the formation and the status of this profession. In the initial chapters, the historical context is presented which features the contemporary project DE, especially in relation to globalization, to the development of information and communication technologies and to neoliberalism and the functions attributed to the presential tutor in studies about DE and legislation. The theoretic referential of the study was based on Belloni (2009), Leal (2003), Libâneo (2010), Maués (2009), O'Rourke (2003), Pretto (2001), Romão (2008), Santos (2007), Schulman (2005) and Toschi (2004), and others. The research, qualitative type, consisted on interviews with the seven presential tutors who worked, at the first 2010 term, at UNOPAR (North Paraná University), pole Rio Verde, Goiás. The studies which mention the presential tutor attributions and legislation show that functions of cognitive, affective and direction nature, which are similar to teachers knowledges, such as are shown by field researches on teacher formation. The analysis show vague and inaccurate attribution in relation to this professional, absence of specific formation and precarious professional statute.

Key-words: Distance Education; Presencial Tutor; DE teachers formation.

LISTA DE SIGLAS

- ABED** – (Associação Brasileira de Educação a Distância)
- ANPEd** – (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação)
- BM** – (Banco Mundial)
- CAPES** – (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)
- CNE** – (Conselho Nacional de Educação)
- CONAES** – (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior)
- EAD** – (Educação a Distância)
- INED** – (Instituto Nacional de Educação a Distância)
- INEP** – (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)
- LDB** – (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)
- MEC** – (Ministério da Educação)
- OCDE** – (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico)
- OMC** – (Organização Mundial do Comércio)
- PDE** – (Plano de Desenvolvimento da Educação)
- PISA** – (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)
- PNE** – (Plano Nacional de Educação)
- SEED** – (Secretaria de Educação a Distância)
- SINAES** – (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior)
- TIC** – (Tecnologias da Informação e da Comunicação)
- UAB** – (Universidade Aberta do Brasil)
- UNESCO** – (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization)
- UNOPAR** – (Universidade do Norte do Paraná)

LISTA DE GRÁFICO E QUADROS

Gráfico 1 – Caracterização das situações de formação	64
Quadro 1 – Características dos modelos.....	40
Quadro 2 – Formação tutor presencial	51
Quadro 3 – Formação tutor presencial em relação à EAD	52
Quadro 4 – Atribuições cognitivas do tutor presencial	56
Quadro 5 – Atribuições afetivas do tutor presencial	61
Quadro 6 – Identificação dos sujeitos / Acesso às tecnologias / Tipos de uso / Condições físicas e de equipamentos	77
Quadro 7 – Quadro síntese sobre a formação e o papel do tutor presencial.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A educação a distância no contexto contemporâneo	16
1.1 A EAD, as TIC e a formação de professores no Brasil: entre as demandas econômicas e as possibilidades educacionais	17
1.2 Referenciais sobre o ensino superior a distância no Brasil	29
1.3 Modelos de EAD: dos determinantes econômicos às potencialidades educacionais	33
CAPÍTULO 2 – O tutor, suas múltiplas funções e sua formação	43
2.1 O tutor presencial: um dos principais atores da EAD?.....	44
2.2 Normas, regulamentos e leis sobre a EAD e a tutoria presencial	49
2.3 As diversas funções atribuídas ao tutor presencial	52
2.3.1 As atribuições cognitivas do tutor presencial: a falta de autonomia	53
2.3.2 A dimensão afetiva do papel do tutor presencial: compensando as distâncias	59
2.3.3 As funções do tutor presencial e a gestão: entre o trabalho pedagógico e as tarefas administrativas.....	65
2.4 Os saberes do professor	67
2.5 A formação do tutor presencial	68
CAPÍTULO 3 – Estudo e discussão dos dados	72
3.1 Campo empírico	72
3.2 Coleta de dados.....	75
3.3 Caracterização dos sujeitos.....	76
3.4 Análise individual das entrevistas	78
3.4.1 Identificação dos sujeitos	78
3.4.2 Acesso às tecnologias e tipos de uso	78
3.4.3 Condições físicas e de equipamentos	79
3.5 A formação e o papel do tutor presencial segundo sua própria visão	79
3.6 Algumas considerações à respeito da formação do tutor presencial de EAD	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS – Os saberes básicos à ação do tutor	85
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

“Um bom mestre tem sempre esta preocupação: ensinar o aluno a desvencilhar-se sozinho” (GIDE, 1985).

No ano de 2007, desempenhei a função de tutora presencial nos cursos superiores de Letras e Pedagogia no polo da UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná) no município de Rio Verde, Goiás.

A experiência como tutora presencial me colocou diante de desafios para os quais nem sempre encontrei soluções. O que a instituição e os alunos esperavam de meu trabalho? Quais seriam realmente as minhas funções? Como orientar adequadamente os alunos nos estudos? Como auxiliá-los? Tais desafios suscitaram o meu desejo em compreender e, conseqüentemente, pesquisar e escrever esta dissertação. Enquanto tutora presencial ficava em dúvida em relação às minhas funções e questionava sobre a precariedade de formação deste profissional. Por isso, resolvi pesquisar mais profundamente sobre esta “nova” profissão, este “novo” perfil de educador. Dessa forma, a minha pesquisa está relacionada às inquietudes do meu cotidiano.

Neste polo desta universidade a distância, as aulas são feitas através de teleconferências síncronas (em tempo real). Há um encontro presencial semanalmente com duração de duas horas e cinquenta minutos (intervalo de dez minutos). Este encontro é dividido em duas partes: a teleaula (uma hora e trinta minutos) feita por um professor a distância e ao vivo através da transmissão via internet em um telão (teleconferência) e a aula-atividade (uma hora e dez minutos com exercícios, de acordo com o conteúdo da teleaula, a serem realizados pelos alunos) aplicada e corrigida pelo tutor presencial. E há ainda como apoio aos alunos, o tutor virtual, o qual interage com o aluno assincronicamente (os dados são enviados em horários distintos pelo destinatário e receptor). Sendo assim, há dois tipos de tutores nesta instituição: o presencial e o a distância.

Mas antes de se refletir sobre tais questões, faz-se necessário analisar o mundo contemporâneo e a EAD. O neoliberalismo do final do século XX e início do século XXI procura justificar, legitimar e dissimular as formas contemporâneas de exploração e dominação características do capitalismo no seu estágio atual. No campo da EAD, a globalização representa uma “nova consciência mundial trazida pela compressão do tempo de do espaço” (BELLONI, 2009, p. 06).

No Brasil, tanto a globalização como o neoliberalismo e as tecnologias influenciam a educação, por exemplo, pela intervenção de organismos internacionais, como o Banco Mundial, que requerem que o país alcance notas altas em exames educacionais para atender às demandas destes órgãos e concessões econômicas.

Diante deste contexto, a EAD vem sendo utilizada como saída para que mais pessoas estudem e os cursos mais comuns de EAD são os de licenciatura.

A carência de cerca de 250 mil professores para a educação básica motivou, em parte, os programas de formação de professores na modalidade a distância. A grande maioria de cursos de graduação a distância é de cursos de licenciatura, que formam professores para a educação básica. Tabelas com estatísticas recentes dão mostras de como tem crescido no Brasil as matrículas em cursos de graduação nessa modalidade formativa.

A saída que as políticas educacionais têm apontado, para não deixar que alunos concluam o ensino médio sem ter aulas de Física, Química, Biologia, Matemática (áreas onde mais faltam professores), é a formação de professores a distância (TOSCHI, 2004, p. 85).

Segundo Maués (2009), outro aspecto relevante é que a melhoria da qualidade na educação recai sobre o professor, assim, o professor formado pela EAD precisa de uma formação qualificada, mas o que geralmente encontra são cursos aligeirados com ênfase na prática em detrimento da teoria.

Com o avanço vertiginoso da EAD na última década, principalmente de cursos superiores no Brasil, faz-se necessário refletir sobre os atores que dela fazem parte. Dentre os profissionais da EAD, um de grande pertinência é o tutor presencial. Consoante os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância (2007) do MEC (Ministério da Educação), todo curso superior ofertado por meio da EAD precisa ter, no mínimo, 20% de sua carga horária feita presencialmente, assim, nesta fase, há a exigência de tutoria presencial para apoiar o aluno.

As referências bibliográficas sobre o tutor presencial não são muitas, pois o crescimento da oferta de cursos superiores é relativamente recente, mas estas referências costumam atribuir aos tutores diversas funções de cunho pedagógico, de gestão e até mesmo afetivas.

Na formação acadêmica, pressupõem-se capacidade intelectual e domínio da matéria, destacando-se técnicas metodológicas e didáticas. Além disso, deve conhecer com profundidade os assuntos relacionados com a matéria e área profissional em foco. A habilidade para planejar, acompanhar e avaliar atividades, bem como motivar o aluno para o estudo, também são relevantes. Na formação pessoal, deve ser capaz de lidar com o heterogêneo quadro de alunos e ser possuidor de atributos psicológicos e éticos: maturidade emocional, empatia com os alunos, habilidades de mediar questões, liderança, cordialidade e, especialmente a capacidade de ouvir (MACHADO, 2003, p. 01).

De forma resumida, o tutor presencial conduz e auxilia os educandos na realização de trabalhos e tarefas, explica sobre o uso das tecnologias disponíveis no processo adotado e esclarece dúvidas sobre questões administrativas.

Como o tutor presencial liga o aluno à instituição, é comum que o aluno crie laços de confiança e afetividade com o tutor, fato este também condizente com a realidade de cursos presenciais, já que o enfoque nos aspectos instrutivos e de transmissão de conhecimento são mesclados com valores e atitudes dos alunos.

O papel do tutor, essencialmente indispensável para o sucesso de qualquer curso, seja na função de motivador, orientador, mediador do processo, contribui, principalmente, para que os alunos não se sintam sós, apesar da oferta em EAD, por sua própria estrutura, incentivar o aluno a desenvolver sua autonomia, sua independência. Portanto, a postura do tutor precisa ser repensada face ao modelo que se pretende aplicar, em vista de uma prática inovadora do fazer pedagógico, considerando a importância do trabalho de tutoria baseado nas trocas afetivas, promovendo o diálogo e a comunicação de forma humanizadora, a fim de romper com o possível isolamento do estudante (BRANDÃO; MARTINS, 2009, p. 06).

Neste contexto, o tutor presencial necessita ainda compreender todo o processo educacional, tecnológico e comunicacional do curso onde atua. Geralmente, os tutores presenciais, assim como qualquer outro profissional, têm conhecimento mais aprofundado em certa(s) disciplina (s), mas não em todas. Assim, o atendimento aos discentes se torna superficial ou, até mesmo, ineficiente. Contudo, muitos deles o fazem sem preparo pedagógico específico na área de EAD e acabam sendo apenas estimuladores de leituras, debates, trabalhos colaborativos, cumprimento de prazos de entrega de trabalho ou ainda mesmo se tornam informantes dos aspectos administrativos.

Esta pesquisa foi feita para haver maior compreensão e familiarização com o problema aqui apontado, no caso, quais são as funções atribuídas ao tutor presencial e como, de um modo geral, está a formação deste profissional através de uma revisão de literatura e através do estudo de caso com os sete tutores presenciais do polo da UNOPAR em Rio Verde, localizado no estado de Goiás.

A pesquisa empírica deste estudo se inicia pela descrição detalhada do campo empírico, no caso, a sede da UNOPAR em Londrina, Paraná e o polo de Rio Verde-GO. Esclarece-se quanto à instituição e quanto aos critérios de relação, formação e formas de atuação dos sete tutores presenciais do polo de Rio Verde-GO, sujeitos desta pesquisa. O processo de coleta de dados, os sujeitos (identificação/caracterização/perfil), a análise individual das entrevistas e a formação e o papel do tutor presencial também compõem este estudo.

O polo da UNOPAR foi escolhido para ser o campo empírico desta pesquisa pelo fato da UNOPAR ser uma grande universidade privada de cursos superiores a distância no Brasil e ter polos presentes em várias partes do país. Tal escolha também foi feita por eu residir e trabalhar no município de Rio Verde (Goiás).

Em relação ao tipo de pesquisa empregada, este trabalho baseia-se em uma pesquisa qualitativa por ser direcionada e pela obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com o objeto de estudo. Este estudo pretende proporcionar maiores informações sobre a relação entre globalização, neoliberalismo e EAD e, principalmente, sobre a tutoria presencial de cursos superiores de EAD.

Foi realizada uma entrevista semi-dirigida com os sete tutores que atuaram no primeiro semestre de 2010 no polo da UNOPAR de Rio Verde (Estado de Goiás) para verificar sua visão sobre as suas atribuições e se possuem formação adequada em relação à atividade de tutoria presencial que exercem.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo “A educação a distância no contexto contemporâneo” está fundamentado, principalmente, em Santos (2007), Maués (2009), Barreto (2001), Belloni (2009) e Toschi (2004). Os referenciais sobre o ensino superior a distância no Brasil e os modelos de EAD também são retratadas neste capítulo.

O segundo capítulo “O tutor, suas múltiplas funções e sua formação” discorre sobre o tutor presencial de EAD, sobre a legislação deste profissional, sobre as suas diversas atribuições, sobre a formação requerida do tutor presencial e sobre os saberes do professor. Os autores que fundamentam este capítulo são, principalmente, Schmid (2004), O’Rourke (2003), Cabanas e Vilarinho (2007), Leal (2003), Romão (2008), Libâneo (2010) e Schulman (2005).

Já o terceiro capítulo “Estudo e discussão dos dados” traz a análise da pesquisa de campo. As entrevistas semi-dirigidas com os sete tutores presenciais do polo da UNOPAR em Rio Verde-GO, foram utilizadas como amostra. Estas entrevistas semi-dirigidas foram feitas para identificar os tutores, saber sobre o acesso dos mesmos às tecnologias e que tipos de uso fazem destas. Foi questionado sobre as condições físicas e de equipamentos que estes tutores têm acesso na universidade onde trabalham. Por fim, foram questionados sobre a sua formação enquanto tutores e quais são as atribuições que eles têm em relação a esta profissão.

Em suma, ainda investiga-se pouco sobre o tutor presencial. Suas tarefas são várias e imprecisas, sendo assim, ele acaba sendo apenas um porta-voz de outros na EAD.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

“Este é, sem dúvida, o nosso grande desafio e estas novas tecnologias de comunicação e informação podem vir a se constituir em importante elemento destas transformações se pudermos vê-las em outra perspectiva [...] Se pensamos nas tecnologias a serviço da produção de conhecimento e de cultura, podemos pensar na inserção do país no mercado mundial dito globalizado, numa outra perspectiva. Uma perspectiva de efetiva cidadania” (Pretto, 2001, p. 49).

O presente capítulo visa situar a EAD como associada às expectativas de um mundo globalizado e neoliberal, cuja súbita expansão ocorreu, principalmente, devido aos avanços das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) e às políticas do Banco Mundial.

De acordo com Belloni (2009), a educação aberta e a distância se torna mais propícia a sociedade contemporânea, pois neste contexto acelerado, as TIC refletem bem o ritmo apressado destas sociedades, em que a educação passa a ser vista como uma possível solução para a diminuição das discrepâncias sociais e econômicas existentes no país. Segundo Maués (2009), a qualidade da educação se torna um fator de preocupação e recai sobre o professor a responsabilidade com relação à qualidade educacional. Consequentemente, a formação docente se faz necessária e a EAD passa a ser adotada como um recurso importante para tal formação.

Assim, neste capítulo, a EAD será tratada no contexto contemporâneo, inclusive com algumas concepções a seu respeito. Os referenciais sobre o ensino superior no Brasil e os modelos de EAD serão brevemente explanados, buscando compreender as relações entre a globalização, o neoliberalismo e a EAD.

1.1 A EAD, as TIC e a formação de professores no Brasil: entre as demandas econômicas e as possibilidades educacionais

Há um fervoroso debate sobre a globalização e a controvérsia teórica sobre a definição deste processo. A globalização é um fenômeno do capitalismo e o termo é comumente associado à dimensão econômica e utilizado para caracterizar as transformações que ocorrem no mundo, especialmente após a década de 1980, com o impacto das novas tecnologias da informação, das comunicações e do transporte na sociedade contemporânea.

As confusões que alguns analistas fazem ao falar sobre as transformações em curso provavelmente se originaram no fato de que a formação de um mercado integrado em nível internacional, sob a forma de um sistema-mundo, ocorre desde a época da colonização pelos europeus do Novo Mundo. A partir desta ótica, o termo globalização é utilizado para definir a crescente relação entre os subsistemas nacionais do sistema-mundo, como se o que está acontecendo agora fosse apenas um novo ciclo da expansão mundial do capitalismo, o qual já foi experimentado no passado e agora intensificado pela utilização das novas tecnologias na produção, na comunicação e no transporte.

Para se compreender a complexidade da globalização, com suas múltiplas facetas e implicações, é preciso analisá-la não apenas economicamente nem como uma nova etapa de um sistema antigo. Dessa maneira, as mudanças em curso extrapolam a dimensão econômica e manifestam-se em escala mundial e em todas as esferas do sistema social, transformando completamente o modo de vida da sociedade, assentado no antigo paradigma industrial.

A década de 1990 foi um período marcado pelo neoliberalismo sob a proteção da globalização. No neoliberalismo, há uma limitação da intervenção do Estado na economia. Assim, pode-se considerar que o neoliberalismo surgiu no seio do capitalismo como uma tendência à concentração de empresas, com cartéis e monopólios, o que trouxe crises (falência, desemprego, inflação, má distribuição de renda, etc.).

De acordo com Bianchetti (2001), no neoliberalismo, há o Estado mínimo, no qual as atividades econômicas passam para a iniciativa privada, inclusive as regulações de mercado e os indivíduos passam a ser responsáveis por si em termos sociais.

Assim, as políticas sociais têm uma tendência a mercantilizar os serviços sociais e as políticas educacionais são um reflexo daquelas. As escolas continuam carregando a responsabilidade de organizadora do futuro do país.

Segundo Libâneo e Oliveira (1998), as mudanças da sociedade contemporânea precisam ser vistas e compreendidas levando em consideração o contexto da globalização do

país, da revolução tecnológica e do neoliberalismo. A globalização é uma tendência internacional capitalista que, como o neoliberalismo, faz com que os países menos desenvolvidos adotem uma economia de mercado global sem restrições. Há ainda competição ilimitada e minimização do Estado nas áreas econômica e social.

Santos (2007) em seu livro “Por uma outra globalização” pretende retratar o homem de uma sociedade globalizada, todavia, mais social, portanto, mais humanizada. Esta obra critica a atual globalização com tendências tecnicistas e mecanizadas, o que leva a uma desumanização e predominância do capital acima da vida social ou pessoal. Diante deste contexto, o autor sugere três formas de globalização: a globalização como fábula, a globalização como perversidade e uma outra globalização, esta última é a qual deveria acontecer.

Segundo Santos (2007), a globalização como fábula ocorre porque há muitas fábulas difundidas pela mídia para camuflar a verdadeira globalização. A imagem de uma aldeia global sem fronteiras transmitida pelas mídias esconde fatos, por exemplo, exclusão de parte da população com relação ao uso das tecnologias da informação.

Ao abordar a globalização como perversidade, Santos (2007), refere-se à perversidade do sistema da globalização atual. A hegemonia financeira e da informação se torna aparelho da manutenção do sistema por meio das políticas do Estado e privadas. Há perversidade quando se difunde informações vazias de conteúdo que exaltam o dinheiro como motor da vida econômica e social. Verifica-se nas mídias a veiculação de informações com interesses particulares, persuasivos e manipuladores em detrimento das verdadeiras informações.

Quando Santos (2007) retrata uma outra globalização, procura mostrar que a globalização atual é reversível. A miscigenação cultural entre as diversas nações pode ocorrer por meio do relacionamento entre estas nações e estas podem adquirir respeito umas pelas outras com a aceitação das diferenças e, até mesmo, a incorporação destas diferenças. Desta forma, aconteceria uma nova consciência do ser no mundo, na qual o mundo inteiro parece próximo de cada pessoa e estas pessoas se sentiriam interligadas.

Santos (2007) aponta que a globalização é capaz de encurtar distâncias e tempo, assim, um mundo homogeneizado é construído. Todavia, as diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais são aprofundadas. O mundo está se tornando distante, mas a falsa propaganda de aproximação tem intuito consumista. Ao mesmo tempo em que se propaga a ideia de enfraquecimento do Estado, observa-se que ele está se fortalecendo para atender aos interesses internacionais.

Santos (2007) afirma que a globalização faz com que o consumo vire ideologia de vida, conseqüentemente, as pessoas se tornam apenas consumidoras. Além da questão ideológica, a globalização faz com que haja padronização da cultura e ainda concentração de renda nas mãos de poucas pessoas.

Ianni (1997) confirma as dicotomias apontadas por Santos (2007) sobre o fato da globalização ter falsas máscaras, como: a homogeneização que intensifica as diferenças; a falsa proximidade apenas com interesses de consumo e o fraco Estado que se fortalece. O cidadão, especialmente o dos países emergentes, é o mais afetado pela globalização, pois esta gera desigualdades sociais mais nítidas.

Na perspectiva de diminuir essas dificuldades, o investimento no fator humano é de suma importância, visto que, nas sociedades subdesenvolvidas, somente tem acesso à propriedade os indivíduos qualificados tecnicamente, ou seja, em condições de competir no mercado de trabalho, cada vez mais especializado. O acesso à propriedade tende a diminuir o desnível social e os problemas da miséria e da violência (IANNI, 1997, p. 61).

Segundo Ianni (1997), uma análise do processo da globalização sob a perspectiva do paradigma teórico do industrialismo limita-se ao que ocorre na economia. Assim, há uma tendência à estandardização cultural, movida pela massificação da produção no contexto da integração dos mercados.

As características do superado sistema de produção industrial resultariam de um sistema internacionalizado de produção e circulação de informações, mercadorias e pessoas que através de tecnologias e mensagens padronizadas, faria com que as especificidades locais fossem apagadas. Desta forma, haveria uma cultura mundial hegemônica e padronizada. Em outras palavras, o que ocorre tem sido considerado apenas como a ampliação, para o âmbito mundial, do sistema industrial tradicional e de sua produção massificada.

Ainda no que diz respeito às possíveis percepções da globalização, segundo Santos (2007), esta pode ser vista como perversa por aumentar o desemprego, conseqüentemente, a pobreza. A saúde também sofre prejuízos, pois doenças e mortalidade infantil continuam a existir e a se alastrar. Isso ocorre porque as ações são desenfreadas devido à competição econômica.

Mas, “podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana” (SANTOS, 2007, p. 20). Consoante Santos (2007), o mundo pode viver uma outra globalização por meio da valorização da miscigenação racial, da mesclagem filosófica,

das populações aglomeradas em áreas menores (sociodiversidade) e do fortalecimento da cultura popular

Todavia, antes de verificar que a globalização é uma fábula e perversa e que existe a possibilidade de uma outra globalização, Santos (2007) faz um percurso histórico sobre a globalização. Este fenômeno é “o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. A junção do estado das técnicas e o estado da política são essenciais para entender a globalização (SANTOS, 2007, p. 23).

Para Santos (2007), a globalização se iniciou no final do século XX devido aos avanços científicos embasados pelas técnicas da informação e ela é resultado das ações para assegurar um mercado chamado de global, responsável pela base dos processos políticos atuais e eficazes.

Nesta perspectiva, a globalização dificulta o comportamento humano solidário, pois o homem passa a pensar de forma individual, já que vive em um meio político de mercado global, tendo como ator principal as grandes empresas globais.

Ou seja, segundo Santos (2007), neste contexto de globalização, vive-se o império das normas e simultaneamente o conflito entre elas. Inclusive há preponderância das esferas privadas sobre as públicas, o que acarreta, não raramente, que as regras das empresas privadas se sobressaíam em relação às regras das empresas públicas. Neste contexto, todos estes acontecimentos atingem e fazem com que as pessoas fiquem desorientadas e sintam medo e insegurança.

O mercado em escala mundial (distante de compreender toda a troca comercial) não integrou os países e as pessoas, nem poderá fazê-lo, devido aos baixos níveis de competitividade de que muitos partem. É claramente insuficiente. As desigualdades na saída não podem produzir mais do que desigualdades acentuadas no caminho e na reta. A globalização não pode ficar limitada a uma ligação entre “os de cima”, deixando de fora “os de baixo”. Trocar bens e produtos cria laços de interdependência (também de dependência), mas não gera por si relações pessoais, laços de solidariedade, compartilhar ilusões e projetos, compreensão e respeito pelo outro, etc. A sociabilidade tem que se apoiar em outras interdependências, em formas de integrar os sujeitos em atividades e projetos comuns (SACRISTÁN, 2007, p. 28).

Mas, em razão de ser um processo histórico, embora seja comum acreditar-se que a globalização é irreversível, isto pode ser colocado em questão. Porque a globalização atual é reversível, já que a própria humanidade é capaz de dar subsídios para que seja implantado um novo modelo mais solidário e mais fraterno em termos econômicos, políticos e sociais. Ou seja, mesmo que o sistema de técnicas avançadas resulte numa globalização perversa, isto “poderia ser diferente se seu uso político fosse outro. Esse é o debate central, o único que nos

permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outras formas de ação” (SANTOS, 2007, p. 24).

Sacristán (2007) também fala sobre a sua preocupação com relação à globalização. Paralelamente às relações de dependência estão se consolidando laços de interdependência entre as nações. Todavia, devem-se analisar as desigualdades existentes. Há países ricos, alguns remediados, alguns em desenvolvimento acelerado e muitos outros com problemas básicos a serem resolvidos, como, por exemplo, produção de alimentos, analfabetismo, poluição ambiental, etc. Para chegar a uma globalização justa é necessário haver debate, consenso, ação e compreensão de interesses globais com vistas a benefícios e melhorias para todos e não interesses localizados e setorializados.

Santos (2007) aponta que pode ocorrer uma outra globalização se as duas grandes mutações vigentes se completarem: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana. A grande mutação tecnológica ocorre com a emergência das técnicas de informação (divisíveis, flexíveis, dóceis e adaptáveis a todos os meios e culturas), embora seu uso esteja subordinado aos interesses capitais. Todavia, se utilizadas de forma democrática, poderão atender aos interesses do homem.

Pretto (2001) mostra que se vive, atualmente, um momento de mudanças globais devido à revolução tecnológica, especialmente as de informação e comunicação, com transformações culturais, pressionadas pela globalização, com destaque para a mídia.

Segundo Maués (2009), é neste contexto de globalização que a formação de professores ganha destaque, pois se acredita que a educação é um fator importante para formar um cidadão global. A questão da formação de docentes e outros profissionais em educação no Brasil tem sido debatida por estudiosos da área, pelo governo, pelos pais de alunos e também pela sociedade civil. E tal discussão teve ascensão com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei nº 9.394 de vinte de dezembro de 1996. Observa-se que este assunto é divergente, pois há vários posicionamentos sobre ele.

Consoante o Banco Mundial (2010), a educação é o coração da sua missão para a redução da pobreza. A educação direciona para o crescimento econômico e é crucial para formar mão-de-obra competitiva e cidadãos responsáveis em todos os países. E também é um dos instrumentos mais efetivos para acabar com as desigualdades. O Banco Mundial tem parcerias há bastante tempo com clientes na América Latina e Caribe. Através de assistência financeira em forma de empréstimos, créditos e auxílios, ele ajuda o desenvolvimento de políticas e melhorias em todos os níveis de educação. Por meio de assistência técnica e

estudos regionais do nível dos países, eles compartilham conhecimento e analisam tendências e desenvolvimento para futuras iniciativas políticas.

Coraggio (2003) aponta que o que é proposto pelo Banco Mundial ao se falar de educação tem objetivos capitalistas. A partir dos anos 80, o Banco Mundial financia a educação por meio de políticas que buscam atender às demandas do mercado que precisa de trabalhadores mais flexíveis. Coloca-se assim, como mecanismo de ascensão social para os pobres, de forma a que estes venham a participar mais do mercado consumidor.

O que, de fato, ocorre é o enquadramento da educação ao modelo neoliberal com a submissão desta ao mercado. A educação torna-se um processo no qual o processo de ensino é colocado como uma empresa que produz os recursos humanos. Em suma, a educação fica subordinada à política econômica e às relações capitalistas.

Maués (2009) afirma que dentre os órgãos e programas que tratam de educação e formação de professores destaca-se a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico). No contexto do neoliberalismo¹ em que se vive, a OCDE é um dos órgãos que representa a política neoliberal e age em países em desenvolvimento por meio de avaliações e medidas com o intuito de levantar indicadores e estabelecer normas. Observa-se assim, uma estreita relação entre avaliações para se obter notas e normas políticas.

Segundo Maués (2009), este fato pode ser comprovado pela observação da publicação de documentos, dos relatórios de pesquisa e pelo apoio com o aconselhamento oferecido. A OCDE colhe dados dos países envolvidos por meio do PISA² (Programa Internacional para o Acompanhamento das Aquisições dos Alunos). O PISA é um exame internacional que avalia Leitura, Matemática e Ciência e, conseqüentemente, tenta identificar a habilidade que os discentes têm em relação a analisar, raciocinar e refletir sobre conhecimentos e experiências .

Maués (2009) aponta que o Brasil tem se saído mal nestas avaliações, desta forma, de um modo geral, os professores têm sido considerados culpados por esta situação. O Banco Mundial afirma que considera que uma educação de qualidade reflete no crescimento econômico de um país, na manutenção da coesão social (cidadania ativa) e do bem-estar (saúde física e mental) do indivíduo.

¹ Absoluta liberdade de mercado e o mínimo de intervenção possível do Estado sobre a economia a não ser em setores imprescindíveis.

² O PISA é uma avaliação internacional aplicada a alunos de até 15 anos no ensino regular (8º ano). As avaliações acontecem a cada três anos e estas se estenderão até 2015. As principais áreas avaliadas são: Leitura, Matemática e Ciências.

A Elite do PISA é formada por dezessete países. Na escala geral, os países ficaram distribuídos em três faixas, segundo seus desempenhos na prova. A elite é formada por 17 países, com pontuações entre 509 e 550. São eles: Hong Kong, Finlândia, Coreia, Países Baixos, Liechtenstein, Japão, Canadá, Bélgica, Macau, Suíça, Austrália, Nova Zelândia, República Tcheca, Islândia, Dinamarca, França e Suécia. Quatro países tiveram resultados equivalentes à média geral da OCDE, numa faixa de 498 a 506 pontos: são a Áustria, Alemanha, Irlanda e República Eslováquia. Um terceiro grupo é formado por 19 países, abaixo da média da OCDE (356 a 495); são eles: Noruega, Luxemburgo, Polônia, Hungria, Espanha, Letônia, Estados Unidos, Rússia, Portugal, Itália, Grécia, Sérvia, Turquia, Uruguai, Tailândia, México, Indonésia, Tunísia e Brasil (PISA, 2006).

Todavia, a avaliação do PISA não considera as diferenças sociais e econômicas existentes entre os alunos brasileiros e os europeus, por exemplo.

Segundo Maués (2009), professor segundo organismos como o Banco Mundial é incumbido de ser um ator muito relevante na educação dentre outros e cabe ao governo criar políticas propícias a desenvolver os conhecimentos e competências dos docentes; selecionar professores e manter os profissionais competentes nos estabelecimentos escolares. Não obstante, o governo tem que ter ações políticas destinadas aos professores.

A educação para a diversidade do Banco Mundial: investindo em mudanças sistêmicas por meio do currículo, livros e professores. A educação para a diversidade tem o potencial para propagar o crescimento e o progresso enquanto reduz e talvez previna conflitos sociais. Uma pesquisa recente aponta o caminho para que haja mudanças: é preciso rever o currículo e os livros e, o mais importante, ter políticas mais efetivas de seleção, treinamento e retenção de professores. O currículo e os livros são mediados pelos professores, e geralmente as habilidades do professor que determinam as experiências de aprendizagem (BANCO MUNDIAL, 2010).

Ainda de acordo com esta visão, a educação pode contribuir para aumentar as receitas fiscais, o investimento em saúde e em políticas sociais de um modo geral. Além do mais, há benefícios não econômicos, assim como: coesão social, confiança nos dirigentes, democracia com êxito e estabilidade política. Portanto, as sociedades com resultados educacionais positivos têm bom desenvolvimento político, econômico e social. Porém, vale ressaltar que este é o discurso do Banco Mundial, mas que um dos seus principais interesses é ter mercado consumidor.

Enfim, de acordo com Maués (2009), o investimento em educação tem sido feito segundo a perspectiva de que ele seja um instrumento vinculado ao desenvolvimento econômico de um país, assim o investimento nela feito tem retorno rentável. A OCDE levanta indicadores, os quais mostram que a educação não vem acompanhando a velocidade da sociedade do conhecimento, nem as transformações sociais que estão ocorrendo. Diante deste

contexto, há necessidade de mudança. Este órgão propõe que a escola se apóie na informática para a obtenção de conhecimento para haver inovações no ensino.

Maués (2009) afirma que, para tanto, o cenário indicado é de que sejam desenvolvidos sete pontos que poderão garantir a eficiência e a manutenção da escola: serviço público com um objetivo moral; mudança em todos os níveis do contexto escolar; reforço das capacidades por meio da criação de redes; aprendizagem em profundidade; duplo engajamento a curto e longo prazo; dinamização cíclica do sistema educacional; ampliação do poder dos dirigentes governamentais. Esse cenário exige que os dirigentes sejam formados para pensar em grande escala e para desenvolver ações que envolvam todo o sistema educacional.

Consoante Maués (2009), a OCDE atribui ao professor a competência para qualificar o aluno. Desta maneira, a organização vem apontando saídas para que a profissão professor possa ser melhorada, tais como: salário, plano de carreira, condições de trabalho, profissionalização do ensino, flexibilidade e segurança no emprego, formação adequada e satisfação com o trabalho com os alunos.

[...] qualificação e capacitação de professores. Aperfeiçoar a formação profissional dos professores é uma medida de suma importância em qualquer esforço visando melhorar a qualidade da educação. A valorização e qualificação dos professores é considerada fundamental para a melhoria da qualidade da educação, assumida pelos Estados Membros da UNESCO, incluindo o Brasil, em dois dos seis objetivos (objetivos 2 e 6) do Marco de Ação de Dacar (2000 - Declaração sobre Educação para Todos, Dacar).

É de importância vital estabelecer vínculos entre os resultados das avaliações de aprendizagem e a formação dos professores, tanto a inicial como a educação continuada, a fim de que o processo de aprendizagem em sala de aula possa ser efetivamente renovado. Igualmente importante é a criação de planos de carreira para os professores e os demais profissionais da área educacional.

Para melhorar a qualidade da educação, conforme registra o relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, "Educação: um tesouro a descobrir": "é preciso, antes de tudo, melhorar o recrutamento, a formação, o estatuto social e as condições de trabalho dos professores, pois estes só poderão responder ao que deles se espera se possuírem os conhecimentos e as competências, as qualidades pessoais, as possibilidades profissionais e a motivação requeridas" (UNESCO, 2010).

Diante do cenário da formação e qualificação, em 2005, a OCDE fez um documento que analisa esta situação. Os países membros da OCDE encontram dificuldades em selecionar e manter seus bons professores. Entre 2002 e 2005, a organização estudou as medidas de êxito dos países membros em relação aos seus professores e publicou um relatório com recomendações e conclusões aos países participantes. Ele deve levar em consideração no seu trabalho a pluralidade cultural e utilizar as novas tecnologias. "Enfim, os professores devem ser capazes de preparar os alunos para viverem em uma sociedade e em uma economia na

qual se espera deles que aprendam de maneira autônoma, desejosos e capazes de prosseguirem estudando pelo resto da vida” (MAUÉS, 2009, p. 22).

Segundo Maués (2009), este mesmo documento da OCDE traz ainda “preocupações”, por exemplo: o ensino não é uma carreira atraente enquanto profissão; qualidade dos saberes e habilidades dos professores; processo de recrutamento, seleção e emprego dos docentes; permanência dos professores qualificados nas instituições escolares e aposentadoria, pois brevemente quase a metade dos professores estará aposentada. Pela falta de professores, os dirigentes educacionais estão reduzindo o nível de exigência para seleção dos professores; aumentando a carga horária dos mesmos e o número de alunos por sala.

Entretanto, estas medidas emergenciais precisam ser colocadas em questão, já que um professor menos preparado, com uma sobrecarga de trabalho e com muitos alunos, provavelmente, terá um rendimento inferior a um professor melhor preparado e com menos aulas e alunos.

De forma resumida, para atrair, formar e reter os professores qualificados é necessário preparação e formação; estrutura de carreira; estrutura do mercado de trabalho e processo escolar. Assim, as ações apontadas pela OCDE almejam “aumentar o interesse pela profissão docente (*status* e remuneração, apesar do relatório mostrar que este não é um fato muito relevante na escolha da profissão como muitos pensam, porque poucos ingressam na profissão e os que entram querem sair, o que ocorre por questões que estão no interior da profissão, assim como desinteresse e desrespeito dos alunos); rever e melhorar a formação desses profissionais; melhorar o recrutamento e a seleção de pessoal e buscar maneiras de fazer com que os professores permaneçam na profissão” (MAUÉS, 2009, p. 26).

Maués (2009) mostra, seguindo orientações da OCDE em relação à legislação brasileira, tanto a LDB de 1996 quanto o PNE (Plano Nacional de Educação) de 2001 que há atenção especial à formação docente. Aos professores, é atribuída a responsabilidade de ser um instrumento para ajudar o país a superar os obstáculos econômicos e sociais da época contemporânea.

“O país também sofre com a falta de professores, principalmente os de Física, Química, Matemática e Biologia.” Sendo assim, o CNE (Conselho Nacional de Educação) propôs a formação de profissionais por meio de licenciaturas e polivalentes e através da EAD (MAUÉS, 2009, p. 27).

As afirmações aparecem como monolíticas e os resultados de pesquisa como conclusivos; evita-se mencionar a falta de evidências e inclusive as evidências contraditórias que outras pesquisas revelam sobre os mesmos objetos de estudos.

Esse é o caso de numerosas afirmações que o BM³ faz, por exemplo, [...] a capacitação docente (estudos que apresentam uma correlação positiva entre anos de instrução e qualificação docente e resultados de aprendizagem dos alunos, ou que não apontam as tão famosas vantagens comparativas da capacitação em serviço com relação à formação inicial), o tempo de instrução (estudos revelam que seu aumento não necessariamente resulta em melhor rendimento escolar) etc. (TORRES, 1996, p. 147).

Consoante Torres (1996), existem muitas afirmações sobre os tipos de capacitação e os tipos de conhecimentos e fontes de conhecimento dos docentes em relação ao rendimento de seus alunos de acordo com estudos que se apóiam em quatro países: Brasil, Paquistão, Índia e Indonésia.

“No entanto, a formação docente/rendimento continua ocupando um lugar (e um investimento) marginal entre as prioridades e estratégias propostas pelo BM aos países em desenvolvimento” com relação à infraestrutura, à reforma institucional e à provisão de textos escolares.”. Todavia, a formação e a capacitação docente continuam sendo observadas de maneira isolada, “sem atender às mudanças que seria preciso introduzir em outras esferas a fim de fazer do investimento em capacitação útil em termos de custo” (TORRES, 1996, p. 161).

Reconhecendo a importância do conhecimento geral no desempenho docente e a importância do sistema escolar como fornecedor desse conhecimento geral, a proposta atual do BM do recrutamento e a formação de docentes é: [...] (b) complementar a educação geral com uma curta formação inicial centralizada nos aspectos pedagógicos (TORRES, 1996, p. 165).

Maués (2009) mostra que com a escassez de professores, a EAD passa a ser mais um dos projetos da OCDE para que mais professores sejam formados devido às demandas da política neoliberal. Como faltam professores, chega a ser recomendado que, em nível superior, haja ênfase na prática em detrimento da teoria. Assim, as exigências da mundialização e da globalização são atendidas de forma mais rápida. Torres (1996) também aponta que a EAD está entre as recomendações do Banco Mundial para melhorar a educação de primeiro grau.

Segundo Maués (2009), em 2007, foi criado o PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação) que aumenta a oferta de cursos por meio da UAB (Universidade Aberta do Brasil) e torna a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) a principal agência reguladora para a formação de professores. Em 2008, a Conferência Nacional de Educação Básica traz como quinto eixo temático a formação e valorização profissional.

³ BM (Banco Mundial)

Todavia, o carro-chefe de tal conferência foi a EAD, o que mostra um contraste entre a preocupação com a formação e a proposta da EAD como possível solução para a questão, já que existem instituições de EAD que focalizam o ensino prático e ágil.

Apesar de todas as políticas de melhoria e reforma afirmarem definir-se em nome da aprendizagem, o mundo da escola, da sala de aula e da aprendizagem é visto como uma caixa preta, e o conhecimento e a discussão pedagógica como “tecnicismo”, como “a árvore que não deixa ver o bosque”. No bosque das macrovisões e das macropropostas mundiais e nacionais, assume-se como óbvio o esquema vertical acima-embaixo na formulação e aplicação das políticas educativas e, portanto, que “caem de pára-quedas” na sala de aula, por meio de leis e normas, currículos e textos, disposições institucionais e capacitação docente, o que, pressupõe-se, será recebido e assimilado pela instituição escolar, dirigentes, docentes, pais e alunos (TORRES, 1996, p. 140).

Na mesma perspectiva, Barreto (2001) retrata que a atual formação de professores brasileiros está ligada à globalização, ou melhor, ao globalitarismo⁴.

Como a formação está interligada à globalização, a EAD passa a ser um dos meios para que esta formação avance e acelere. Nesta linha de raciocínio, Barreto (2001) aborda a questão da flexibilidade (ritmo e condições do aluno para aprender tudo o que se vai exigir dele por ter completado aquele curso, disciplina ou nível de ensino. A instituição tem que estar preparada para esse conceito de flexibilidade, que vai exigir dela grande maleabilidade para responder a diferentes ritmos, como um dos maiores argumentos para o uso da EAD enquanto formadora ágil de profissionais. Isto para atender à demanda do mercado de trabalho, pois os cursos presenciais são considerados difíceis de serem acompanhados pela pessoa trabalhadora ou pelos indivíduos que habitam e trabalham longe dos centros de formação.

Geralmente, com o uso das TIC, os profissionais da educação recebem capacitação em serviço. Há financiamento para a prática docente, estágios, por exemplo, e pouco investimento em iniciativas produzidas nas universidades. O professor se torna um “*tarefa*iro, cuja competência é identificada à realização de procedimentos preestabelecidos, basta treinar habilidades desejáveis em curto prazo” (BARRETO, 2001, p. 27).

A preocupação é de formar um profissional com habilidades para o exercício de sua função e de que as TIC sejam capazes de formá-lo de maneira econômica e eficaz, de preferência, a distância. “Há uma aposta cada vez mais clara nos novos materiais instrucionais

⁴ Termo de controversas definições e que Santos (2007) define como um sistema político que usa os sistemas técnicos contemporâneos para produzir a globalização atual, conduzindo para relações econômicas implacáveis. Os transgressores do globalitarismo são marginalizados.

como substitutos da melhoria das condições de trabalho e formação dos professores” (BARRETO, 2001, p. 12).

Segundo Barreto (2001), predomina a visão de que o desempenho dos alunos depende mais dos materiais didático-pedagógicos do que da formação de professores. Assim, acredita-se no instrumentalismo, o qual crê que quanto mais tecnologia, menos mão-de-obra é necessária. Desta maneira, o professor precisa se habilitar para manusear os instrumentos didático-pedagógicos.

É possível intensificar o uso da força de trabalho por meio de uma suposta revolução tecnológica: cada vez mais alunos atendidos por menos professores e, até, cada vez mais demonstrações da eficiência dos meios para os fins estabelecidos. Com tantos materiais disponíveis, cabe aos professores fazer as escolhas ‘certas’ e controlar o tempo de contato dos alunos com eles. Com o deslocamento do foco do ensino para os materiais, na maioria das vezes tidos como auto-instrucionais, são esvaziados os vínculos lógicos entre as TIC a serem utilizadas no ensino e a formação do professor. Sequer precisa ser objetivada esta formação, uma vez que as TIC supostamente preenchem os vazios: programas de capacitação em serviço. Reciclagem para os ‘formados’ e estratégia de substituição de uma sólida formação inicial necessária (BARRETO, 2001, p. 17).

Consoante Barreto (2001), há necessidade de formação continuada para os professores graduados e uma formação inicial mais sólida, porém estas especificações não estão presentes nem muitas instituições do ensino presencial.

As políticas neoliberais podem ser assim sintetizadas: aligeiramento da formação profissional; capacitação em serviço para compensar uma fraca formação inicial; ensino desvinculado da pesquisa; “a concentração dos novos materiais em si”; a tecnologia mediando o sujeito; a EAD como um novo paradigma educacional brasileiro. “A EAD subsume as TIC e ela mesma é reduzida de modalidade a ‘instrumento’ para uma ‘finalidade’ (formar professores a distância, com ‘certificação’ ou ‘diploma’)” (BARRETO, 2001, p. 23).

Já Gouvêa e Oliveira (2006) apontam que a EAD é vista como a alternativa aos problemas educacionais brasileiros devido a sua abrangência. No Brasil, ela é voltada a programas de aperfeiçoamento e políticas públicas de formação de trabalhadores, em empresas da iniciativa privada. A EAD parece ter um caráter alternativo e secundário, principalmente, nos projetos que envolvem instituições públicas, associadas ou não às organizações não-governamentais, procurando sempre compensar rapidamente a defasagem na formação do trabalhador, o qual pode ser ou não professor.

Todavia, como a EAD demanda recursos humanos e tecnológicos, mesmo sendo uma modalidade que beneficia muitas pessoas, ela deve ser cuidadosamente planejada antes de ser adotada. Além do mais, a EAD não pauta na contiguidade física entre professor e aluno e

requer outros atores no processo de ensino-aprendizagem (GOUVÊA; OLIVEIRA, 2006, p. 40).

Com as imposições internacionais, o país passa a se preocupar com a educação. Estes órgãos internacionais costumam aplicar avaliações para saber como está a educação nos países membros através de outros órgãos, como a OCDE e a OMC5 (Organização Mundial do Comércio). Neste contexto, no qual os dados do Brasil obtidos pelos órgãos internacionais não são satisfatórios, a educação precisa de atenção e para que haja melhora, é necessário qualificar os docentes. Deste modo, os programas de EAD se propagam para graduarem professores, mas, programas mal planejados, conseqüentemente, produzem profissionais mal qualificados.

Os programas de EAD estão voltados para atender a uma demanda econômica, mas muitos deles não priorizam o acadêmico. No bojo dos programas que desqualificam o trabalho docente está a divisão do trabalho docente (maior na EAD do que no ensino presencial). Então a legislação no Brasil está ligada à globalização e ao contexto neoliberal.

1.2 Referenciais sobre o ensino superior a distância no Brasil

Como já foi assinalado, vive-se uma época na qual a formação do professor é uma das grandes preocupações, pois se acredita que o professor é um dos maiores responsáveis pela questão da qualidade na educação. Neste quadro, a EAD é vista como uma saída para a formação rápida de docentes. A LDB 9.394/96 se inclui como uma das estratégias de adequação do Brasil às normas educacionais impostas por órgãos internacionais.

Diante de tal situação, consta na LDB 9.394/96, no artigo 87, capítulo 3º, inciso III que os professores em exercício precisam receber capacitação, utilizando para isso também a EAD.

O artigo 80 da LDB 9.394/96 discorre sobre a EAD. O decreto nº 2.494 de 10 de fevereiro de 1998, no qual o artigo 80 da LDB foi regulamentado, a EAD ficou definida como uma forma de ensino que permite a autoaprendizagem através de recursos didáticos sistematicamente organizados sob diferentes suportes de informação e veiculados por diversos meios de comunicação.

⁵ Projetos de EAD viabilizam as perspectivas da OMC de transformar o ensino e saúde, serviços essenciais, em objetos de oscilantes investimentos privados. Sob essa perspectiva, o ensino a distância ao invés de universalizar o direito à educação contribui para internacionalizar o mercado educacional.

O decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, é lançado no intuito de regulamentar o artigo 80 acima citado. O artigo 1º deste decreto caracteriza a EAD como modalidade de educação didático-pedagógica que ocorre por meio da utilização das tecnologias da informação e educação, com alunos e professores realizando atividades educativas em lugares ou tempos distintos.

De acordo com o inciso I, há obrigatoriedade de momentos presenciais em cursos de EAD para que os alunos sejam avaliados e para que eles possam estagiar. Também para a defesa de trabalhos de conclusão de curso se estiverem no regime da instituição e ainda para as atividades de laboratório se estas existirem. Estes encontros presenciais são feitos nos polos de apoio. O artigo 12 asserta que o polo presencial é a unidade operacional, no Brasil ou no exterior, para o acontecimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas dos cursos e programas de EAD. O artigo 2º diz que a EAD poderá ser utilizada para a educação básica, para a educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional, educação superior e ainda para a oferta de cursos de pós-graduação.

O artigo 3º mostra que os cursos de EAD precisam ter a mesma duração de cursos presenciais e que os estudos podem se transferir de um curso de EAD para um curso presencial ou vice-versa com o aproveitamento de matérias. O inciso II do artigo 4º afirma que os diplomas de cursos via EAD expedidos por instituições credenciadas e registradas pela lei terão validade no território nacional.

No artigo 7º afirma-se que cabe ao MEC e seus órgãos de articulação organizar a cooperação e integração entre os sistemas de ensino para padronizar os procedimentos, ou seja, credenciar e renovar o credenciamento das instituições que ofertam cursos por meio da EAD. É afirmado no artigo 10, no inciso I, que será aceita a instituição de ensino superior de EAD que tiver realização de atividades presenciais obrigatórios na sede ou em polos presenciais e que aplicar avaliações. O inciso IV mostra que os polos funcionarão mediante atendimento de comprovação dos requisitos dos referenciais de qualidade.

O artigo 20, inciso III, mostra que o número de vagas em instituições superiores de EAD será de autonomia da própria universidade levando em consideração sua capacidade institucional, tecnológica e operacional. Todavia, as instituições que não tiverem prerrogativa de autonomia universitária deverão ter o número de vagas a serem definidas pelo MEC.

De acordo com o artigo 33, as instituições credenciadas para a oferta de cursos via EAD precisam ter em todos os seus documentos institucionais e também em seus materiais de divulgação referência sobre o credenciamento, autorização e reconhecimento de seus cursos e programas.

O inciso III do artigo 1º do decreto nº 5.773 de 9 de maio de 2006 mostra que o SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) é referencial básico para os processos de regulação e supervisão da educação superior.

O artigo 3º afirma que cabe ao MEC, ao CNE (Conselho Nacional de Educação), ao INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) e ao CONAES (Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior) regular, supervisionar e avaliar as instituições que ofertam cursos a distância.

Desde 1996, com a publicação da LDB 9.394/96, há fomento da EAD. Este movimento vem se intensificando também a partir de 1998, ano no qual o MEC começou a cadastrar instituições de ensino superior para oferecimento de cursos a distância utilizando vários tipos de mídia, como CD-ROM, videoconferência, Internet e outros. Os programas de EAD se disseminam aceleradamente e o governo não ocupa espaço, mas sim as empresas. Fato este que pode ser verificado com o Censoead.br no Brasil de 2010, pois apenas 25% dos alunos de EAD estão em instituições públicas e os outros 75% em instituições privadas.

Os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância (2007), mesmo não sendo um documento que tem força de lei, servem como um norteador para atos legais do poder público em relação aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da EAD. Esses Referenciais de Qualidade circunscrevem-se no ordenamento legal vigente em complemento às determinações específicas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, do Decreto 5.622, de 20 de dezembro de 2005, do Decreto 5.773, de junho de 2006 e das Portarias Normativas 1 (um) e 2 (dois), de 11 de janeiro de 2007.

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi instituída no dia vinte de dezembro de 2005 pelo Decreto nº 5.800 (cinco mil e oitocentos) para que a modalidade a distância pudesse se desenvolver e se expandir para oferecer cursos e programas de educação superior no país. A UAB promove a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior e apóia pesquisas respaldadas em TIC.

Além disso, incentiva a criação de polos de apoio presencial dos cursos superiores e de pós-graduação (*lato sensu*) em locais estratégicos. A UAB funciona por meio de uma parceria entre três níveis governamentais (federal, estadual e municipal) e as universidades públicas, inclusive as organizações interessadas para a oferta de cursos de graduação e pós-graduação.

Observa-se que a demanda por programas de EAD abriu espaço para que as instituições particulares se ampliassem, já que as públicas não ocuparam seu devido lugar. Fato este verificado também nas instituições particulares presenciais que já tinham mais alunos que as públicas desde a reforma de 1990.

As instituições particulares estão se alastrando pelo país afora, assim, muitas pessoas, principalmente, professores, estão se graduando. Mas e o quesito qualidade? Os cursos superiores de EAD têm que ter apenas 20% de sua carga feita presencialmente, os demais 80% podem ser feitos a distância, mesmo que muitos creem que os cursos superiores podem ser feitos apenas a distância. Então, para que haja qualidade no ensino, estes programas precisam ser acompanhados e regulamentados criteriosamente pelo MEC. Todavia, se torna uma árdua tarefa para o MEC verificar estes cursos, já que eles se expandem rapidamente e a análise minuciosa requer tempo e um trabalho de acompanhamento detalhado.

O Censoead.br (2010) aponta um avanço da educação privada em relação à educação pública em EAD. Em 2005, o número de estudantes na rede privada superou o número de estudantes na rede pública. E estes números cresceram muito desde então sendo que, em 2007, 70% dos alunos dos cursos superiores a distância estavam na rede particular.

Consoante o Censoead.br (2010), em 2008, foram lançados 269 cursos a distância no país, 90% a mais em relação ao ano anterior. Observa-se que há um maior crescimento de lançamento de novos cursos na área de pós-graduação e de extensão. Já o lançamento de cursos de graduação e de graduação tecnológica estabilizou-se. Verifica-se que o setor privado tem lançado mais cursos que o público. Em 2008, as instituições privadas lançaram 97% a mais, já as públicas lançaram 41% a mais.

Há mais cursos superiores e de alunos nos cursos de administração e de pedagogia tanto nas instituições que EAD quanto nas de ensino presencial. “Esse volume maior na área de pedagogia e formação de professores em geral justifica-se pela demanda de professores sem formação adequada no país” (CENSOEAD.BR, 2010, p. 04).

Observa-se, então, que, já que o MEC não consegue acompanhar a expansão dos cursos superiores de EAD como deveria, este ministério deveria expandir a UAB, pois a mesma é um sistema do próprio MEC. Mas não é o que se observa. As instituições privadas estão se disseminando mais rapidamente e conquistando mais público do que a UAB.

Já que se é necessário estudar, muitas instituições se aproveitam desta situação e fornecem estudo e cultura de forma dinâmica, mas muitas delas não se preocupam com a qualidade, então, o aluno vira um consumidor e “compra” o conhecimento, na verdade, o certificado.

Enfim, o apoio e incentivo que a EAD tem recebido dos organismos internacionais e das políticas públicas brasileiras são fatores que se articulam para a dinâmica de expansão do ensino superior, especialmente dos cursos de formação de professores no Brasil.

Abordaremos a seguir, as concepções ou abordagens político-pedagógicas que têm fundamentado a EAD no Brasil, com base nos autores que têm se dedicado ao tema e os modelos de EAD.

1.3 Modelos de EAD: dos determinantes econômicos às potencialidades educacionais

Como a EAD vem se expandindo no país como um meio de formação docente, é necessário analisar, mesmo que panoramicamente, os estudiosos internacionais que influenciaram e influenciam as abordagens de autores brasileiros e as abordagens vigentes no Brasil.

Sabendo-se que a realidade da EAD é distinta no país de acordo com os modelos de EAD, nos quais se encontram contradições e possibilidades, estes modelos serão aqui abordados também.

Um dos autores que influenciam os estudos e as visões de pesquisadores das abordagens de EAD no Brasil é Otto Peters. De forma sucinta, a visão de Peters mostra uma didática da tecnologia (contato com os recursos tecnológicos educacionais e contato com propostas pedagógicas de utilização de tais recursos), na qual a massa colaborativa é atingida pelas TIC.

Estudo a distância é um método racionalizado (envolvendo a definição de trabalho) de fornecer conhecimento que (tanto como resultado da aplicação de princípios de organização industrial, quanto pelo uso intensivo da tecnologia que facilita a reprodução da atividade objetiva de ensino em qualquer escala) permite o acesso aos estudos universitários a um grande número de estudantes independentemente de seu lugar de residência e de ocupação (PETERS, 2001, p.111).

As distintas formas de ensinar e aprender no ensino a distância são fundamentais diante das transformações impostas pela revolução digital, porque “surgiram em diferentes contextos socioculturais e, na maioria dos casos, se compõem também de elementos que podem ser facilmente combinados de outra forma” (PETERS, 2007, p. 381).

O contexto de evolução atual das TIC permite ao ensino a distância uma flexibilidade que dificilmente tem a chance de ser superada. As universidades presenciais, diante da progressiva digitalização do ensino e da aprendizagem, podem optar por elementos do ensino a distância, como. Desta maneira, aparecem as premissas para formar uma universidade do futuro possível ou até mesmo provável. Todavia, a flexibilidade de currículo e de metodologia tem que ser cuidadosamente manejada para não haver fracassos.

Esta visão da universidade do futuro indica como realmente são importantes as mudanças de paradigma educacional que abordamos. Os professores devem não apenas compreender esta mudança fundamental, como também a necessidade de se tornarem agentes ativos desta mudança. Ao mesmo tempo, têm que assumir responsabilidade, já que devem atuar como protetores de seus alunos contra aquelas forças tecnológicas que levam longe demais a mecanização da educação apenas para ter mais lucro. Os professores devem ficar alertas, já que devem protestar e reagir quando o exagero desnecessário de entusiasmo tecnológico desumanizar o processo de ensino e aprendizagem e assim se tornar prejudicial à educação (PETERS, 2001, p. 64).

A universidade do futuro, segundo Peters (2007), conta com a didática do ensino a distância, pois esta pode mudar os sistemas de ensino e de aprendizagem tradicionais e apressar as mudanças. Esta universidade pode aumentar e diversificar bastante a quantidade de alunos.

Ela possibilita, ainda, integrar ao ensino e à aprendizagem os meios eletrônicos de informação e comunicação, incentivando o estudo autônomo e individualizado. Para o autor, trata-se de uma universidade que planeja, desenvolve, avalia e melhora projetos supra-regionais do ensino, de formação complementar científica e profissionalmente. Com isso o ensino a distância aponta para o futuro da sociedade da informação, no qual suas concepções serão mais importantes do que atualmente.

Michael Moore (2002) avança em relação a Otto Peters ao explorar a distância transacional, preocupando-se com a distância que as TIC promovem. Segundo Rodrigues e Calvo (2009), por volta de 1993, Michael Moore introduz a teoria da distância transacional, diferenciando distância física de distância comunicativa ou psíquica. A base de sua teoria teve suporte nas teorias de Peters (industrialização) e Wedemeyer (aprendizagem), onde ele propôs uma teoria unificada, a qual chamou de teoria da distância transacional. Alicerçada no postulado de que a distância é uma questão mais pedagógica do que física, o que interessa avaliar é quais são as consequências práticas da distância no processo educativo, nos alunos, nos professores, na interação, entre outros. Moore recupera a relação entre professor e aluno na EAD⁶.

A teoria transacional pode ser explicada quando há diálogo entre professor e aluno na EAD.

⁶ Segundo Tractenberg e Tractenberg (2007), nos anos de 1970, Michael Moore se destacava em relação ao ensino e a aprendizagem independente da distância. O modelo de Moore tinha ênfase na autonomia dos alunos, na mediação comunicacional e na mudança do papel do professor e esta visão serviu como fundamento para a posterior criação da teoria transacional.

A extensão do diálogo e a flexibilidade da estrutura variam de programa para programa. É essa variação que dá a um programa maior ou menor distância transacional que outro [...] Em programas mais distantes, onde menos ou pouco diálogo é possível ou permitido, os materiais didáticos são fortemente estruturados de modo a fornecer toda a orientação [...] Por conseguinte, em programas muito distantes, os alunos precisam se responsabilizar por julgar e tomar decisões acerca das estratégias de estudo (MOORE, 2002, p. 73).

Nesta perspectiva, o aluno autônomo participa de um programa de EAD e tem êxito por fazer parte de um curso organizado. Esta teoria não se refere simplesmente à separação geográfica entre aluno e professor, mas a um conceito pedagógico. É um termo que descreve as interrelações entre aluno e professor quando estes estão separados pelo espaço e, muitas vezes, pelo tempo.

Moore tem o mérito de ter esclarecido, em outro plano teórico e reduzido a um conceito, aquilo que foi tentado com a ajuda dos modelos da correspondência, do diálogo, do professor, dos tutores e da transmissão eletrônica, a saber, reduzir a distância entre docentes e discentes por meio de simulação (PETERS, 2007, p. 63).⁷

Assim, a transacionalidade depende da medida em que docentes e discentes podem interagir simultaneamente, sendo que esta é influenciada pelo modo como o caminho está organizado para que o aluno possa estudar por programas bem organizados.

A distância transacional atinge seu auge quando docentes e discentes não têm qualquer intercomunicação e quando o programa de ensino está pré-programado em todos os detalhes e prescrito compulsoriamente, sendo que, conseqüentemente, necessidades individuais não podem ser respeitadas. E analogamente ele é menor se o programa de estudos está aberto, isto é, não fixado, sendo que, por isso, enseja frequentes diálogos, nos quais podem expressar-se os pré-conhecimentos, interesses e desejos dos estudantes individualmente, determinando o andamento do ensinar e aprender (PETERS, 2007, p. 63).

Tanto Otto Peters quanto Michael Moore tratam da relação entre os alunos e a EAD. Peters trabalha com a teoria da industrialização⁸ e Moore com a teoria da autonomia. Peters afirma que a EAD é distinta da educação presencial, já que a EAD é resultado da forma mais industrial de ensino e da aprendizagem. Moore, ao falar sobre a teoria transacional, está se referindo ao espaço cognitivo entre instrutores e aprendizes.

⁷ Em outras palavras, Moore faz uma distinção entre a distância física e a comunicativa (psíquica) e para a última vem o conceito da distância transacional, dependendo se os alunos podem ou não se comunicar com os docentes. Todavia, isso depende do modelo de EAD escolhido pela instituição de ensino superior.

⁸ Segundo Feenberg (2000), a teoria da industrialização refere-se ao ensino organizado de forma fabril com baixo custo através de CDs, vídeos, softwares, etc.

Outros atores que estudam a EAD são Rena Palloff e Keith Pratt. Segundo eles, a “[...] aprendizagem a distância por computador é um fenômeno crescente. Algumas pessoas espantam-se com esse fato e acreditam que é o sinal de que a educação tradicional está chegando ao fim” (PALLOFF; PRATT, p. 191, 1999). Acredita-se ainda que os professores não mais serão necessários. Diante de tais crenças, os autores propõem uma pedagogia eletrônica.

A pedagogia eletrônica não defende a eliminação dos professores, e, sim, o contrário. Incentivamos o desenvolvimento de novas abordagens e habilidades para o corpo docente, para que lecionem mais eficientemente nesse meio. A pedagogia eletrônica não trata de softwares ou da conversão de um curso tradicional em um curso on-line, mas sim do desenvolvimento das habilidades envolvidas na construção da comunidade entre um grupo de alunos de modo a maximizar os benefícios e o potencial do meio para a educação (PALLOFF; PRATT, p. 1991, 1999).

No que diz respeito à formação de profissionais através da EAD com suporte das TIC, Almeida e Prado (2005) consideram que esta possibilita romper com as distâncias geográficas e com a limitação temporal, explorar meios de comunicação síncronos e assíncronos, viabilizar larga escala de participação aliada com a produção colaborativa de conhecimento, respeitando as características do contexto e as necessidades do indivíduo. Na verdade, o tecnológico deve se subordinar, pois as tecnologias são meio e não fim.

Já Barreto (2001) afirma que há modelos de EAD em que se aposta cada vez mais nos materiais instrucionais como substitutos para melhorar as condições de trabalhos e também a formação dos professores. As TIC e a EAD são vistas como fenômenos externos, mas não como partes integrantes e indissociáveis do fenômeno educativo, como deveriam ser. Esta visão faz com que a educação e seus rumos fiquem subordinados à tecnologia se ela for considerada fim e não meio de interação.

Ainda a este respeito, Lima Júnior e Pretto (2005) afirmam que não se pode se contentar com simples apropriações tecnológicas, como se elas pudessem sozinhas reverter situações. É por isso que se precisa enxergar que, com essas potencialidades, pululam elementos que, longe de serem unificadores, constituem-se em diferenciadores dos seres e de suas culturas, passando a polos geradores de novas articulações.

Neste contexto, as tecnologias atuais operam diferentemente das antigas, pois passam a operar com ideias, ou seja, as máquinas não estão mais a serviço do homem, mas interagem como ele, formando um grupo homem-máquina pleno de significado.

As tecnologias e a relação do homem com elas estão impregnadas de dimensões políticas e sociais, assim, a característica mais importante atualmente é a não completude. “E essa incompletude é característica do mundo contemporâneo” (LIMA JÚNIOR, PRETTO, 2005 p. 03).

É importante perceber que no movimento de consolidação da EAD há aspectos/elementos que terminaram por destacar algumas das “ilusões” presentes em seus projetos/programas. Ilusões estas que se esfumam ao reafirmarmos o entendimento, por exemplo, de que não existe “aprendizagem” a distância quando professores e alunos estão isolados em seus “lugares” sociais e geográficos. Daí concluir que a aprendizagem depende de “encontros”, convivências. Estes elementos são significativos na organização de sistemas de EAD. Assim, mais do que organizar processos de ensino, a ideia de “encontro” aparece como elemento catalisador dos processos da aprendizagem (LIMA JÚNIOR, PRETTO, 2005, p. 10).

Observa-se que a EAD recebe ferrenhas críticas ao ser realizada de maneira instrumental e industrial, o que vêm ocorrendo com cursos superiores de EAD que não focam a qualidade, mas o lucro. Todavia, a EAD é válida quando os programas são bem planejados e procuram se aprimorar paulatinamente. A aprendizagem efetiva ocorre em programas preocupados de fato com o processo de ensino e aprendizagem

Diante deste contexto, conforme Belloni (2009), há programas de EAD de formação em massa, objetivando atender a um maior número possível de pessoas em menor tempo.

Nas últimas décadas, muito do que se escreveu, disse e fez em EAD baseava-se em modelos teóricos oriundos da economia e da sociologia industriais, sintetizados nos “paradigmas” fordismo e pós-fordismo. A importância deste debate é crucial, já que estes modelos (criados para descrever formas específicas de organização da produção econômica) têm influenciado não apenas a elaboração dos modelos teóricos, mas as próprias políticas e práticas de EAD, no que diz respeito tanto às estratégias desenvolvidas como à organização do trabalho acadêmico e de produção de materiais pedagógicos (BELLONI, 2009, p. 09).

Segundo Belloni (2009), a polêmica que opõe os modelos fordista e pós-fordista vem desde os anos 80 e gira sobretudo em torno do trabalho de Otto Peters⁹. Peters vem contrastando a EAD, desde os anos de 1970, com a produção industrial de bens e serviços. A EAD de modelo fordista segue parâmetros similares à produção industrial: “racionalização, divisão de trabalho, mecanização, linha de montagem, produção de massa, planejamento, formalização, standardização, mudança funcional, objetivação, concentração e centralização” (BELLONI, 2009, p. 09). Para Peters (apud BELLONI, 2009), a EAD é uma transposição da era industrial e tecnológica para a educação.

⁹ Um dos maiores influenciadores dos estudos da EAD no Brasil.

Com as críticas diante da EAD industrial e tecnológica no estilo fordista de educação, surge com outra visão, a EAD mais aberta e flexível. Desta maneira, ambas coexistem até hoje. A partir dos anos de 1990, o modelo fordista foi se enfraquecendo, pois a EAD mais aberta e flexível se enquadra mais adequadamente com a era atual. Todavia, aquele modelo continua a existir. Farnes (1993) apud Belloni (2009) enfatiza o fato de haver educação presencial também industrial e estandardizada. A flexibilização da educação aberta precariza o fator trabalho e enfraquece a sua habilidade de pressão. Outro fato válido é que estas transformações estão longe de acontecer em todo o mundo, mas constituem tendências nas principais economias mundiais.

De acordo com Toschi (2004), a lógica fabril prevalece na EAD, pois nem sempre as ferramentas de comunicação atualmente disponíveis são utilizadas em favor à interação de alunos e professores. Observa-se, em muitos casos, a presença da comunicação hipodérmica, ou seja, unidirecional. E através desta concepção que a EAD é divulgada como instrucional e não formativa.

Aplicadas à organização de sistemas de EAD, as estratégias fordistas sugerem a existência de um provedor altamente centralizado, operando em *single-mode* (isto é, exclusivamente em EAD), de âmbito nacional, fazendo economias de escala através da oferta de cursos estandardizados para um mercado de massa e justificando deste modo um maior investimento em materiais mais caros. Um sistema de tal modo racionalizado implica um incremento do controle administrativo e uma divisão do trabalho mais intensa, já que o processo de produção é fragmentado num número crescente de tarefas (BELLONI, 2009, p. 14).

Segundo Belloni (2009), a educação aberta utiliza a EAD para atender às diversidades de currículo e de docentes e para atender a uma demanda do país e também regional.

A educação aberta é uma consequência do mundo pós-moderno. “O crescimento e diversificação da demanda de educação e formação faz parte das mudanças mais gerais e pressionam as instituições educacionais gerando dificuldades de atendimento eficiente através dos meios tradicionais, o que” faz com que faz com que o sistema adote formas mais flexíveis em sua organização e nas formas de produção e distribuição dos currículos (BELLONI, 2009, p. 18).

A diferença fundamental entre os dois modelos de EAD é: a ênfase na demanda, seja do posto de vista do sistema de produção, seja desde perspectiva das exigências e expectativas do estudante, considerado como consumidor. Tal perspectiva condiz perfeitamente com a filosofia da centralidade do aprendente como princípio orientador da aprendizagem aberta e a distância. Isto pode significar que as instituições educacionais incorporem formas de flexibilidade de gestão de processos de trabalho encontradas na empresa privada (BELLONI, 2009, p. 19).

Santos e Silva (2005) sugerem melhorias para a EAD no país. Ao invés da presença de um paradigma tradicional unidirecional, a interatividade e a aprendizagem colaborativa e dialógica podem e devem ser utilizadas, pois elas estimulam a co-criação e a autoria crítica e colaborativa. Diante deste contexto, é sugerido que a EAD seja ofertada por meio de propostas que aceitem a imersão e a colaboração dos alunos.

Belloni (2009) traz definições para os termos interação e interatividade. Interação, em sua origem sociológica, é o encontro de dois ou mais sujeitos onde ocorre a intersubjetividade de forma direta ou indireta (através de algum meio de comunicação). Já a interatividade tem dois significados, mas estes vêm sendo usados de forma indistinta. Uma definição é a possibilidade técnica oferecida por certos meios e a outra é a atividade humana de agir sobre a máquina e receber uma retroação da máquina.

“As NTICs oferecem possibilidades inéditas de interação mediatizada (professor/aluno; estudante/estudante) e de interatividade com materiais de boa qualidade e de grande variedade.”. O uso de técnicas de interação mediatizadas pelas redes telemáticas “(e-mails, listas e grupos de discussão, websites, blogs, chats e outras) apresentam grandes vantagens” por possibilitar a combinação entre a flexibilidade da interação do ser humano “com a independência do tempo e do espaço, sem por isso perder a velocidade” (BELLONI, 2009, p. 91).

Os modelos pós-fordistas se fundamentam na lógica da cidade com modelos de *broadcasting* e interativos. “[...] o modelo interativo se fundamenta nas trocas e valorização dos processos comunicativos horizontais e individualizados, sem perder a perspectiva coletiva” (TOSCHI, 2004, p. 93).

De forma diferente de uma situação de aprendizagem presencial, onde a mediação pedagógica é realizada pelo professor em contato direto com os alunos, na EAD a mídia se torna uma necessidade absoluta para que haja comunicação educacional.

Um quadro criado por Toschi (2004) resume as características dos modelos, mas a autora alerta que não há formas puras e que as características se interpenetram. Inclusive uma característica dos dois modelos é que a responsabilização individual pela formação.

Quadro 1 – Características dos modelos

Fordismo – Indústria – Fábrica Broadcasting	Pós-fordismo – Serviços – Cidade Interativo
produção em massa; produtos estandardizados; evita a interação pessoal e crítica; isolamento; pacotes educacionais; não se aproveita do que é melhor na rede; excesso de especialização (quem elabora não é quem ministra o curso); burocratização das tarefas; planejamento centralizado; distribuição em larga escala; alta relação professor/aluno.	estar juntos (professores e alunos); valorização das trocas e das atividades de comunicação; planejamento flexível; baixa relação professor/aluno; EAD como serviço (atendimento mais personalizado); cursos diversificados; trocas permanentes entre ensinantes e aprendentes; diversidade e diferenciação no planejamento do curso.

Fonte: TOSCHI (2004, p. 93)

Outra questão pertinente à EAD é apontada por TOSCHI (2004): os modelos comunicativos e a sua relação com os modelos de EAD considerando-se os estudos sociológicos e comunicacionais. Os modelos são classificados em informacional, semiótico-informacional e semiótico-textual.

De acordo com Toschi (2004), o modelo informacional objetiva melhorar a transmissão e a eficiência das mensagens em um nível global. Mais ênfase é dada ao processo comunicativo do que à mensagem. Nesta perspectiva se encaixam os cursos de EAD que se preocupam mais com as técnicas que medeiam docentes e discentes do que com a apreensão dos conteúdos e do que com os processos interativos.

No modelo semiótico-informacional, além da linearidade de transmissão do modelo infomacional, valores semânticos são acrescentados a ele, “passando da compreensão de comunicação como transferência de informação para o de transformação de um sistema por outro [...]”. Neste modelo, os locutores criam um processo negocial de códigos e sub-códigos para a ação comunicativa (TOSCHI, 2004, p. 96).

De acordo com Toschi (2004), no modelo semiótico-textual há mais do que trocas comunicativas, há relações comunicativas feitas em torno de práticas textuais. Na EAD, aparece em modelos que consideram os processos comunicativos e as diferenças de significados que as mensagens podem ocasionar, o que gera a necessidade de comunicação entre professores, tutores e cursistas. Entretanto, nenhum dos três modelos correspondem às possibilidades comunicativas que as TIC oferecem.

Com a existência dos modelos, há possibilidades educativas. “Cabe às instituições definir e agir, conforme seus pressupostos, concepções e objetivos sociais. O importante é ter claro que em educação não há neutralidade e na EAD isso fica muito mais evidenciado” (TOSCHI, 2004, p. 97).

Toschi (2004) diz que falar de EAD não é falar de materiais impressos, estudos por correspondência, por exemplo, significa a inserção de distintas mídias, como rádio, televisão, vídeo, tele e videoconferência, internet. A internet, por sua vez, possibilitou a criação de um novo momento na EAD, já que a rede mundial de computadores (usando a informática, a multimídia e a telemática) inclui todos os tipos de mídias com processos de comunicação distintos. Há a comunicação “um para um”, “um para todos” e “todos para todos”.

Essa compreensão diferenciada de EAD entende que podemos construir uma sociedade que seja regida não pelo modelo da fábrica, obcecada pela eficácia obtida pela mecanização e a gestão, mas sim por uma outra lógica, que é a da cidade, que é o lugar das interações cosmopolitas e onde a comunicação se fortalece (TOSCHI, 2004, p. 85)

Pode-se concluir indicando que, no Brasil, dois estudiosos influenciaram as pesquisas dos autores nacionais: Otto Peters e Michael Moore. De forma sucinta, Peters crê que o ensino a distância é uma maneira industrial de ensino e de aprendizagem, pois há divisão do trabalho, emprego de meios técnicos e a EAD abrange uma grande massa simultaneamente. Moore criou a teoria transacional, na qual se sabe que a distância existe na EAD, mas esta pode ser diminuída se a comunicação entre professor e aluno for eficiente. Mesmo com uma influência tecnicista, há no país modelos de EAD mais flexíveis e mais abertos que possibilitam a interação e a interatividade.

Este capítulo pretendeu fazer uma análise entre a EAD, a formação de professores, a globalização e o neoliberalismo. A globalização se instaurou de forma mais marcante a partir dos anos de 1990 devido às ações neoliberalistas para amenizar a influência do Estado no mercado.

Com o avanço das TIC, a EAD veio ao encontro das expectativas da globalização e do neoliberalismo. A educação tem sido considerada como a “salvadora da pátria” para os países menos desenvolvidos. E para disseminá-la, a EAD pode fazer isso de forma mais rápida e mais abrangente.

Diante deste contexto, utiliza-se a EAD para formar professores. Neste tipo de educação, o tutor é um dos profissionais que compartilha das tarefas habitualmente atribuídas ao professor. E o tutor presencial é um personagem que tem se colocado como importante para os processos de apoio pedagógico e afetivo aos alunos de cursos a distância. Este ator, suas funções e a sua formação, serão o objeto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

O TUTOR, SUAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES E SUA FORMAÇÃO

“Se mal já entramos na era das respostas automáticas e há muito tempo já existem os tutoriais, creio que a educação a distância, para continuar sendo assim denominada, seguirá exigindo a figura do tutor humano” (SCHMID, 2004, p. 283).

O presente capítulo objetiva mostrar, por meio de uma revisão de literatura, as funções atribuídas ao tutor presencial de EAD e o tipo de formação da qual este profissional tem sido alvo.

Mundialmente, na década de 1990, inicia-se uma reestruturação no âmbito político-econômico que busca estabelecer novas diretrizes para os países em desenvolvimento. Especificamente no Brasil, estas transformações foram delimitadas a partir de propostas elaboradas à luz das intervenções dos organismos internacionais, em particular o Banco Mundial.

Essas intervenções propunham, dentre outros, empréstimos para o financiamento de projetos de desenvolvimento para esses países. Esses empréstimos passaram a estar condicionados à implantação de reformas no âmbito econômico, político e administrativo e, principalmente, ao neoliberalismo, reforma do Estado no sentido de redução das suas funções. Essas reformas geraram transformação na educação preconizando a necessidade de assegurar uma educação básica de qualidade a crianças, jovens e adultos.

No Brasil, as transformações tiveram maior impacto a partir de 1990, com o então presidente Fernando Collor de Mello, que readequou as ações políticas e econômicas do país para a abertura comercial e a concorrência com o mercado internacional. Disseminou-se a ideia de que, para ser competitivo no mundo globalizado, tornava-se necessário que o

mercado de trabalho se adequasse aos códigos da modernidade. Então, a educação foi vista como o cordão de sustentação para o progresso.

Dentre os programas que foram impulsionados para atender à globalização e do neoliberalismo, destaca-se a EAD. No Brasil, os cursos de EAD com o maior número de alunos são os de licenciatura. Este fato ocorre, como apontado por Toschi (2004), porque no país há uma grande demanda por professores.

Vários profissionais participam da EAD, como os professores, designers de curso, tutores, etc. Todavia, o tutor presencial se tornou objeto de estudo deste trabalho por ser um profissional requerido pelos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007) e pela necessidade de verificar quais são as funções atribuídas a este profissional e analisar, panoramicamente, a sua formação. A interação e a interatividade suprem a presença humana na EAD, mas a legislação brasileira ainda exige a presença dos tutores presenciais em cursos superiores de EAD, por isso a pertinência deste estudo.

As atribuições do tutor presencial abrangem grande amplitude e diversidade. Em geral, na formação de adultos, como é o caso do ensino superior, o tutor está encarregado de intervir para facilitar o processo de aprendizagem e de assegurar um acompanhamento pedagógico dos alunos. Ele deve assumir o papel de apoio, de orientação e de fonte de informações. Ele deve, ao mesmo tempo, facilitar o repasse de informações e ajudar o aluno em seu processo de aprendizagem e de assimilação dos conhecimentos¹⁰.

Quais seriam, de fato, as funções do tutor? Ou melhor, que funções ele teria condições de desempenhar? Que formação ele recebe para isto? Estas questões serão levantadas neste capítulo.

2.1 O tutor presencial: um dos principais atores da EAD?

Tutor é uma palavra genérica, correntemente utilizada, mas que apresenta diversas acepções tais como mentor, moderador, animador ou ainda facilitador. Ela é oriunda do termo inglês tutor que teria surgido no fim do século XVIII no sistema monitoral de Bell e Lancaster¹¹. A partir daí, o termo disseminou-se na área educacional.

¹⁰ Romão (2008) fez uma pesquisa com professores tutores e aponta que ocorrem conflitos permanentes nesta função porque o tutor precisa trafegar, sem estar preparado, por todas as áreas do conhecimento.

¹¹ Método Bell-Lancaster, também denominado de ensino mútuo, é um método de ensino que se tornou popular em escala mundial no decorrer do século XIX, sendo baseado na utilização dos alunos mais hábeis como auxiliares do professor. Ferreira (2010) mostra que o método Lancaster foi desenvolvido por Joseph Lancaster e implantado na Província Cisplatina na época em que o General Carlos Frederico Lecor, o Barão de Laguna, esteve no comando do governo desta província. Este método consiste em um único mestre que instrui, com a

Segundo o dicionário Michaelis¹², o tutor é um “indivíduo legalmente encarregado de tutelar alguém; protetor, defensor”. O Dicionário online da Língua Portuguesa¹³ define tutor como um “indivíduo que exerce a tutela de um menor ou de um interdito; defensor, protetor”.

No contexto contemporâneo e integrado ao domínio da EAD, o termo tutor tem sido utilizado para designar os profissionais da EAD que se fazem presentes e auxiliam os alunos nos momentos presenciais e a distância dos cursos superiores a distância.

Ao se referir aos tutores presenciais de EAD, Peters (2001) diz que são orientadores ou facilitadores individuais e pessoais que se encontram com os alunos para conversas longas e minuciosas. Eles guiam os estudantes. Moore e Kearsley (2007) afirmam que o tutor presencial tem um caráter intencional de auxiliar e criar formas para ajudar o aluno a aprender.

Há muitos programas de cursos superiores de EAD nos quais há divisão do trabalho, por exemplo, o professor é quem ministra as aulas e/ou produz os materiais, o tutor a distância é quem auxilia os alunos na solução de dúvidas a distância, já o tutor presencial ajuda os discentes presencialmente. O tutor presencial ou o tutor a distância corrigem as avaliações dos alunos, dependendo do programa da instituição. Além dessa divisão de trabalho, o tutor presencial precisa ser polivalente, pois precisa ter diversas capacidades por lhe serem atribuídas muitas funções.

O foco deste estudo reside na tutoria presencial dos cursos superiores a distância. No Brasil, os cursos superiores a distância costumam contar com três profissionais específicos que atuam nas áreas atribuídas ao professor no ensino presencial: o tutor a distância, o professor e o tutor presencial.

Segundo Corrêa (2007), de forma genérica, o tutor a distância é o profissional que interage com o aluno através de um meio a distância, como correspondência, e-mail, etc. Dentre as funções do tutor a distância atual, destacam-se: o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem, orientação dos alunos, esclarecimento de dúvidas, correção de trabalhos e avaliações, participação em fóruns, realização de chats com os alunos e comunicação pelo sistema de mensagens.

Um modelo comum na EAD, mas nem todo curso de EAD funciona desta forma, consiste no professor ser o docente que ministra a aula e/ou produz o material. Essas aulas são transmitidas ao vivo ou através de DVDs, por exemplo. Este profissional é o professor que

ajuda de monitores, até mil alunos. E cada aluno tem que aprender a ler, a escrever e a contar em apenas oito meses.

¹² <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palava=tutor>

¹³ <http://dicionariodeportugues.com/significado/tutor-46516.html>

explica os conteúdos e suas aulas são transmitidas ao vivo ou são gravadas, desta forma, seu contato com o aluno fica restrito, pois, no máximo, ele pode responder às perguntas que chegam via internet, pelo telefone ou por fax se suas aulas forem ao vivo. O aluno de EAD não costuma tirar suas dúvidas com este professor, mas sim com o tutor a distância ou com o tutor presencial.

Já o tutor presencial acompanha o aluno *in loco*, em seu processo de aprendizagem. Na verdade, como afirmam Cabanas e Vilarinho (2007), o conceito e a formação do tutor têm pouco aparecido na literatura referente à EAD.

Schmid (2004) diz que a pouca exploração sobre a tutoria e também sobre os outros profissionais que trabalham com EAD acontece porque há muita preocupação e fascínio com as TIC, com a internet, com as plataformas, com as videoconferências, com o melhor aproveitamento das redes e, mais recentemente, com os *weblogs*.

[...] além de serem poucos os estudos dirigidos especificamente à tutoria, existem visões muito distintas sobre este personagem, o que acaba por fazer da tutoria um espaço assumido por pessoas com as mais diferentes vocações, formações e, particularmente, sem uma formação específica: uma “terra de ninguém”. As abordagens controversas e inconsistentes a respeito da tutoria fazem com que os gestores de curso a distância e os próprios tutores compartilhem de uma visão limitada da atividade, onde se centralizam: o facilitário para a aprendizagem (o tutor é o facilitador); a “turbinação” do ensino (o tutor é o assessor, pode oferecer informações, problematizar [...]). Uma visão dessa natureza nos leva a indagar se a EAD não irá se fragilizar com a atuação incipiente deste personagem. E a problemática ainda se torna mais complexa quando verificamos o aumento significativo dos cursos a distância e de suas matrículas (CABANAS; VILARINHO, 2007, p. 16).

Maggio (2001) afirma que em volta da EAD ainda há muitas perguntas a serem respondidas, dentre elas está a questão do tutor e seu papel, funções, tarefas, responsabilidades. Na verdade, as questões a serem respondidas são: Qual é o significado de ser tutor? Qual o alcance das tarefas do tutor? Qual é a especificidade do papel de tutor? E se existe esta especificidade? Quem é um bom tutor? Como se forma um tutor? Como avaliar o trabalho do tutor? O tutor é necessário na EAD?

Nas concepções previamente realizadas sobre a tutoria presencial em cursos superiores de EAD verifica-se certa indefinição quanto ao tutor ser ou não um professor e se tais indefinições sobre ele fragilizam e descaracterizam a EAD. “Todavia, percebe-se a importância de se definir quem é este profissional a partir de uma análise cuidadosa e embasada em pesquisas” (CABANAS; VILARINHO, 2007, p. 18).

Segundo Romão (2008), os professores de EAD recebem múltiplas denominações: tutor, monitor, orientador, professor coletivo, professor recurso, instrutor, animador, facilitador, instrutor, conselheiro, etc.

Todavia, Pretto (2001) e Barreto (2001) consideram inadequado que o profissional da EAD que atua como professor seja chamado de tutor, monitor, orientador ou qualquer nome similar. Este profissional precisa ser chamado de professor, pois outras nomenclaturas inferiorizam a profissão docente. E essa inferiorização ocorre com o intuito de maiores fins lucrativos, pois o profissional é chamado de tutor e não de professor com o intuito de diminuição salarial. Além disto, ainda não existe perante a lei a categoria profissional dos tutores. Consequentemente, não há leis que amparem estes profissionais. Assim, estes profissionais costumam receber menos que um professor. Diante desta questão salarial, a rotatividade de tutores presenciais também costuma ser alta.

O papel do tutor presencial vai além do domínio de conteúdo. Este profissional precisa ter capacidade de gerenciamento de equipes e gestão de pessoas, conhecimento das técnicas e recursos pedagógicos. Khan (2003) discorre sobre os serviços acadêmicos e estudantis da EAD e dentre eles está a tutoria para orientar os alunos de forma bem detalhada, de fato, assisti-los.

O papel do tutor enquanto categoria acadêmica, baseada no compromisso com a formação de alunos que pensem e sejam capazes de discutir e elaborar conhecimento. Um tutor educador, que tenha percorrido um caminho que o leve ao pensar livre, descarnado de preceitos tecnológicos que obtusam as mentes criativas. Um tutor que compreenda o papel da universidade num contexto a distância, como *locus* do debate, da criação, que se permita desconstruir e reconstruir significados na sua ação formativa e na construção do saber científico. Um tutor/educador capaz de se indignar com a vulgaridade de propostas alienantes; capaz de elaborar um contra-discurso ideológico; que, sobretudo, seja aberto às mudanças, aos novos paradigmas tecnológicos (LEAL, 2003, p. 01).

A estrutura que tem caracterizado os cursos de EAD e a responsabilidade por tal diversidade de funções, evidencia a necessidade que o trabalho do tutor seja coletivo e cooperativo.

Assim, um ponto importante levantado por Moore (2002) é a questão da cooperação na EAD, a qual não é um ato individual, como mencionado, mas um processo colaborativo, que conta com diversos especialistas: em conteúdo, designers instrucionais e especialistas em meios, alunos e professores especializados (frequentemente chamados de tutores).

Pesce (2002) trata da desarticulação que não pode ocorrer entre os conceptores do design instrucional, tutores e pessoal técnico-operacional (webdesigner, roteirista etc.), pois estes atores envolvidos na EAD precisam se imbricar para ter reflexos positivos.

Por isto, como há uma relação recíproca entre todos os participantes dos cursos de EAD, “os tutores têm funções a cumprir com os estudantes e também como os outros subsistemas” (SCHMID, 2004, p. 09).

Ou seja, um dos requisitos para garantir a qualidade de um curso a distância é a interação entre professores, tutores e estudantes. Os tutores, juntamente com os alunos, docentes e coordenadores são responsáveis pelo sistema de gerenciamento acadêmico e administrativo. A relação entre professores, tutores e alunos precisa ser certificada.

Ainda a este respeito, Alves et al. (2003) expõem os bastidores de um curso a distância, dizendo que o professor-conteudista e o professor-tutor¹⁴ não podem ter papéis isolados, pois ambos são mediadores no processo de ensino e de aprendizagem e suas funções se permeiam.

No entanto, a relação do tutor com os demais componentes do sistema de EAD da qual ele faz parte e com os alunos precisa ser fundamentada na participação para uma prática transformadora. Todavia, como apontado por Alves (2007), a EAD costuma repetir a fragmentação do conhecimento, o que é comum nos espaços formais de educação.

Pelas razões que começam a se delinear, podemos adiantar que a tutoria presencial é uma das questões mais relevantes da EAD, sendo que o tutor tem sido considerado como fator decisivo para o êxito e não evasão do aluno. Desta forma, o tutor presencial é tido como um dos principais atores na EAD (PICANÇO, 2001; CABANAS; VILARINHO, 2007).

Cerny e Ern (2001) afirmam que os cursos a distância que não têm tutores presenciais são prejudicados no quesito da qualidade dos cursos e sugerem a formação de novos quadros docentes (tutores) na área da EAD, conseqüentemente, a possibilidade de um acompanhamento mais efetivo ao aluno.

Zuin (2006) é bastante coerente quando afirma que o tutor é um elo, um interlocutor entre o sistema educacional a distância e os alunos, por isso não pode ser visto como um recurso nesta modalidade de ensino, mas como um fator decisivo no processo educacional a distância.

¹⁴ Professor-conteudista é o professor que expõe os conteúdos de um curso de EAD através de gravação ao vivo via satélite ou em DVD e/ou escreve os materiais. Já o professor-tutor é o que acompanha os alunos durante as aulas presenciais.

O tutor ideal é um modelo de excelência: é consistente, justo e profissional nos respectivos valores e atitudes, incentiva, mas é honesto, imparcial, amável, positivo, respeitador, aceita as ideias dos estudantes, é paciente, pessoal, tolerante, apreciativo, compreensivo e pronto a ajudar. A classificação por um tutor desta natureza proporciona o melhor *feedback* possível, é crucial, e, para a maior parte dos alunos, constitui o ponto central do processo de aprendizagem (O'ROURKE, 2003, p. 33).

De acordo com Perona (2000), todo projeto de educação a distância que visa se enquadrar nos parâmetros de qualidade precisa de um tutor.

Geralmente, a questão do tutor presencial de EAD costuma ser citada, mas pouco explorada na literatura sobre EAD. Observa-se que ainda há certa indefinição sobre quem é este profissional e quais são as suas atribuições. Todavia, sabe-se que o tutor presencial é um profissional imprescindível, pois ele é o elo entre a instituição acadêmica e o aluno.

Para que um curso superior via EAD tenha mais êxito, é necessário que seja organizado por todos os profissionais que dele participa. Contudo, sabe-se que este fato ainda não é realidade na maioria dos casos, pois devido à distância, cada profissional recebe determinadas atribuições e, geralmente, estes não interagem na montagem do curso. Assim, a fragmentação contribui para a desqualificação do próprio curso e do desempenho dos profissionais que dele fazem parte, principalmente, do tutor presencial que se encontra distante do polo de organização do curso.

Em suma, ainda investiga-se pouco sobre o tutor. Suas tarefas são várias e imprecisas, sendo assim, ele acaba sendo apenas um porta-voz de outros na EAD. Não obstante, a formação de tutores também fica em um segundo plano. Por isso, este tema merece ser investigado e integra o objetivo desta pesquisa.

A seguir, serão abordados os aspectos legais referentes ao papel do tutor na EAD. Observa-se que o tutor presencial é um profissional obrigatório na EAD já que os encontros presenciais também são obrigatórios na graduação e na pós-graduação (*lato sensu*) e que este funciona como um suporte para que o aluno consiga acompanhar um curso a distância.

2.2 Normas, regulamentos e leis sobre a EAD e a tutoria presencial

Como abordado no capítulo anterior, o artigo 80 da LDB 9.394/96, os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância e os Indicadores de Qualidade para as Comissões de Avaliação normatizam a EAD no Brasil. Consequentemente, nestes mesmos documentos discorre-se sobre a tutoria presencial em cursos superiores de EAD no país.

O decreto 5.622 de dezenove de dezembro de 2005 que regulamenta o artigo 80 da Lei 9.394/96 não aborda especificamente a tutoria presencial, mas o capítulo 2º trata da questão da presencialidade e afirma que as atividades presenciais são obrigatórias em um curso superior a distância e dentre estas estão: avaliação, estágios, defesa de trabalhos ou práticas em laboratório a serem realizadas nos polos de apoio presencial.

Os cursos superiores de EAD, que são mantidos por instituições públicas e privadas, são disseminados de forma crescente no interior do país¹⁵ e devem utilizar o que foi proposto pelo Ministério da Educação, expresso pelos Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância.

Os Referenciais deixam claro que a figura do tutor presencial em polos de cursos superiores de EAD é imprescindível para que este funcione conforme a legislação brasileira de EAD.

Segundo os Referenciais, um curso superior a distância precisa: de um claro projeto político-pedagógico com sua opção epistemológica de educação; utilizar um meio tecnológico (telefone, fax, correio eletrônico, videoconferência, fórum de debate pela Internet, ambientes virtuais de aprendizagem, etc.) para a comunicação entre o professor, estudante e tutor; disponibilizar material didático; infra-estrutura de apoio; gestão acadêmico-administrativa e sustentabilidade financeira e formar adequadamente a equipe multidisciplinar.

Mesmo não havendo um único modelo de educação a distância, os momentos presenciais são obrigatórios e os polos necessitam do tutor presencial para dar apoio aos alunos. No próprio projeto político pedagógico, no qual a instituição de ensino superior apresenta sua opção epistemológica que norteará toda a sua proposta, há a necessidade da definição da tutoria. As concepções de tutor, de aluno, de professor, devem ser coerentes com a teoria e metodologia escolhidas.

Os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007) ainda mencionam a obrigatoriedade de preparação, supervisão, avaliação e do fornecimento de modelo de tutoria e que os tutores devem estar em constante qualificação para a oferta de um curso de qualidade. Todavia, como citado em pesquisa feita por Nunes (2004) no Rio de Janeiro/RJ, há urgência em qualificar os profissionais que atuam ou atuarão na modalidade a distância, pois a formação destes é precária no uso das tecnologias de informação e comunicação.

¹⁵ Segundo o Censoead.br (2010), cerca de 2,68 milhões de alunos estudaram via EAD no ano de 2008. Em 2006, 23% dos alunos de cursos superiores no Brasil estavam na EAD, em 2007, 37% e em 2008, 38%. De 2004 para 2008, observa-se um crescimento de 247% em relação ao número de alunos em cursos superiores de EAD.

Nos Referenciais discorre-se sobre o perfil do corpo docente, mostrando que para lecionar em instituições de ensino superior há requisitos de titulação, experiência em lecionar em ensino superior e experiência profissional não acadêmica. Também devem haver critérios de seleção e contratação e plano de carreira.

Para o credenciamento do polo de apoio presencial para educação a distância, entra em cena o SINAES, proposto pela SEED (Secretaria de Educação a Distância), pelo Departamento de Regulação e Supervisão da Educação a Distância e pelo INEP.

O SINAES aplica um questionário¹⁶ aos responsáveis pelos polos das instituições superiores de EAD para credenciar a instituição e nele estão contidas diversas questões sobre tutoria presencial. Ele questiona sobre formação dos tutores, inclusive do tutor coordenador e do número de alunos atendidos por tutor. Há também um conceito dado à instituição em relação à tutoria, de 5 a 1.

Neste tipo de avaliação, a instituição recebe 5 pontos quando, pelo menos, 50% dos tutores presenciais têm titulação mínima em nível de pós-graduação *lato sensu*. Recebe 4 quando, pelo menos, 1/3 dos tutores têm titulação mínima em nível de pós-graduação *lato sensu*. Recebe 3 se os tutores têm titulação mínima de graduação. 2 se houver graduandos e 1 quando menos de 50% dos tutores presenciais têm graduação.

Quadro 2 – Formação tutor presencial

Formação do tutor presencial	Avaliação de 1 a 5 para a instituição
Pós-graduação <i>lato sensu</i> (pelo menos 50% dos tutores)	5
Pós-graduação <i>lato sensu</i> (1/3 dos tutores)	4
Graduação	3
Graduação em curso	2
Graduação (menos de 50% dos tutores)	1

Fonte: BRASIL (2007, p. 12)

A qualificação e formação dos tutores em relação à EAD também são avaliadas. 5 se todos os tutores têm qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento. 4 quando, pelos menos, 75% dos tutores têm qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento. 3 quando, pelos menos, 50% dos tutores têm qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento. 2 quando menos de 50% dos tutores têm qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento e 1 quando menos de 25% dos tutores têm qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento.

¹⁶ http://www.inep.gov.br/download/superior/ead/Instrumento_Autorizacao_curso_EAD.pdf

Quadro 3 – Formação tutor presencial em relação à EAD

Formação do tutor presencial em relação à EAD	Avaliação de 1 a 5 para a instituição
Qualificação específica ¹⁷ em EAD e formação superior na área do conhecimento (todos tutores)	5
Qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento (75% dos tutores)	4
Qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento (50% dos tutores)	3
Qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento (menos de 50% dos tutores)	2
Qualificação específica em EAD e formação superior na área do conhecimento (menos de 25% dos tutores)	1

Fonte: BRASIL (2007, p. 12)

De acordo com o SINAES (2007), até mesmo a sala para tutores é avaliada de 5 a 1. Se o atendimento for pleno recebe 5. Se for adequado 4. 3 quando é adequado. 2 se for suficiente e 1 se for precário. Os itens avaliados são: dimensão, limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação e comodidade.

As instituições recebem notas em relação aos tutores levando os seguintes critérios em consideração: especialização, graduação na área em que atua e qualificação em EAD. A faculdade recebe notas melhores se tiver tutores qualificados e notas menores se não tiver.

Observa-se, assim, uma despreocupação por parte da legislação em relação à qualificação do profissional. Ou seja, uma instituição superior sem tutores qualificados pode funcionar. E este descuido dos Referenciais fomenta a oportunidade para que profissionais mal preparados sejam tutores e, conseqüentemente, podem piorar a qualidade da EAD no país.

2.3 As diversas funções atribuídas ao tutor presencial

Como foi dito acima, as normas no país não definem o papel do tutor presencial de cursos superiores e a literatura sobre o tutor presencial é escassa, vaga e imprecisa.

Desta maneira, faz-se necessário fazer um estudo mais aprofundado para delimitar quais as funções a ele atribuídas. Almeida (2003), por exemplo, afirma que o tutor também necessita compreender todo o processo educacional, tecnológico e comunicacional do curso onde atua para ter êxito.

¹⁷ Qualificação específica em EAD se refere a ter realizado curso em nível lato sensu voltado para a área de EAD.

Mesmo com toda esta imprecisão, pode-se afirmar que a revisão de literatura aponta que o tutor presencial recebe atribuições de cunho cognitivo, afetivo e de gestão. No que diz respeito às atribuições de cunho cognitivo, destacam-se a atuação no processo de ensino e de aprendizagem. No tocante à dimensão afetiva de seu papel, a ênfase se coloca nas relações interpessoais com o corpo discente. Quanto à gestão, além dos aspectos referentes ao apoio às atividades de estudo e de elaboração e envio de trabalhos, o tutor se encarrega, também, do repasse de informações sobre a instituição para os alunos.

O tutor auxilia os alunos no uso dos materiais recebidos para as tele-aulas, faz a ligação entre o professor e o aluno, organiza os alunos e os motiva para o processo de ensino e de aprendizagem e ainda os guia na realização de tarefas e trabalhos.

Pode-se reafirmar o que tem sido observado deste o início deste trabalho: que o tutor é encarregado de diversas funções e a importância de suas atribuições para o sucesso do processo de aprendizagem dos alunos. Destaca-se, também, a sua responsabilidade no que diz respeito a ser o elo de ligação entre alunos, os demais atores e a instituição como um todo.

A seguir, busca-se apresentar um balanço desta área do conhecimento¹⁸, discutindo cada um destes três grupos de funções imputados ao tutor na EAD.

2.3.1 As atribuições cognitivas do tutor presencial: a falta de autonomia

De acordo com Leal (2001), assim como o docente de curso presencial, o tutor presencial de EAD tem um papel de suma importância no desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Em primeiro lugar, o tutor pode ser comparado a um bom docente, em outras palavras, aquele que realiza atividades educativas, apóia a sua confirmação, oferece fontes de informação e orienta eficientemente para promover o conhecimento.

O tutor presencial precisa conhecer e saber usar as TIC para transmitir esta confiança e este conhecimento para seus alunos, pois, talvez, haja alunos que não estejam familiarizados com as TIC.

De acordo com manual *Tutoria no EAD: um manual para tutores* do INED (Instituto Nacional de Educação) da *Commonwealth of Learning* (O'Rourke, 2003), cabe ao tutor desenvolver nestes estudantes as competências para compreenderem, assimilarem e aplicarem

¹⁸ O balanço desta área do conhecimento chegou a três categorias de atribuições ao tutor presencial: cognitivas, afetivas e de gestão e esta conclusão foi possível devido às revisões bibliográficas em livros sobre tutoria, em artigos, principalmente da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância).

os conteúdos. Os tutores devem sugerir formas e esclarecer dúvidas sobre os conteúdos, ajudando os alunos a apreenderem os conteúdos e os objetivos dos mesmos.

O papel do tutor tem sido, basicamente, o de ‘tirador de dúvidas’ e de ‘inspetor’ da aprendizagem individual dos alunos” (VILARDI et al., 2005; ROMÃO, 2008; BELLONI, 2009). Versuti (2004) também mostra as funções do tutor: acompanhar, orientar e avaliar os alunos, mantendo-os no ciclo de aprendizagem.

Vilardi et al. (2005) estabelecem três funções essenciais do tutor presencial: permitir que o aluno obtenha conhecimento de forma segura; possibilitar ao aluno que tenha autonomia e construção coletiva e perceber dificuldades dos alunos e ajudá-los a superá-las. A troca de informações entre os tutores também é importante para melhorar a aprendizagem dos alunos.

Assim, outra função cognitiva dos tutores presenciais de EAD é auxiliar os alunos na construção autônoma do conhecimento, pois os cursos a distância requerem esta autonomia diferentemente de cursos regulares presenciais. Conseqüentemente, para que os alunos se tornem autônomos para a construção de seu conhecimento, o tutor precisa auxiliá-los a se organizarem para estudarem sozinhos.

Segundo o manual *Tutoria no EAD: um manual para tutores* do INED (Instituto Nacional de Educação) da *Commonwealth of Learning* (O’Rourke, 2003), o tutor tem os seguintes papéis e responsabilidades respectivamente: aconselhamento acadêmico (aconselhar os alunos sobre um determinado curso), instrução e ensino acadêmico (responder às questões dos alunos, esclarecer os materiais se necessário, criar recursos extras e ajudar os alunos a terem habilidades específicas), apoio acadêmico (ajudar ou aconselhar sobre como obter apoio acadêmico, mostrar os recursos adicionais existentes e planejar e orientar debates) e avaliação acadêmica (marcar trabalhos para avaliar alunos, esclarecer sobre tarefas e trabalhos, avaliar e dar *feedback*, em alguns programas, aos alunos, marcar e realizar as avaliações).

Segundo Moore (2002), ainda fica a cargo dos tutores a organização de prática, aplicação, testagem e avaliação dos conteúdos.

Almeida (2003) aponta que o tutor presencial é responsável pela solução de muitas dúvidas dos alunos, já que a ajuda virtual não é tão instantânea e ele precisa estar bem preparado.

O manual *Tutoria no EAD: um manual para tutores* do INED (Instituto Nacional de Educação) da *Commonwealth of Learning* (O’Rourke, 2003) mostra as atribuições de um

tutor: explica claramente; gosta de perguntas extras; esclarece pontos obscuros; corrige de forma legível e detalhadamente e devolve os trabalhos em tempo hábil.

As competências essenciais na tutoria igualmente aparecem neste manual de tutoria em duas categorias cognitivas: de apoio (ajudar os alunos a lidar com questões distintas do conteúdo, mas que podem influenciar na aprendizagem) e de orientação (auxiliar os alunos a resolverem dúvidas sobre os conteúdos)¹⁹.

Com o sistema, o tutor precisa informar sobre os níveis de dificuldade dos textos, atividades e referências bibliográficas para dar apoio no aprimoramento dos materiais. A interferência do tutor também deve ocorrer com as avaliações para a melhoria destas. Em relação aos materiais, o tutor tem que lê-los minuciosamente para poder responder aos alunos de forma satisfatória e orientá-los.

Schmid (2004) afirma que, em relação aos alunos, o tutor tem que fornecer informação acadêmica, científica, tecnológica.

Gonzalez (2005), em seu livro *Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância*, elenca as diversas funções dos tutores presenciais de cursos superiores através da EAD: orientar e avaliar os alunos remotamente; mediar o desenvolvimento do curso de EAD; responder às questões dos estudantes em relação ao conteúdo da disciplina oferecida; mediar a participação dos alunos nos *chats*; avaliar a participação de cada aluno; avaliar os estudantes sobre sua tutela; orientar os alunos a se organizarem em relação aos estudos; orientar os alunos a fichar e resumir o que será estudado; planejar com cada aluno um esquema de estudo e ter em seu computador vários programas;

Gonzalez (2005) também discorre sobre a avaliação e tutoria. Assim, o tutor deve:

- trocar conhecimentos com os alunos através dos vários recursos disponíveis;
- fazer com que o primeiro teste seja um ensaio;
- fornecer *feedback* aos alunos;
- comentar as correções de forma clara, legível e com respostas adequadas;
- compreender que a avaliação deve abranger pontos estudados contínuos e não isolados;
- conectar a avaliação com os objetivos da disciplina;
- aplicar tipos de exercícios e perguntas similares aos que foram realizados em sala de aula;
- incluir questões informativas e formativas;

¹⁹ Observa-se que estas competências são as mesmas de um professor de um curso presencial.

- trabalhar em sala de aula e na avaliação com diferentes tipos de exercícios: resolução de problemas, aplicação de princípios gerais, comentários, traduções, solução de casos práticos, etc.;

- combinar questões de nível fácil, médio e difícil para detectar os diferentes tipos de alunos e seu aproveitamento;

- ter competência individual e cooperativa para analisar realidade,
- fazer planos para agir coerentemente com os resultados analíticos e de avaliação;
- agir reflexiva e criticamente em relação à teoria e a própria prática educativa;
- facilitar a apreensão do saber; ajudar os alunos com as atividades programadas;
- apresentar alternativas para problemas apresentados;
- mostrar os recursos disponíveis na instituição;
- ser uma ponte para os saberes em construção e conhecer todos os métodos e recursos da EAD.

Estes requisitos mostram que se exige mais do tutor presencial do que do professor presencial. Exige-se polivalência do tutor presencial, que ele seja competente em disciplinas diversas. Segue um quadro que abrange as funções cognitivas organizado a partir da literatura estudada.

Quadro 4 – Atribuições cognitivas do tutor presencial

Atribuições cognitivas do tutor presencial
Acompanhar, apoiar e orientar os alunos em relação às suas dúvidas
Fornecer fontes de informação aos alunos
Conduzir os alunos no uso das TIC
Fazer com que os alunos compreendam, assimilem e possam aplicar os conteúdos
Avaliar os alunos
Conduzir os alunos para que estes adquiram autonomia
Planejar e criar recursos extras para a aprendizagem se necessário
Corrigir exercícios e dar <i>feedback</i> aos alunos
Mediar a participação dos alunos

Fonte: Organizado pela autora, a partir da literatura estudada

O tutor, através do diálogo e orientações acadêmicas, gera reflexões sobre o saber, o conhecimento e a capacidade para este conhecimento. O papel do tutor vai além do tecnicismo, ultrapassa a especialidade. O tutor é “aquele que coordena a seleção de conteúdos, que discute as estratégias de aprendizagem, que suscita a criação de percursos acadêmicos, que problematiza o conhecimento, que estabelece o diálogo com o aluno, que media problemas de aprendizagem, dá sugestões, instiga e acolhe” (LEAL, 2003, p. 02).

Em cursos superiores de EAD há profissionais distintos de acordo com determinadas atribuições. Há o professor a distância, também conhecido como professor virtual, que ministra as aulas presenciais e, geralmente, seleciona e organiza o conteúdo. Existe ainda o tutor virtual que dá atendimento a distância e, por fim, o tutor presencial que auxilia os alunos nos encontros presenciais.

Sem dúvida, o tutor não ensina no sentido convencional do termo. Não dá aulas nem produz materiais. O tutor acompanha, orienta, guia, propõe caminhos alternativos se os estudantes os pedem, adverte sobre situações complexas ou de conflitos; a partir do conhecimento individual dos alunos sugere a formação de grupos de trabalho colaborativos ou a formação de redes com propósitos específicos; avalia e reorienta os processos de aprendizagem dos alunos para obter maiores ganhos; procura conhecer todos os motivos que animam os estudantes para contribuir melhor com o processo de significação da aprendizagem. Finalmente, o tutor como pessoa é portador de valores e os evidencia em cada contato, sugestão, proposta: isto é o que faz o tutor único (SCHMID, 2004, p. 275).

Considerando estes estudos e abordagens da EAD em geral, e da tutoria, em particular, o tutor é aquele que está junto aos alunos e não aquele que transmite conteúdos, sendo assim seu papel é diferente do de um professor.

Embora caiba ao tutor presencial uma gama de funções de cunho cognitivo, este não participa das atividades de concepção didático-pedagógica dos cursos, tais como o planejamento ou a preparação de material didático. Ele deve sanar dúvidas, orientar os estudos e a preparação de trabalhos sobre conteúdos e segundo abordagens que ele pode não conhecer ou concordar, mas pode recorrer ao professor conteudista diferentemente de um professor presencial, pois ele, geralmente, não pode recorrer aos autores dos livros que usa.

O tutor presencial não possui autonomia no que diz respeito ao processo de concepção didático-pedagógica dos cursos, mas precisa responder às demandas didático-pedagógicas em relação ao processo de aprendizagem dos alunos, orientado e apoiando a sua aprendizagem e gerindo ações de caráter pedagógico e administrativo.

Esta falta de autonomia do tutor começa a preocupar alguns autores²⁰, que se preocupam com as consequências desta divisão do trabalho nos resultados educacionais.

Lobo et al. (2003) tratam da autonomia do tutor. A divisão do trabalho na EAD faz com que o tutor perca a totalidade do seu trabalho, então este passa a seguir modelos prontos, não lhe dando a chance de ter autonomia e exercer um trabalho autogovernado. Uma sugestão

²⁰ Enquanto Barbosa e Rezende (2006) apontam os obstáculos e desafios enfrentados por estes profissionais, principalmente no que se refere à dificuldade em desempenhar a tutoria, por esta não ter um modelo a ser seguido. Por outro lado, Gutierrez (2005) discorre sobre a falta de autonomia dos tutores presenciais em EAD, porque eles seguem treinamentos e materiais pré-definidos e sem possibilidade de alteração.

para que o tutor possa desenvolver sua autonomia é permitir que ele participe de projetos pedagógicos e planos curriculares se o projeto do curso permitir.

Mattar, no vídeo denominado “Do impostutor ao aututor”²¹ também fala sobre a autonomia do tutor de EAD. O título do vídeo é um neologismo. Mattar diz que a escolha pelos neologismos foi feita porque o tutor não tinha liberdade de ação, tudo era imposto ao tutor, pois ele tinha um programa traçado a ser seguido com conteúdos e atividades prontas. Um modelo que pedia ao tutor para interagir o mínimo possível com os alunos. Além das situações nas quais o tutor tinha que orientar cem, duzentos ou até trezentos alunos. Devido aos modelos da era industrial, o taylor-fordista²², como apontado por Otto Peters. Seguindo a linha fordista, a EAD procurava fazer uma produção em massa e de forma segmentada, com cada profissional fazendo determinadas funções separadamente. Assim, alienado ao processo total com resultado de produtos homogêneos. Na EAD, há diferentes profissionais, como o conteudista, o revisor, webdesigner, o pedagogo. Cada profissional exerce determinadas funções sem integração, o que leva à fragmentação do papel do professor.

Mattar afirma que com as TIC haveria a possibilidade de acontecer em mais cursos a integração do professor com os demais profissionais da EAD. É preciso que o professor esteja envolvido no processo de criação, assim ele tem trabalhado com a ideia do “aututor”, porque é ao mesmo tempo autor do seu conteúdo e tutor da aprendizagem do aluno. A fragmentação não acontece apenas da função do professor, mas do próprio processo de educação. Um ponto interessante é que não se deve finalizar o design de um curso de EAD antes do mesmo terminar, pois isto não permite que o tutor siga outros caminhos, não dá autonomia ao tutor quando há um programa fechado. O designer do curso deve continuar ao longo deste. Em função dos alunos, do momento histórico, dos resultados dos alunos, o “aututor” pode modificar o conteúdo, o percurso e propor novas trilhas. A função do tutor não seria passar o conteúdo como na educação bancária, dar aulas, mas organizar um espaço que pode ser explorado pelos alunos. É importante que o “aututor” possa interferir neste espaço durante o percurso de aprendizagem. Hoje, há ainda predomínio de modelos de EAD como o fordismo. Modelos estes descompromissados com a educação e que visam apenas o lucro, com os quais se deve lutar contra.

Todavia, Mattar aponta que predominam os cursos de EAD que seguem os modelos fordistas, mas há outros modelos que vêm ganhando espaço no país: a educação mais aberta e

²¹ Aututor é um termo criado por Mattar para se referir ao tutor que pode contribuir para a criação dos materiais do curso onde atua. Disponível em: <<http://estilosead.ning.com/video/do-impostutor-ao-aututor>>.

²² O taylorismo e o fordismo se referem ao modo de produção industrializado, no qual cada trabalhador cumpre determinada tarefa e o objetivo é uma grande produção para o consumo em massa.

flexível como apontado por Belloni (2009). Este modelo de educação utiliza a EAD para atender às diversidades regionais em seu currículo.

Neves e Fidalgo (2003) também abordam a questão da autonomia do tutor na EAD. O processo fragmentado do trabalho é semelhante ao modelo taylor-fordista. Apesar das concepções contemporâneas sobre autonomia, tomada de decisão, trabalho em equipe e flexibilidade do trabalho diante das tecnologias, isso pouco acontece no fragmentado e isolado trabalho do tutor. Todavia, o discurso da flexibilidade, da autonomia e do trabalho fácil costuma ser enganoso. Ao invés disso, há sobrecarga de trabalho, grande número de alunos e demanda de conhecimentos e competências que o tutor não tem por não ter tido preparação satisfatória para o exercício da profissão.

O seguimento de modelos pré-estabelecidos faz com que o tutor presencial de EAD não desenvolva tarefas consoantes às necessidades de seus alunos. A falta de autonomia ainda limita o pensamento reflexivo do tutor. Assim, a autonomia deveria estar presente no trabalho de todo tutor presencial de EAD.

2.3.2 A dimensão afetiva do papel do tutor presencial: compensando as distâncias

Além da interferência imprescindível para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, o tutor presencial também é fator primordial nas relações afetivas que se estabelecem em um curso superior de EAD, tendo dentre diversas funções, motivar o aluno em um curso de EAD (VERSUTI, 2004; PERONA, 2000; SCHMID, 2004).

Como, geralmente, o tutor presencial é o único “professor” de uma determinada turma de EAD, é comum que laços afetivos fortes sejam criados entre o tutor e o aluno. O tutor acaba sendo um conselheiro na EAD, pois ele supre o lado afetivo de que o ser humano necessita e o computador não tem como oferecer²³.

O manual *Tutoria no EAD: um manual para tutores* do INED (Instituto Nacional de Educação) da *Commonwealth of Learning* (O’Rourke, 2003) mostra que o tutor também tem funções de apoio, auxiliar os alunos com questões que possam afetar a aprendizagem, tais como: pessoais, familiares ou contextuais.

O mesmo manual discorre sobre as atribuições de cunho afetivo do tutor: corrige os erros calmamente; faz comentários completos e construtivos de forma agradável; encoraja os alunos em dificuldades; é flexível; motiva os alunos e trata os estudantes educadamente.

²³ Este vínculo afetivo pode ocorrer também com o tutor a distância.

“O tutor é o tênue fio de ligação entre os extremos do sistema instituição-aluno. O contato a distância impõe o aprimoramento e fortalecimento permanente desse elo, sem o qual se perde o foco” (GONZALEZ, 2005, p. 80).

Moore (2002) diz que os tutores são responsáveis por dar o *feedback* aos alunos, motivando-os.

Os tutores presenciais têm o papel de humanização do processo de ensino e de aprendizagem. Como os alunos de EAD estão acostumados com o ensino presencial, os tutores os ajudam a transitarem de um modelo a outro. O tutores ainda motiva o aluno a analisar, refletir, buscar informações, deliberar e tomar decisões de forma autônoma, bem como estimular a formação de grupos de estudo, promovendo com isto a interatividade entre os alunos. A tutoria presencial e a distância são imprescindíveis e se completam, já que dão suporte para que os alunos possam fazer a adesão e permanecer neste sistema.

Schmid (2004) diz que o tutor precisa ser realmente interessado em pessoas e saber conduzir o processo educativo da EAD. Este profissional deve ter capacidade de liderança e comunicação para estabelecer relações sólidas e próximas. O tutor não pode reprimir os alunos, ao contrário, deve abrir portas e fornecer meios de comunicação. Ele não pode ser exigente de forma exagerada nem insatisfeito permanentemente com os resultados de seus alunos. Os tutores necessitam ainda propor caminhos e condições aos estudantes para motivar estes alunos.

Segundo Leal (2003), o tutor presencial precisa fazer com que a educação volte a ter o seu encanto, mostrando que a educação virtual e as novas tecnologias da educação são muito interessantes para a aprendizagem. Um dos grandes desafios do tutor é conseguir trabalhar com o aprender a aprender para que o aluno possa ler e reler o mundo, obter conhecimentos, redimensionar valores e rever atitudes. Ele deve procurar desvendar as subjetividades da construção de saberes dos estudantes. O tutor é aquele que problematiza o conhecimento com estratégias para que o aluno veja o mundo por ele mesmo e contemple os perigos, as incertezas, a interinidade do ser humano, as vantagens tecnológicas e do conhecimento e o encantamento do aprender.

É necessário que o tutor se veja dentro do processo da EAD. Ele precisa ser solidário com os alunos, ser um aliado para uma sociedade melhor; ser um “transgressor das regras preestabelecidas, não um mero reproduzidor dos modelos existentes; que aponte para as possibilidades de transformações, de superações; que seja o grande cúmplice na construção dos processos de aprendizagem dos alunos” (ALVES, 2007, p. 120).

Romão (2008) afirma que o tutor também chega a ser quase um terapeuta, pois os problemas pessoais dos alunos, geralmente, vêm em primeiro lugar. No Brasil, o tutor é considerado como aquele que auxilia o aluno a resolver problemas de aprendizagem e, até mesmo, de ordem pessoal.

Quando se fala em funções afetivas do tutor presencial, a motivação tem maior destaque. A motivação é primordial. Alunos motivados produzem mais e melhor, conseqüentemente, a instituição alcança melhores resultados e todos saem satisfeitos. Apesar da simplicidade aparente, motivar é algo complexo que exige estratégias de análises particulares para que essa motivação possa ser efetuada. Assim, o tutor precisa conhecer bem o seu aluno para motivá-lo.

Dentro desta motivação, está a cobrança constante para que o discente se comprometa e dedique determinada parte de seu tempo com os estudos para sua formação.

É comum que o aluno pense que um curso de EAD não exige tempo, mas, pelo contrário, para que haja efetiva aprendizagem o aluno precisa se dedicar, conseqüentemente, precisa de tempo, para estudar. Então, outro papel do tutor é mostrar ao aluno que tem esta visão errônea a ter autodisciplina para saber gerenciar seu tempo e dedicá-lo aos estudos. Assim, o tutor presencial precisa motivar o estudante e também cobrar dedicação do mesmo.

O tutor presencial de EAD precisa saber fazer um balanço entre motivação e cobrança para que o aluno não desista do curso. Desta forma, mostrar preocupação com os alunos, elogiá-los e mostrar que estes estão crescendo são exemplos de estímulo para que o estudante consiga aprender e avançar no processo educacional. Observa-se que a dimensão afetiva apontada pelos autores que tratam deste assunto é tratada em termos de senso comum, restrito ao relacional.

Quadro 5 – Atribuições afetivas do tutor presencial

Atribuições afetivas do tutor presencial
Motivar o aluno, porém cobrar de forma harmoniosa para que ele estude
Aconselhar o aluno
Apoiar o aluno em relação à aprendizagem
Corrigir e comentar os exercícios e provas de forma agradável
Ser um elo que aproxima o aluno à instituição
Conhecer os alunos
Humanizar o processo de ensino e de aprendizagem
Interagir os alunos uns com os outros
Reencantar a educação mostrando os aspectos positivos das TIC
Ser solidário e aberto com os alunos

Fonte: Organizado pela autora, a partir da literatura estudada

Assim, no que diz respeito à dimensão afetiva do papel do tutor, observa-se que muitas tarefas estão relacionadas à necessidade do tutor assumir a função de suprir a distância que se estabelece, em cursos a distância, entre o aluno e os demais atores do processo de educativo. Pode-se dizer que há diferentes tipos de distância.

Mas, a noção de distância, por sua vez, possui diversas dimensões de distância. Por exemplo, pode-se falar de uma distância de caráter mais material, constituída em nível tecnológico, temporal e espacial.

Segundo Kenski (2009), há sete aspectos diferentes em relação à distância na EAD: geográfica, temporal, tecnológica, social, econômica, psicológica e cultural. A geográfica se refere a distância física entre os alunos e as instituições de EAD. Esta distância é determinada pelo grau de acessibilidade aos recursos de informação e aos meios de formação.

Na geográfica, a qual se refere à distância do aluno e do professor, para que o aluno da EAD esteja em contato com o professor, um dos meios mais utilizados nos últimos anos é a teleaula via satélite ou ainda DVDs gravados com teleaulas. Todavia, o máximo de interação entre professor e aluno que pode haver em uma teleaula via satélite é no caso do uso de chat ao vivo (modelo este pouco utilizado), mas apenas algumas questões podem ser respondidas no ar e as demais infelizmente não recebem respostas.

Para amenizar a distância entre professor e aluno, existe o tutor virtual que auxilia o aluno via internet, telefone ou mesmo fax e o tutor presencial que auxilia o aluno nos encontros presenciais e, às vezes, este tutor tem horários disponíveis no polo fora dos encontros presenciais. Todavia, a distância espacial pode representar grandes obstáculos na aprendizagem do aluno que não possui grandes habilidades para suprir a falta do professor e conseguir manter contato com o tutor a distância e com o tutor presencial.

De acordo com Kenski (2009), a temporal se caracteriza por permitir que o aluno personalize seu tempo de estudo, assimile conteúdos e faça exercícios em seu próprio ritmo. Também pode ser percebida na forma como professores e alunos se encontram em espaços de aprendizagem (sincrônica e assincronicamente).

No que diz respeito à distância temporal, as atividades propostas podem ser síncronas ou assíncronas. As atividades síncronas são aquelas que ocorrem em tempo real, por exemplo, um chat ou uma teleaula ao vivo são atividades síncronas. Já as assíncronas são as que não ocorrem em tempo real, por exemplo, o envio de um e-mail que tem resposta depois de certo tempo.

Assim, em um curso superior por meio da EAD não se pode estudar apenas quando se quer, pois existem atividades síncronas que requerem que o aluno esteja presente em

determinados momentos. Além disso, o aluno de EAD precisa traçar uma rotina diária de estudos, ou seja, há necessidade dos alunos saberem gerir seu tempo de estudo para conseguirem ter aproveitamento no processo de ensino e de aprendizagem.

Kenski (2009) afirma que a tecnológica tem dois sentidos: obsolescência de modelos tecnológicos antes mesmo da oferta dos cursos e problemas de acesso e domínio das competências básicas para o uso das tecnologias em projetos educacionais.

Em distância tecnológica, pode-se falar dos obstáculos à utilização dos recursos técnicos necessários para as atividades a distância. Neste nível, a falta de habilidade e de domínio dos meios técnicos pelos alunos pode acentuar o distanciamento.

A distância social ocorre pela inexistência de oportunidades no ensino presencial que possam garantir a oferta de educação para todas as pessoas indistintamente. [...] A distância entre os alunos matriculados e os excluídos do sistema é grande e repercute diretamente nas posições econômicas e sociais que esses contingentes irão ocupar na sociedade.

As novas formas de educação a distância ainda são vistas com as mesmas desconfianças e os mesmos preconceitos atribuídos aos formatos tradicionais do ensino por correspondência, supletivos e de segundo ordem. [...] Vigora nessas iniciativas a ênfase na capacitação tecnicista, no aligeiramento e na superficialidade com que são tratados os conteúdos e na proposta de certificação em massa de alunos despreparados.

Projetos educacionais de qualidade podem ser realizados. A educação a distância pode vir a ser uma forma viável e democrática de ampliar a oferta educacional para todas as pessoas (KENSKI, 2009, p. 78).

Na verdade, prevalece a ideia de que a distância geográfica gera também uma lacuna pedagógica e afetiva. Acostumado a ser acompanhado de perto, a receber orientações diretas quanto ao estudar, a trocar impressões com os colegas de sala, o aluno provavelmente se sente abandonado e carente de informações e de apoio. É assim que o aspecto afetivo e relacional se destaca como fator de desmotivação dos alunos, sendo um dos grandes responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem e pela possível reprovação ou evasão dos estudos.

Por esta razão, é o tutor presencial, o único ator a travar contato físico com o aluno, que cabe suprir esta lacuna, estabelecendo com este uma relação marcada pela cordialidade, compreensão e estímulo permanente. Enfim, fatores relacionais e comunicacionais configuram a dimensão afetiva do papel do tutor e indica que relações afetivas também pode ser estabelecidas a distância.

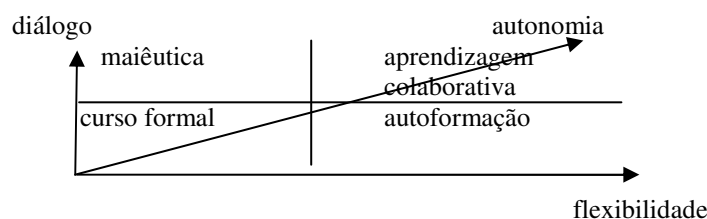
Retorna-se, então, à ideia de que o tutor é um agente privilegiado da EAD, assumindo a função de garantir as condições emocionais para que o aluno prossiga nos estudos e atinja bons resultados. O tutor presencial seria um dos maiores responsáveis pela diminuição da distância própria a este tipo de ensino.

Moore (2002) aborda a distância transacional. Segundo Moore (2002), a distância transacional não se refere à distância física entre professor e aluno, mas, sobretudo, ao grau de distância nas trocas que se estabelecem entre estes. Ele designa o conjunto de fatores que podem contribuir para o distanciamento perceptual e comunicacional entre professor e aluno. A amplitude desta distância se mede pela presença ou ausência de um diálogo educativo, de uma parte e pela presença ou ausência de uma estrutura mais ou menos limitadora.

De qualquer maneira, a distância transacional se refere à problemática do equilíbrio entre o nível de enquadramento dos professores e o nível de enquadramento requerido pelos alunos. Três elementos importantes da distância transacional permitem abordar esta problemática: o grau de autonomia dos alunos (nível de preparação dos alunos para criarem estratégias de estudo), a estrutura do curso (preocupação por parte da equipe pedagógica com relação ao público alvo do curso e o tipo de interação que será utilizado com este público; objetivos de aprendizagem, dos conteúdos, das estratégias e metodologias do processo ensino/aprendizagem, da documentação, exercícios, projetos, testes, critérios de avaliação do programa) e o diálogo (instrumento de aproximação entre professor e aluno para aperfeiçoar a compreensão do aluno).

Segundo Alava (2002), a distância transacional é medida pela presença e pela ausência de diálogo educativo e pela presença e pela ausência de uma estrutura mais ou menos limitadora.

Gráfico 1 – Caracterização das situações de formação



Fonte: ALAVA (2002, p. 76)

O gráfico 1 ilustrou como se comportam as principais formas de educação quanto à flexibilidade e nível de diálogo. A amplitude da distância transacional se mede pela presença/ausência de diálogo. No quadrante inferior esquerdo, há a educação formal assim como acontece nas escolas. Os programas e currículos engessam o processo, que deve seguir uma padronização e levar a resultados homogêneos e previsíveis. É o fordismo na educação. Num contexto dessa natureza, um alto nível de diálogo poderia ser altamente deletério aos

objetivos traçados pela instituição. No quadrante superior direito, apresentando os maiores níveis de diálogo e flexibilidade, há a aprendizagem colaborativa. Esta apresenta o maior índice de autonomia em contraposição ao curso formal, que leva a uma menor autonomia, ou seja, mais heteronímia.

Em síntese, observa-se que na EAD não há um, mas diversos níveis e tipos de distância, que trazem distintas consequências para o processo de aprendizagem, especialmente no que diz respeito às relações estabelecidas entre tutores e alunos.

2.3.3 As funções do tutor presencial e a gestão: entre o trabalho pedagógico e as tarefas administrativas

Como o tutor presencial é, geralmente, o ser humano mais próximo fisicamente do aluno em uma instituição superior, ele garante a comunicação entre todos os envolvidos no curso. É o tutor que costuma repassar informações da sede do curso de EAD aos alunos e, inclusive, dos coordenadores e gestores do próprio polo onde os alunos estudam.

Versuti (2004) ressalta a importância da valorização do tutor para garantir a customização e qualidade de um curso de EAD.

Consoante Schmid (2004), o tutor é o profissional designado pela instituição para estabelecer contato com o aluno e, através de uma relação pessoal, facilitar a ele e desenvolver todo seu potencial intelectual e comunicacional. Estes tutores fazem a mediação entre os professores, materiais didáticos e os alunos.

Schmid (2004) afirma que os tutores presenciais são o vínculo entre os estudantes e os programas e funcionam ainda como fator de sucesso ou fracasso da EAD. A flexibilidade, significado e personalização dos processos educativos de EAD estão nas mãos dos tutores.

Segundo o manual *Tutoria no EAD: um manual para tutores* do INED (Instituto Nacional de Educação) da *Commonwealth of Learning* (O'Rourke, 2003), o tutor presencial tem atribuições administrativas para ligar o aluno à instituição, assim ele deve:

- manter comunicações com o apoio dos alunos: iniciar contato com os alunos no começo do curso, manter contato com os alunos e ajudar os alunos a solucionar questões que podem atrapalhá-los a seguir o curso;
- manter registros administrativos e comunicação com o pessoal administrativo: checar registro dos alunos no começo do curso, manter registros sobre trabalhos e avaliações e saber dos processos e prazos administrativos.

E o mesmo manual (O'ROURKE, 2003) fala das competências administrativas do tutor: servir de elo entre alunos e instituições sobre questões administrativas.

Cabanas e Vilarinho (2007) afirmam que o aumento do número de cursos a distância tem feito com que muitos profissionais se tornem tutores. Todavia, muitos deles o fazem sem preparo pedagógico específico na área de EAD e acabam sendo apenas estimuladores de leituras, debates, trabalhos colaborativos, cumprimento de prazos de entrega de trabalho ou ainda mesmo se tornam informantes dos aspectos administrativos. Em outras palavras, os tutores se tornam porta-vozes dos professores, coordenadores e administradores dos cursos.

Alves (2007) afirma que o tutor presencial é o grande diferencial na EAD, pois ele motiva a argumentação, que problematiza de forma a fomentar a qualidade das interações, que não deixa o outro sentir-se solitário.

O tutor, assim como os outros atores da EAD, precisa utilizar e dominar as TIC. Ele precisa ter habilidades necessárias para inovar as relações com a comunicação, a tecnologia e o conhecimento.

O tutor é ainda um gestor indireto do sistema educacional, pois compartilha com os alunos questões diversas de gestão, como: matrículas; calendários de avaliações; requisitos para manter os alunos regulares; etc.

Ainda, o tutor representa o rosto e a voz da instituição e dos próprios estudantes, sendo assim, as propostas e sugestões do tutor precisam ser bem analisadas já que ele é o elo entre a organização e os alunos. Em relação aos alunos, o tutor tem que fornecer informação administrativa e assessorar os alunos.

Assim, o tutor presencial desempenha muitas atribuições, tanto as relacionadas à administração, como as cognitivas e as afetivas. E, como este tema é polêmico no ensino presencial na EAD, também verifica-se o risco das tarefas administrativas se sobreporem às pedagógicas, ocupando mais o tutor presencial.

As diversas funções atribuídas ao tutor emergem da revisão de literatura e se baseiam numa visão instrumental de seu papel. Mas, se consideramos que a ação do tutor (presencial ou a distância) é uma ação eminentemente pedagógica, esta ação é regida pelos elementos que caracterizam as relações didático-pedagógicas. A seguir, será considerada a base de conhecimentos necessárias a uma melhor compreensão das relações entre prática e formação docente, que deverá servir de base para as reflexões sobre o papel do tutor.

2.4 Os saberes do professor

Segundo Libâneo (2004), para ser professor há necessidade de se ser especialista na matéria que ensina e transformar as bases da ciência da matéria que leciona.

Isso significa que para ensinar uma matéria não basta dominar os conteúdos ou ter domínio da prática de ensino dessa matéria. Para que um professor transforme as bases da ciência e que é especialista, em *matéria de ensino*, e com isso oriente o ensino dessa matéria para a formação da personalidade do aluno é preciso que ele tenha: a) formação na matéria que leciona; b) formação pedagógico-didática na qual se ligam os princípios gerais que regem as relações entre o ensino e a aprendizagem com problemas específicos do ensino de determinada matéria (LIBÂNEO, 2004, p. 11).

A formação do tutor presencial e de muitos professores se fundamenta em aquisição de técnicas. As agências financeiras internacionais destinam ao professor o treinamento nas técnicas. Aos alunos, é oferecido um “kit” de habilidades para que estes sobrevivam. Há o “kit” docente carregado de treinamentos em métodos e técnicas, materiais e textos e formação pela EAD ao invés de uma formação abrangente e integral. Todavia, deve-se lembrar que há cursos superiores de EAD que tentam primar pela qualidade. “A orientação do Banco Mundial é uma formação aligeirada de um professor ‘tarefeiro’, visando baixar os custos do pacote formação/capacitação/salário” (LIBÂNEO, 2010, p. 05)

Conforme afirma Libâneo (2010), a aprendizagem deve ser o objetivo da educação e esta está interligada ao ensino. Os processos educativos requerem a atuação intencional por parte do professor para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos. Então, este é um papel significativo e imprescindível do professor; ele não pode ser apenas um facilitador ou acompanhante da aprendizagem.

Num esforço para simplificar e reunir as diversas classificações sobre a base comum dos saberes docentes, Tardif, Lessard e Lahaye apud Nunes (2001) consideraram três gêneros de saber:

- os saberes disciplinares, oriundos do desenvolvimento das disciplinas e selecionados pela sociedade de maneira a se adaptar aos sistemas de ensino.
- os saberes curriculares, presentes nos programas escolares, organizados pelos órgãos governamentais com a ajuda de especialistas
- os saberes de formação profissional, de natureza multidisciplinar, compostos pelas contribuições teóricas das ciências humanas e sociais, como a didática.

Mas enfim, quais devem ser os saberes docentes? Segundo Schulman (2005) existem sete categorias de saberes: o conhecimento disciplinar, o conhecimento pedagógico geral, o conhecimento do currículo, o conhecimento da psicologia da infância, o conhecimento do contexto institucional, o conhecimento dos fins educativos e os outros conhecimentos que não fazem parte do domínio escolar.

[...] *conhecimento do conteúdo*; *conhecimento didático geral*, tendo em conta especialmente aqueles princípios e estratégias gerais de manejo e organização da classe que transcendem o âmbito da matéria; *conhecimento do currículo*, com um especial domínio dos materiais e os programas que servem como “ferramentas para o ofício” do docente; *conhecimento didático do conteúdo*: essa especial amalgama entre matéria e pedagogia que constitui uma esfera exclusiva dos maestros, sua própria forma especial de compreensão profissional; *conhecimento dos alunos e de suas características*; *conhecimento dos contextos educativos*, que abarcam desde o funcionamento do grupo o da classe, a gestão e financiamento dos distritos escolares, hasta o caráter das comunidades e culturas; e *conhecimento dos objetivos, as finalidades e os valores educativos*, e de seus fundamentos filosóficos e históricos (LIBÂNEO, 2010, p. 08).

Pode-se assim, observar a multiplicidade de questões que dizem respeito aos saberes docentes, assim como a diversidade segundo a qual estes saberes podem ser classificados: saberes profissionais, saberes da prática, saberes da experiência, dentre outros. Tal multiplicidade coloca em evidência a relação complexa entre estes saberes e a forma como estes se articulam com a ação do professor, que se consolida ao longo de sua experiência docente.

Esta abordagem supera a forma instrumental, percebendo e a ação docente como histórica e contextualizada e concebendo este profissional como um intelectual crítico. Por estas razões, a formação profissional ganha relevância e será tratada a seguir.

2.5 A formação do tutor presencial

Pode-se identificar a recorrência de alguns obstáculos ao desempenho das funções propostas ao tutor, como falta de autonomia, pois este segue roteiros previamente feitos. Outro obstáculo refere-se a sua formação. O tutor costuma ter pouca formação no Brasil, pois não encontra muito apoio bibliográfico, nem ações ou programas suficientes destinados a sua formação. E o pior é o desinteresse das instituições superiores de EAD que oferecem os cursos.

Gonzalez (2005) em seu livro *Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância* elenca as diversas funções dos tutores presenciais de cursos superiores através da EAD.

A notável relevância e complexidade do papel do tutor nos programas de Educação a Distância (EAD), demonstra a necessidade de um perfil profissional com habilidades e competências quase paradigmáticas. Espera-se que o tutor, além de domínio da política educativa da instituição em que está inserido e conhecimento atualizado das disciplinas sob sua responsabilidade, exerça uma sedução pedagógica adequada no processo educativo (Idem, p. 79).

É válido ressaltar que não há um modelo como referencial nem como paradigma de formação e atuação para tutor. “O que se vê, na prática, é uma tutoria alinhada com os modelos de treinamento e instrução programada” (VILARDI et al., 2005, p. 01).

Vilardi et al. (2005) dizem que o tutor precisa ter uma formação sociointeracionista. A formação do tutor é fundamental para que ele, possa vivenciar o processo como aluno para que possa passar por ele e, posteriormente, sanar as dificuldades dos alunos.

Segundo Vilardi et al. (2005), o processo de formação do tutor pode ser dividido por eixos: eixo do conteúdo (formação teórica para mediar a aprendizagem do estudante com segurança); eixo das ferramentas de interação (formação específica para a utilização de sistemas de EAD) e eixo dos mecanismos de comunicabilidade (formação específica para expressão clara e ainda para que o tutor ache a melhor maneira de se comunicar com o aluno).

Santos et al. (2002) afirmam que é necessário formar professores que saibam utilizar os recursos tecnológicos e orientar coerentemente com a proposta pedagógica do curso. A formação do professor é um dos principais itens para o processo de ensino e de aprendizagem presencial, além do mais, a formação de tutores é essencial para garantir o êxito da EAD, especialmente se incorporam as TIC e novas abordagens pedagógicas. considera o aluno

Os tutores costumam ser pouco valorizados, inclusive os professores também recebem pouca valorização. Com a baixa valorização social, baixos salários, pouca formação, condições de trabalho ruins, há um prejuízo, pois os tutores passam a manter pouco contato com os alunos. E existem aqueles tutores que creem que a educação a distância exija menos esforço, compromisso, preparação e energia em relação à educação presencial.

De acordo com Schmid (2004), todas essas questões se tornam mais alarmantes porque existem casos de estudantes que estão terminando seus cursos por meio da EAD ou são recém-formados, mesmo com entusiasmo e boas intenções, tornam-se tutores presenciais sem formação e experiência necessárias para o exercício desta profissão. Nestes casos,

recomenda-se capacitação e supervisão constantes. As condições de trabalho também não são sempre favoráveis.

Schmid (2004) também aponta características que devem ter os tutores. Uma delas é conhecer de forma aprofundada a disciplina que vão trabalhar e as estratégias didáticas do ensino a distância. Precisam ainda conhecer as TIC que a instituição onde trabalham oferecem, inclusive as limitações destas. Uma capacitação constante também se faz necessária quando os programas são modificados ou novos programas são introduzidos. Estes profissionais precisam conhecer a disciplina bem e ter atualização permanente sobre esta.

De acordo com Munhoz (2003), os centros de Educação a Distância estão à procura de professores-tutores eficazes, todavia, não observam que estes estão ao seu alcance: os próprios professores das salas de aula convencionais, mas que para serem tutores, se faz necessário lhes oferecerem formação adequada para que se sintam confortáveis ao lidar com este tipo de ensino. Formando assim, um condutor das fontes de pesquisa, dos caminhos; um profissional psicólogo, no qual as especificidades de cada indivíduo o conduz a perceber novos caminhos de aprendizagem. Ele é o profissional participativo que atua junto ao aluno e o engaja no processo de ensino e de aprendizagem.

Cabanas e Vilarinho (2007) afirmam que é necessário garantir ao tutor uma formação que ultrapasse a capacitação e que alcance competências, levando em consideração o percurso histórico da função de tutoria e do próprio tutor.

Leal (2003) mostra que o tutor precisa de formação acadêmica e experiência em educação e conhecimento didático-pedagógico. Segundo este autor, o tutor deve ter formação acadêmica para organizar situações didáticas com os alunos, sem armadilhas técnicas.

Necessita do conhecimento do ensino presencial para assim compreender a heterogeneidade dos indivíduos, a complexidade e singularidade do processo de aprendizagem para gostar da atividade docente. O tutor não pode reproduzir saberes fragmentados. Na sua formação, a prática educativa deve ser vista em “elementos fundantes [...] numa concepção do belo, da unicidade, da estética, das possibilidades circunscritas na relação educador-educando baseada no diálogo, no encontro com o outro” (LEAL, 2001, p. 04). Ou seja, como a EAD é um ensino diferenciado, requer diferentes habilidades e uma sólida formação acadêmica assim como a presencialidade também requer.

Mas quem pode ser tutor? Não é exagero ressaltar a necessidade de se selecionar e formar adequadamente os tutores para melhorar um curso de EAD. Contudo, é ilusório crer que um profissional formado em determinada área seja capaz de lecionar todas as disciplinas de um curso como faz o tutor. Assim, mesmo um tutor presencial dedicado e comprometido,

não será capaz de solucionar dúvidas de todas as disciplinas de forma satisfatória e seu trabalho, em alguns momentos, será superficial.

Este capítulo pretendeu abordar a questão da tutoria presencial na EAD, suas múltiplas funções, sua legislação e sua formação. Os estudos indicaram a necessidade de considerar o tutor presencial como um profissional que desempenha um papel didático-pedagógico, cujas ações se fundamentam na base dos saberes docentes.

O capítulo consecutivo pretende tratar da pesquisa empírica, detalhando o campo empírico, caracterizando os sujeitos pesquisados e indicando os procedimentos de coleta, de análise e de interpretação dos dados.

CAPÍTULO 3

ESTUDO E DISCUSSÃO DOS DADOS

“Só sabemos com exatidão quando sabemos pouco. À medida que vamos adquirindo conhecimentos, instala-se a dúvida” (GOETHE, 1825).

Este capítulo aborda a pesquisa empírica deste trabalho. Ele se inicia pela descrição detalhada do campo empírico, esclarecendo quanto à instituição abordada e quanto aos critérios de relação, formação e formas de atuação do tutor presencial, sujeito desta pesquisa.

A seguir, será apresentado o campo empírico, a coleta de dados, a caracterização dos sujeitos, a análise individual das entrevistas, a identificação dos sujeitos, o acesso às tecnologias e os tipos de uso, condições físicas e de equipamentos, a formação e o papel do tutor presencial segundo sua própria visão e algumas considerações à respeito da formação do tutor presencial de EAD.

3.1 Campo empírico

O presente trabalho tem como campo empírico o polo de Rio Verde-GO da UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná). De acordo com informações obtidas no site²⁴ da própria universidade, a UNOPAR foi fundada no dia 17 de fevereiro de 1972 por um grupo de empresários em Londrina, Paraná. Eles se reuniram para criar o Centro de Estudos de Londrina, desta forma, assumindo e dando continuidade ao funcionamento do Colégio São Paulo, então mantido por uma congregação religiosa. Foi esse o passo inicial para a criação do Centro de Estudos do Norte do Paraná, responsável pela implantação e manutenção do Curso

²⁴ <http://www2.unopar.br/historia.htm>

de Educação Física, abrigado pela FEFI (Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná). Este curso foi reconhecido pelo governo federal em fevereiro de 1976.

De 1985 a 1989, foram implantadas as Faculdades de Educação Artística, Desenho Industrial, Fonoaudiologia, Dança e Tecnologia em Processamento de Dados. Em 1990, para organizar sua administração, houve a primeira tentativa de unificação destas faculdades. Assim que foram unidas, receberam o nome de FEFI (Faculdades de Educação e Formação Integradas do Norte do Paraná), apesar da utilização da mesma abreviatura, a faculdade recebeu outro nome. Em dois de junho de 1992 o Conselho Federal de Educação aprovou a unificação sob o nome de UNOPAR (Faculdades Integradas do Norte do Paraná). Posteriormente, a instituição tornou-se universidade.

A UNOPAR é composta por três campi universitários (Londrina, Araçongas e Bandeirantes) e por mais de 350 (trezentos e cinquenta) polos de ensino a distância instalados nas regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. A instituição da UNOPAR responsável pelo ensino a distância é a UNOPAR Virtual que foi credenciada em 2006 pelo MEC (Ministério de Educação) conforme as Portarias 555/06 (quinhentos e cinquenta e cinco barra zero seis) e 556/06 (quinhentos e cinquenta e seis barra zero seis), publicadas no Diário Oficial da União de 20 de fevereiro de 2006.

Atualmente, a UNOPAR Virtual, oferece cursos de graduação (Administração, Ciências Contábeis, História, Letras, Pedagogia, Serviço Social, Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Tecnologia em Eventos, Tecnologia em Processos Gerenciais, Tecnologia em Marketing, Tecnologia em Gestão Ambiental, Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos, Tecnologia em Gestão Comercial, Tecnologia em Gestão da Produção Industrial e Tecnologia em Gestão Hospitalar) e de pós-graduação em nível Lato Sensu (especializações em Direito Ambiental, Direito Previdenciário, Educação a Distância, Gestão e Cultura em Gastronomia, Gestão e Organização da Escola, Psicopedagogia Institucional M.B.A. em Gestão de Pessoas e M.B.A. Executivo em Negócios).

Em relação ao modelo de EAD da UNOPAR, observa-se a presença do modelo pós-fordista. Segundo Belloni (2009), nos modelos pós-fordistas de EAD, há uma divisão acentuada de trabalho, o que pode ser visto no polo observado. Por exemplo, os materiais das teleaulas, a condução das aulas e a formulação das atividades e trabalhos propostos pelas diversas disciplinas são de responsabilidade do professor. Cabe ao tutor a distância corrigir os trabalhos dos alunos. E os tutores presenciais – durante os encontros presenciais - apresentam e orientam os alunos para a realização das atividades que foram propostas pelo professor. Esta divisão provoca alto controle dos processos de trabalho, concentração e centralização da

produção. A mesma teleaula é transmitida para todos os polos simultaneamente, o que implica na massificação e standardização da educação, que é vista como um produto.

O polo de Rio Verde - campo empírico desta pesquisa - oferece os cursos de Pedagogia, Serviço Social, Administração, Tecnologia em Processos Gerenciais, Tecnologia em Recursos Humanos e Tecnologia em Gestão Ambiental, mas não oferece cursos em nível Lato Sensu. Ao todo, este polo tem cerca de oitocentos alunos e foi aberto no segundo semestre de 2006.

Este polo funciona em um local com três andares com quinze salas durante o período noturno e nos períodos matutino e vespertino no mesmo edifício funciona uma escola de educação infantil e de educação básica com cerca de trezentos alunos ao todo. Aos finais de semana, neste edifício, funciona uma escola profissionalizante com cursos técnicos em Enfermagem e Segurança do Trabalho. O polo da UNOPAR utiliza oito salas. Todas as quinze salas são equipadas com um computador, um projetor e um ar-condicionado.

Os encontros presenciais ocorrem uma vez por semana à noite de segunda à sexta, das 19h20min às 22h10min, sendo 1h30min de teleaula²⁵, 10 minutos de intervalo e 1h10min de aula atividade. Estes encontros presenciais contam com tutores presenciais, os quais podem ter de uma a cinco turmas consoante a sua graduação.

Os tutores presenciais, em Rio Verde, Goiás, são, geralmente, escolhidos por meio de indicações de pessoas que já trabalham na instituição. Eles são responsáveis por todas as disciplinas do semestre do curso onde atuam. Nos polos da UNOPAR, os cursos são divididos por semestre. Há tutores que trabalham com distintos semestres de um ou mais cursos. Por exemplo, se o tutor trabalha de segunda a sexta no polo da UNOPAR em Rio Verde-GO, no curso de Pedagogia, ele trabalha com cinco períodos diferentes. Sendo assim, ele precisaria ter conhecimento aprofundado dos conteúdos das disciplinas de todos os semestres com os quais trabalha, o que é muito difícil para um profissional por mais eficiente que ele seja.

De 2008 em diante, a cada semestre é oferecido um curso de tutoria²⁶ ao vivo, via teleaula, com duração de aproximadamente doze horas à noite durante três dias ou em finais de semana. Todavia, aqueles que se tornam tutores no meio do semestre, recebem este treinamento apenas no semestre seguinte. Neste curso, o centro das atenções é o projeto pedagógico da universidade. Os tutores veem os procedimentos para a utilização do ambiente virtual de aprendizagem, a filosofia da instituição, os objetivos (geral e específicos). O perfil e

²⁵ Teleaula é uma aula via satélite transmitida ao vivo através da projeção de um datashow.

²⁶ O material do curso de tutoria segue pode ser encontrado no Anexo 05.

campo de atuação dos discentes, a concepção do currículo e as competências e as habilidades a serem adquiridas ao longo de cada curso são mostradas aos tutores.

O sistema de tutoria é explanado também aos tutores presenciais. O perfil e as atribuições do tutor eletrônico e do tutor presencial são expostos. Por último, é feita uma análise do mapa conceitual²⁷ de cada curso. Diante do curso que é oferecido aos tutores, observa-se que há menos ênfase no quesito tutoria presencial em relação aos outros tópicos, o qual deveria ser o foco da formação do tutor para que ele pudesse conhecer as suas verdadeiras atribuições. Essa falta de formação intervém de forma negativa nas condições de trabalho do tutor presencial, no que diz respeito a saber quais são as suas verdadeiras atribuições e também para reivindicação por melhora salarial.

3.2 Coleta de dados

O campo empírico desta pesquisa foi o polo da UNOPAR em Rio Verde-GO. Em relação aos procedimentos de coleta de dados, foram entrevistados todos os sete tutores presenciais que atuam neste polo. As entrevistas foram realizadas em duas etapas. No primeiro semestre de 2010 foram realizadas as semi-dirigidas. Esta entrevista conta com questões objetivas e com subjetivas. Este tipo de entrevista permite focalizar um tema e as perguntas abertas possibilitam que o entrevistado fique livre para se expor.

Após análise destas entrevistas, foram identificados alguns aspectos que mereciam ser esclarecidos ou aprofundados. Com este objetivo, foram realizadas entrevistas aprofundadas no mês de julho de 2010. As entrevistas aprofundadas se diferenciam da primeira por contar apenas com questões abertas embasadas em alguns pontos considerados importante na entrevista semi-dirigida.

Antes das entrevistas semi-dirigidas, foi pedido ao coordenador do polo que liberasse os tutores a falarem sobre as suas atribuições e a sua formação e a autorização foi dada prontamente. As entrevistas semi-dirigidas foram feitas durante as teleaulas como combinado com o coordenador do polo, pois neste período os tutores assistem às teleaulas juntamente com os alunos. Todavia, posteriormente, estas entrevistas não deveriam ter sido feitas durante as teleaulas, pois estas são um rico momento de aprendizagem para os tutores.

As entrevistas aprofundadas foram realizadas com os dois tutores na residência dos mesmos no período noturno, tendo sido agendadas por telefone.

²⁷ O mapa conceitual de um curso é junção de: conteúdo programático, exercício no material didático, teleaula e aula-atividade, articulação pedagógica, atividade disciplinar e atividade de portfólio que formam um curso.

A entrevista semi-dirigida contou com perguntas objetivas e abertas para identificar os tutores presenciais e saber sobre a sua formação. A entrevista semi-dirigida é feita através de um guia, o qual segue em anexo (Anexo 1), preparado com antecedência que serve como norteador da mesma. Este tipo de entrevista permite que os entrevistados respondam às mesmas questões. Ela foi escolhida por manter um grau de flexibilidade e ao mesmo tempo de organização de ideias para a exploração das perguntas. Não obstante, ela permite que o tempo do entrevistado seja otimizado e que os dados sejam tratados de forma sistemática e qualitativa.

Estas entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. Nas análises a seguir, os tutores receberão os seguintes nomes fictícios: Carla, Adriana, Rosa, Beatriz, João, Débora e Marcos. A utilização de nomes fictícios permite que a identidade do sujeito seja mantida em sigilo²⁸.

Todos os tutores presenciais foram entrevistados à noite durante uma teleaula. O momento escolhido para a realização das entrevistas foi pensado por os tutores terem outras ocupações durante o dia. Todavia, posteriormente analisando, percebeu-se que a escolha da entrevista durante a teleaula não foi positiva, pois a teleaula é um importante momento de formação para os tutores e estes não poderiam ter sido chamados em uma ocasião tão pertinente. Embora tenha sido um descuido, nenhum tutor observou que este horário de entrevista seria uma desvalorização da função pedagógica deste momento. Diante disto, o correto seria ter combinado com os tutores um momento livre destes e ter ido aonde eles estavam para entrevistá-los. O local escolhido foi a sala dos professores que costuma ficar vazia à noite nesta instituição, já que o intervalo é pequeno e os tutores presenciais costumam ficar juntos aos seus alunos durante os mesmos.

3.3 Caracterização dos sujeitos

No anexo 2 encontra-se a transcrição das entrevistas realizadas com os sujeitos deste estudo. Os tutores presenciais foram questionados sobre: identificação (sexo, idade, formação, tempo de experiência no magistério, tempo de experiência na tutoria presencial e em qual curso), acesso às tecnologias e tipos de uso (se possui computador pessoal ou em casa, que tipo de máquina, se este está conectado à internet e que tipo de conexão, atividades realizadas com o computador), condições físicas e de equipamentos (espaços de utilização do

²⁸ Os sujeitos foram informados que sua identidade seria preservada.

computador, conectado à internet e satisfação da configuração) e tutoria (razões para ser tutor, forma de ingresso na função de tutor, quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor, formação que recebeu para ser tutor, se recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições [especificar se for confirmada e se não for confirmada, como foram deduzidas]) e as funções que desempenha.

O quadro a seguir, agrupa as informações sobre a identificação dos sujeitos, e suas respectivas opiniões quanto ao acesso às tecnologias, aos tipos de uso que estes fazem das mesmas e quanto às condições físicas e dos equipamentos disponíveis no polo em questão.

Quadro 6 – Identificação dos sujeitos / Acesso às tecnologias / Tipos de uso / Condições físicas e de equipamentos

Tutores	Idade	Formação	Experiência no magistério	Experiência tutoria presencial	PC ²⁹ em casa	PC no trabalho	Curso em que atua como tutor
Carla	menos de 30 anos	Serviço Social e especializando	não	menos de seis meses	não	sim	Serviço Social
Adriana	menos de 30 anos	Serviço Social e especializando	não	entre seis meses e um ano	sim	sim	Serviço Social
Rosa	51 ou mais	Direito e História e especialista	sim	entre dois e cinco anos	sim	sim	Pedagogia
Beatriz	entre 36 e 40 anos	Serviço Social e especialista	não	entre um e dois anos	sim	sim	Serviço Social
João	entre 20 e 30 anos	Administração em Agronegócios e especialista	sim	entre um e dois anos	sim	sim	Gestão Ambiental
Débora	entre 41 e 50 anos	Administração e especialista	sim	entre dois e cinco anos	sim	sim	Processos Gerenciais, Administração e Recursos Humanos
Marcos	menos de 30 anos	Letras e especializando	sim	menos de seis meses	sim	sim	Pedagogia

Fonte: Entrevistas realizadas com os sete tutores presenciais do polo da UNOPAR de Rio Verde-GO.

²⁹ Abreviação de Personal Computador, em português, computador pessoal.

3.4 Análise individual das entrevistas

Segue a análise individual das entrevistas feitas com os sete tutores da UNOPAR no polo de Rio Verde-GO sobre os aspectos descritos no quadro acima (Quadro 6).

3.4.1 Identificação dos sujeitos

O polo de Rio Verde-GO conta com sete tutores, sendo cinco do sexo feminino e dois do masculino. Dos sete tutores, quatro têm menos de trinta anos, uma tem trinta e seis a quarenta, outra tem entre quarenta um a cinquenta anos e uma tem mais de cinquenta e um anos de idade.

A universidade oferta os seguintes cursos: Serviço Social, Pedagogia, Gestão Ambiental, Processos Gerenciais, Administração e Recursos Humanos. Dos sete tutores, cinco atuam em cursos consoantes a sua formação e dois atuam em cursos distintos da sua formação.

Em relação ao tempo de experiência no magistério, três tutoras do curso de Serviço Social nunca tiveram experiência como professora, apenas como tutora. E os outros quatro tutores atuaram ou estão atuando como professores também no momento. Em relação à tutoria, dois são tutores há menos de seis meses; uma entre seis meses a um ano; dois entre um a dois anos e dois há entre dois a cinco anos.

3.4.2 Acesso às tecnologias e tipos de uso

Quanto ao acesso às tecnologias e tipos de uso, observa-se que dos sete tutores apenas uma não possui um computador pessoal. Todos os demais têm computadores. Sendo que quatro possuem desktops, uma possui notebook e outra desktop e notebook. Todos os computadores têm banda larga.

Em relação às atividades realizadas com o computador, todos os sete tutores o utilizam para o preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente. Para outras atividades profissionais, quatro utilizam o computador. Uma para manter contato com alunos e colegas de trabalho; outra para o seu trabalho enquanto assistente social; outra para pesquisar sites extras para os seus alunos e um para consultoria da área ambiental. Os sete tutores utilizam o computador para estudo e pesquisa. E para lazer e entretenimento, quatro. Para outras atividades, apenas uma tutora afirma que utiliza o computador, no caso, os comunicadores instantâneos.

3.4.3 Condições físicas e de equipamentos

Em relação aos espaços onde utilizam o computador na universidade, os sete o utilizam na sala onde são tutores. Apenas uma tutora utiliza o computador no laboratório de estudos e pesquisa. Não há uso do computador na sala dos professores por não haver computadores neste local. Na secretaria, quatro tutoras utilizam os computadores de lá. Todos os computadores da universidade estão conectados à internet e todos os tutores creem que os computadores tenham configuração satisfatória. Conclui-se que o local onde os tutores mais utilizam o computador é na sala onde atuam como são tutores.

3.5 A formação e o papel do tutor presencial segundo sua própria visão

Em relação às razões que os levaram a serem tutores, em nenhum caso foi por imposição, tendo se visto obrigado a ser tutor por falta de outra profissão. Dos sete, seis apontam que se tornaram tutores por oportunidade. Dois afirmam que além da oportunidade, se tornaram tutores pelo desejo de experimentar. Apenas um afirma que se tornou tutor pelo desejo de experimentar. E somente uma tutora especifica outra razão para ser tutora, no caso, interesse pessoal.

Já sobre como ingressaram na função de tutores, seis entraram no polo por convite e apenas um por análise de currículo. A contratação é feita pelo polo e a seleção é feita pela gestão e pela coordenação do polo. Ninguém entrou por concurso ou processo seletivo.

Em relação a quando e que tipo de formação receberam para serem tutores, três apontam nunca e nenhuma. Três afirmam que antes de começarem a trabalhar, eles observaram e acompanharam o trabalho desenvolvido por um colega. Três afirmam que antes de começarem a trabalhar, fizeram um ou mais cursos de tutores: um de três finais de semana

via teleaula; outro um curso de três dias e um menciona um treinamento de uma semana via teleaula. Nenhum deles fez um curso específico de EAD antes de começar a trabalhar.

Quando solicitados a descrever a formação que receberam para serem tutores, três tiveram treinamento de poucos dias via teleaula. Outras duas começaram a trabalhar sem treinamento, pois na época não existia esse apoio, apenas posteriormente vieram a participar de treinamentos via teleaulas. Dois não fizeram nenhum treinamento, um por questões pessoais não pôde participar de nenhum treinamento e o outro ingressou no polo como tutor recentemente depois do treinamento dado no mês de janeiro deste ano.

Observa-se que a formação para ser tutor deveria ser obrigatório desde o início do polo da universidade na cidade, todavia, apenas três tutoras o tiveram. Duas o receberam depois de certo tempo de exercício da profissão. Outro tutor não recebeu formação por estar viajando no momento em que esta foi oferecida. E o tutor que entrou recentemente na universidade, deveria ter feito o treinamento antes de iniciar o seu trabalho, mas não foi o que aconteceu.

Ao serem perguntados sobre a formação que receberam para serem tutores, as cinco que tiveram treinamento, falam sobre poucos dias de preparação via teleaula.

Quando questionados sobre as suas atribuições, nenhum dos tutores fala sobre todos os aspectos (cognitivos, afetivos e de administração). Os tutores relatam brevemente mais sobre as tarefas cognitivas que realizam com os alunos, como, por exemplo, falar dos conteúdos e do campo de atuação do profissional, revisar os conteúdos, orientar nas atividades e nas avaliações virtuais e presenciais, realizar aulas atividades, mediar alunos e professores a distância e ministrar aulas.

Apenas duas tutoras falam da afetividade na EAD. Uma diz que o tutor presencial tem que animar a aluno para que ele não desista do curso já que este tem outras obrigações e uma tutora afirma que o tutor é o elo humano mais forte entre o polo e a sede. Todavia, nenhum tutor falou sobre os aspectos de gestão muitas vezes presentes dentre as funções do tutor presencial.

Observa-se certa insegurança e não conhecimento sobre as verdadeiras atribuições do tutor presencial. Pode-se afirmar ainda que este escasso conhecimento se deve ao fato de haver tutores ainda sem treinamento e os que tiveram treinamento, viram mais sobre a universidade do que sobre os papéis de um tutor presencial.

A seguir, o quadro síntese (Quadro 7) dos aspectos analisados a partir das entrevistas:

Quadro 7 – Quadro síntese sobre a formação e o papel do tutor presencial

Razões para ser tutor(a)	Imposição		0
	Oportunidade		6
	desejo de experimentar		3
	Outro		1
Formas de ingresso na função de tutor(a)	Convite		6
	Concurso		0
	processo seletivo		1
	análise de currículo		1
Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)	Outro		0
	nunca e nenhuma		1
	antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega		3
	antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria		3
Formação que recebeu para ser tutor	Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD		0
	nenhum treinamento		2
	treinamento antes de ser tutor(a)		3
Orientação formal quanto às atribuições de tutor	treinamento depois de ser tutor(a)		2
	Sim		7
	Não		0
Se não, quais são as atribuições do tutor e como foram deduzidas	sim	curiosidade, pesquisa e estudo pela internet	1
	não		6
Descrição das funções que desempenha enquanto tutor	cognitivas		6
	afetivas		3
	de gestão		0

Fonte: Entrevistas realizadas com os sete tutores presenciais do polo da UNOPAR de Rio Verde-GO

3.6 Algumas considerações à respeito da formação do tutor presencial de EAD

Observa-se que pouco mais de 50% dos tutores entrevistados têm experiência no magistério, sendo quatro com experiência e três sem. Em relação ao tempo de tutoria, grande parte dos tutores, cinco dos sete, se tornaram tutores presenciais há pouco tempo.

Observa-se ainda, uma alta rotatividade destes profissionais, provavelmente devido às condições de trabalho. Conforme a revisão da literatura e os dados emergentes deste estudo, verifica-se a sobreposição e a multiplicação de tarefas atribuídas a este profissional, o que lhes impõe uma sobrecarga em termos de quantidade, mas também no que diz respeito à diversidade de saberes e de conhecimentos necessários para o desenvolvimento de tais tarefas. Soma-se a isto, a baixa remuneração recebida por este profissional. Por exemplo, um tutor presencial do polo da UNOPAR em Rio Verde-GO recebe R\$ 300,00 (trezentos reais)

mensalmente por turma³⁰. Além disto, eles não recebem férias, décimo terceiro salário e não têm carteira assinada. Observa-se assim a precarização do trabalho do tutor presencial.

A recontextualização das TIC da política nacional de formação de professores a distância tem sido produzida pela negação das condições históricas da formação e do trabalho docente, sustentando e sendo sustentada pelo discurso da ‘falta’ e pela proposta de preenchimento através de um conjunto de novidades (há sempre algo ‘novo’ afirmado como necessariamente positivo). A nova fundação tem por alicerce a substituição tecnológica radical: assume que quem educa os educadores são os materiais veiculados através das TIC, ficando as eventuais dúvidas por conta dos tutores (BARRETO, 2001, p. 93).

Pode-se afirmar também, que nenhum dos tutores recebeu formação adequada nem em relação à tutoria presencial nem em relação à EAD de forma geral, já que o tema dos treinamentos oferecidos se limita à descrição e caracterização dos cursos. Ou seja, na instituição pesquisada, o chamado treinamento aos tutores se assemelha mais a um informe publicitário sobre os serviços oferecidos para os clientes (alunos).

Ao formular de maneira sistemática as suas atribuições, os sujeitos desta pesquisa indicam tarefas que percorrem os planos cognitivo, afetivo e de gestão, sem, no entanto, conseguir articulá-los ou estabelecer prioridades, embora se constate certa insistência nas atribuições de cunho afetivo.

Quando os três tutores que abordaram a questão afetiva em suas respostas ao serem indagados sobre as suas atribuições, observa-se que esta afetividade tem relação com a diminuição da distância transacional apontada por Moore (2007), já que estes indicam que a aproximação entre tutor presencial e alunos na EAD ameniza a distância nestes cursos.

Ele, na verdade, acompanha o aluno no desempenho e aprendizagem. Orienta nas atividades. Tem que levantar a autoestima, porque é difícil curso a distância, desmotiva. O perfil desse aluno, muito tempo sem estudar e voltaram a estudar, esposas, trabalhadoras. Tudo novo, encontram dificuldades, tenho que suprir as dificuldades e auxiliar. Tenho que acompanhar o sistema pessoal de cada, as avaliações virtuais e presenciais. Tem que ajudar o portfólio, realizar aulas atividades com o material preparado pelo pessoal de Londrina. Sou responsável pela frequência. É (ADRIANA, 2010).

É de estar orientando o aluno, cuidando para que ele consiga realizar atividades, interagir ele com o professor. Age como se fosse um elo entre professor e instituição. Uai, acho que trabalha. Também acho importante, não sei se muita gente leva em consideração, é o relacionamento. O curso a distância é frio. Ele tem referência o tutor de sala mesmo. Com o tutor ele tem liberdade para se comunicar, é

³⁰Cada turma – com cerca de 40 alunos – tem uma aula semanal com a duração de duas horas e cinquenta minutos. Assim, por este valor mensal, o tutor presencial deve trabalhar por 14 horas e 15 minutos semanais. Esta situação tem conduzido os tutores a assumirem mais de uma turma para alcançarem um nível de rendimento mensal coerente com o seu deslocamento ao local de trabalho e com suas necessidades pessoais.

que tem o e-mail para falar com o tutor a distância, mas tem gente que não sabe colocar no papel aquilo que pensa. Acho mais importante é o relacionamento humano mesmo (DÉBORA, 2010).

Acompanhar o aluno em todos momentos, tem a área de trabalho, dar todo suporte, material, orientações quanto questão presencial. Eu vejo esse suporte presencial. Tem que ser dinâmico, uma das atribuições, se você não for dinâmico diante o aluno, ele desanima. O próprio curso exige muito. Quanto à questão da oratória, o aluno precisa ter senso crítico e não fazer a faculdade por fazer (BEATRIZ, 2010).

A diversificação e fragmentação das funções do tutor presencial de cursos superiores a distância, associada a sua débil formação concorre para a precarização do status deste profissional. E esta precarização do status do tutor se articula ao projeto educativo e de formação de professores que emerge da OCDE e do Banco Mundial. Estes organismos internacionais se preocupam com o quesito quantidade e não qualidade em educação para formar o maior número possível de consumidores, atendendo assim a demandas econômicas de manutenção das diferenças entre países fornecedores e países produtores ou entre países centrais e países periféricos no quadro econômico internacional.

Uma possibilidade de superação da referida diversificação e fragmentação das funções do tutor, fazendo frente ao processo de precarização de seu status profissional, seria a qualificação de seu trabalho. Tal perspectiva pode tomar como referência, ao invés de ações instrumentais (como as atribuições ditas cognitivas, afetivas e de gestão), os saberes próprios à prática docente, conforme o formulado por Schulman (2005) e Libâneo (2010).

Para Schulman (2005), o conhecimento sobre a docência é aquilo que os professores deveriam saber, fazer, compreender ou professar para converter o ensino em algo mais que uma forma de trabalho individual e para que seja considerada entre as profissões prestigiadas. Dentre tais saberes, podemos indicar o conhecimento do conteúdo e o conhecimento pedagógico do conteúdo como alguns que se destacam para o desempenho do trabalho pedagógico do tutor presencial de cursos superiores a distância.

O conhecimento do conteúdo está associado ao conhecimento da matéria que leciona. Assim, o tutor deve conhecer todos os conteúdos das diferentes disciplinas com as quais trabalha, tarefa muito árdua por mais bem preparado e dedicado seja um tutor.

O conhecimento pedagógico do conteúdo se refere ao saber pedagógico e ao saber didático do conteúdo, como, por exemplo, a importância das relações entre professor e o aluno, os processos de motivação discente ou as técnicas de ensino. Vale ressaltar que esse conhecimento pedagógico do conteúdo é visto em cursos de licenciatura e dentre os sete

tutores do polo da UNOPAR em Rio Verde-GO, apenas dois são graduados em um curso de licenciatura.

Observa-se que uma lógica instrumental rege a conformação e a organização do trabalho do tutor presencial no campo empírico estudado. No entanto, os estudos aqui realizados indicam a possibilidade de considerar o tutor como um professor, ou seja, como um profissional intelectual, cuja base de conhecimentos teóricos e práticos precisa se articular entre o conteúdo ensinado e as técnicas e métodos de ensino e de aprendizagem a ele vinculadas. Mas, para isto, impõe-se uma melhor formação para que o tutor possa conhecer as especificidades didático-pedagógicas da EAD e para que este trabalhe consoante as disciplinas nas quais é especialista. Assim, adquirindo saberes de conteúdo e pedagógico do conteúdo, o tutor presencial poderia fazer frente ao sistema instrumental e desqualificador que lhe é imposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

OS SABERES BÁSICOS À AÇÃO DO TUTOR

Ao ser convidada pela direção do polo da UNOPAR na cidade de Rio Verde-GO no ano de 2007 para ser tutora presencial nos cursos de Letras e Pedagogia fiquei muito contente em poder lecionar em um curso superior, mas não sabia exatamente como seria e fui aprendendo gradativamente com a prática. Na verdade, os próprios gestores responsáveis por este polo não conseguiam me auxiliar com eficácia por estarem também “perdidos” naquele novo cenário educacional.

Ao deixar a instituição por questões pessoais e verificar que a inscrição para o mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás estava aberta e tinha uma orientadora na linha de EAD, fiquei empolgada com a ideia de me aprofundar nos estudos sobre as atribuições de um tutor presencial.

Por meio de uma revisão de literatura em livros sobre EAD e tutoria, em artigos, principalmente os da ANPEd e da ABED, ressalto que a literatura referente ao tutor presencial ainda é escassa e as informações sobre as atribuições e a formação do tutor presencial estão dispersas em materiais diversos e que, de fato, precisaram ser compiladas.

Mas antes de tratar das atribuições do tutor presencial foi necessário estudar e pesquisar o contexto contemporâneo e o porquê do surgimento deste profissional. A EAD se expandiu ao encontro das expectativas de um mundo contemporâneo neoliberal e globalizado.

Neste mundo atual, globalizado e neoliberal, há urgência em “estudar” para atender aos interesses capitalistas de organismos internacionais como o FMI e o Banco Mundial, pois estes cobram dos países membros que tenham bons resultados educacionais para se enquadrarem nas normas financeiras destes órgãos. É o caso do Brasil, por exemplo.

Todavia, os resultados da avaliação do PISA apontam que no país as notas, no geral, foram baixas. Assim, o professor se torna um dos “culpados” por esses baixos índices, pois se presume que o professor qualificado possa ensinar de forma mais eficiente. E para “qualificar” este professor, uma saída é a EAD, já que no Brasil o déficit de professores chega a cento e sessenta mil por ano.

A EAD deu saltos gigantescos desde a última LDB. Os números mostram que a oferta de cursos superiores via EAD vêm crescendo. Todavia, apesar da expansão da UAB, as universidades particulares se expandiram mais, assim como ocorre no ensino presencial.

Nesta rápida expansão das universidades particulares, observa-se que a qualidade das mesmas fica difícil de ser analisada, pois o governo enfrenta dificuldades para verificar e analisar tantas universidades que foram abertas em um país tão grande.

Como a EAD é prática educativa e, portanto, pedagógica e, devido a isso, é necessário conhecer a literatura referente aos profissionais que nela trabalham. Além de prática educativa, a ágil difusão da EAD é outro ponto para que esta seja pesquisada, especialmente, os atores que dela fazem parte. E um deles de extrema importância é o tutor presencial, pois este é o elo entre o ensino presencial e a instituição ofertante de cursos a distância.

Com a revisão de literatura, observou-se que são atribuídas ao tutor presencial funções de cunho cognitivo, afetivo e de gestão. Em síntese, o tutor deve orientar os alunos, motivá-los e repassar informações administrativas aos estudantes.

Mas, estas três categorias são uma sobrecarga ao tutor presencial, pois ele tem que auxiliar os seus alunos em todas as disciplinas de um curso, o que é bastante difícil e exige uma formação muito sólida de conhecimento em todas as disciplinas de um curso superior. Um professor de uma faculdade geralmente ministra aulas de algumas disciplinas consoante a sua formação e pós-graduação. Já o tutor presencial precisa transitar por todas as disciplinas de um curso em séries diferentes, ele precisa ser um professor multidisciplinar. O que dificulta e faz com que o seu trabalho seja superficial, pois é praticamente impossível ter bastante conhecimento em todas as disciplinas de um curso, mesmo formado na área.

A principal questão verificada com este trabalho com a pesquisa qualitativa é que nem os próprios tutores, sabem quais são realmente as suas funções, hipótese esta confirmada pela revisão de literatura e pelas entrevistas feitas com os tutores do polo da UNOPAR em Rio Verde-GO. Observa-se que as respostas em relação às funções de tutoria são superficiais. Mesmo com as entrevistas aprofundadas com dois tutores, pouco conseguiram relatar sobre as suas atribuições.

Provavelmente, esta escassez de conhecimento das atribuições do tutor presencial se deve pela precária formação que recebem, hipótese esta também confirmada pela revisão de literatura e pelas entrevistas com os tutores da instituição acima referida. Há, então, uma precarização do status do trabalho docente do tutor.

A combinação dos aspectos até aqui elencados, nos conduzem a considerar que a classificação proposta para as atribuições dos tutores, se baseia em princípios instrumentais que não conseguem reconhecê-los como os professores que são. Tal perspectiva, nos conduziu a buscar em Libâneo (2010) e Schulman (2005) elementos que permitissem levantar

as bases do trabalho docente, então considerado como um intelectual crítico e não como um mero reproduzidor de tarefas pré-determinadas.

É assim que destacamos, dentre os diversos tipos de saberes elencados pelos autores acima, alguns que nos pareceram mais pertinentes de serem observados no contexto em estudo, em função dos dados aos quais tivemos acesso: a) conhecimento do conteúdo; b) conhecimento didático geral; c) conhecimento do currículo; d) conhecimento didático do conteúdo e e) conhecimento dos alunos e de suas características.

Podemos levar em conta os saberes docentes (LIBÂNEO, 2010; SCHULMAN, 2005) para analisar as respostas fornecidas pelos tutores presenciais na pesquisa empírica. Observa-se que os tutores presenciais não conseguem ter conhecimento aprofundado em todos os conteúdos com os quais se deparam no exercício de sua função.

Para Schulman (2005) e Libâneo (2010), o conhecimento dos conteúdos das disciplinas pode ser traduzido pelo aprofundamento de conhecimento em relação aos conteúdos de determinadas disciplinas. No que diz respeito a este conhecimento, verifica-se que cinco tutores presenciais dos sete se graduaram na área em que atuam, tendo algum conhecimento dos conteúdos das disciplinas pelas quais são responsáveis. Contudo, coloca-se em questão a possibilidade de um mesmo profissional dominar conhecimentos aprofundados em todos os conteúdos de um curso. Por isso há a necessidade dos tutores trabalharem por áreas de especialização como ocorre habitualmente nos cursos de graduação presenciais.

Em relação ao conhecimento didático geral, a maioria deles também não o tem, já que apenas dois tutores dos sete têm licenciatura. Conseqüentemente, o conhecimento do currículo se torna superficial, pois com precária formação é difícil para que os tutores presenciais tenham domínio dos materiais e dos programas dos cursos nos quais trabalham. O conhecimento didático do conteúdo também fica prejudicado, pois precisam conhecer bem o vínculo entre a matéria e a pedagogia, tarefa árdua para quem não tem licenciatura.

Em relação ao conhecimento dos alunos e de suas características, é um outro saber necessário, porém com poucos encontros presenciais e, muitas vezes, com um grande número de alunos, o tutor presencial não consegue conhecer seus alunos nem as suas peculiaridades.

As instituições superiores de EAD podem ser mais abertas e flexíveis, abandonando o modelo fordista de ensino. De fato, a interação e a interatividade das faculdades abertas e flexíveis influenciam de forma positiva o ensino e a aprendizagem.

Como o tutor presencial é um professor, seria necessário que os cursos a distância tivessem tutores especialistas em diferentes disciplinas atuando em um mesmo curso como ocorre em instituições superiores presenciais. Mas como boa parte das instituições de ensino

superior em nosso país se ocupam mais da rentabilidade e não do ensino e da aprendizagem, priorizando medidas com fundamentos econômico em detrimento daquelas de caráter pedagógico. Por exemplo, é menos dispendioso ter apenas um professor-tutor por turma e como este profissional ainda não tem direitos estabelecidos em lei, muitas vezes, trabalha por um salário irrisório sem direitos trabalhistas ou sendo remunerado por meio de bolsas, como é o caso da UAB em que um tutor presencial recebe hoje R\$ 765,00 por vinte horas de trabalho mensais.

A EAD está avançando com o intuito de qualificar mais professores, mas muitas instituições precisam se melhor estruturar, principalmente, em relação aos próprios profissionais que nela atuam, para que o quesito qualidade seja alcançado.

Os tutores presenciais precisariam ter, de fato, os cinco saberes docentes para que pudessem atuar de forma eficiente: conhecimento do conteúdo; conhecimento didático geral; conhecimento do currículo; conhecimento didático do conteúdo e conhecimento dos alunos e de suas características, mas, emergencialmente, o conhecimento do conteúdo e o didático do conteúdo abarcariam.

Enfim, a revisão de literatura e a pesquisa qualitativa com os sete tutores do polo da UNOPAR de Rio Verde-GO indicam que o tutor recebe múltiplas atribuições e precária formação. De fato, o estudo até aqui realizado aponta a possibilidade de reconhecer no tutor um professor e, como tal, atribuir ao seu trabalho uma dimensão pedagógica qualificada. O tutor realiza um trabalho de caráter didático-pedagógico que lhe demanda os saberes e conhecimentos teóricos e práticos próprios a tal função.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Tecnologia e educação a distância: abordagens e contribuições dos ambientes digitais e interativos na aprendizagem.** In: Reunião Anual da Anped, 26. Caxambu, Out. 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/mariaelizabethalmeida.rtf>>. Acesso em: 10 maio 2008.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. A formação de gestores para a incorporação de tecnologias na escola: uma experiência de EAD com foco na realidade da escola, em processos interativos e atendimento em larga escala. In: **XII CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – ABED**, 2005, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ABED, 2005.

ALVES, Aglaé Cecília Toledo Porto. EAD e a formação de formadores. In: VALENTE, José Armando; BIANCONCINI, Maria Elizabeth (org). **Formação de educadores a distância e integração de mídias.** São Paulo: Avercamp, 2007.

ALVES, Lynn Rosalina Gama; NOVA, Cristiane Carvalho da; LAGO, Andréa. **Nos bastidores do ensino on-line: do planejamento à avaliação.** In: Reunião Anual da Anped, 26. Caxambu, Out. 2003. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/lynnrosalinagamaalves.rtf>. Acesso em: 12 maio 2008.

BARBOSA, Maria de Fátima; REZENDE, Flávia. A prática dos tutores em um programa de formação pedagógica a distância: avanços e desafios. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, v. 10, n. 20, p. 473-486, jul/dez. 2006.

BARRETO, Raquel Goulart. As políticas de formação de professores: novas tecnologias e educação à distância. In: BARRETO, Raquel Goulart. (Org) **Tecnologias educacionais e educação à distância: avaliando políticas e práticas.** Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas/SP: Autores Associados, 2009.

BIANCHETTI, Roberto. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2001.

BIRD, WORLD BANK. **Millenium development goals**. 2010. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/>>. Acesso em: 10 set. 2010.

BRANDÃO, Maria do Céu de Medeiros; MARTINS, Ademir da Rosa. **Papel do tutor em cursos à distância**: possibilidade de uma efetiva interação no processo de formação. 2009. Disponível em: <http://www.uemanet.uema.br/artigos_esud/60875.pdf>. Acesso em: 04 set. 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Censoead.br** – relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil. 2009. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

_____. Decreto nº 2494, de 10 de fevereiro de 1998. **Regulamenta o Art. 80 da LDB (Lei n.º 9.394/96)**. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/d2494_98.htm>. Acesso em: 07 abr. 2008.

_____. Decreto nº 5622, de 19 de dezembro de 2005. **Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em: 10 jul. 2010.

_____. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (PISA)**. 2010. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/>>. Acesso em: 10 set. 2010.

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (9.394/96)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2010.

_____. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância de 2007**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

CABANAS, Maria Inmaculada Chão; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. **Educação a distância: tutor, professor ou tutor-professor.** In: E-TIC – 5º Encontro de Educação e Tecnologias de Informação e Comunicação. 2007. Disponível em: <<http://etic2008.files.wordpress.com/2008/11/unesamariainmaculada.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

CASTRO, João; Machado, Liliana. **O papel do professor em ambientes de educação a distância: a tutoria on-line.** 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/021-TC-A2.htm>>. Acesso em: 12 set. 2010.

CERNY, Roseli Zen; ERN, Edel. **Uma reflexão sobre a avaliação formativa na educação a distância.** In: Reunião Anual da Anped, 24. Caxambu, Out. 2001. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200790110PM.pdf>. Acesso em: 12 maio 2008.

CORAGGIO, José Luís. Propostas do Banco Mundial para a educação: sentido oculto ou problemas de concepção?. In: De TOMMASI et al. (Orgs). **O Banco Mundial e as Políticas Educacionais.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CORRÊA, Juliane. **Do laboratório de informática às páginas web – ambientes virtuais e contextos escolares.** In: Reunião Anual da Anped, 28. Caxambu, Out. 2005. Disponível em: <http://www.ici.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2005/do_laboratorio_de_informatica.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2008.

FEENBERG, Andrews. **From essentialism to constructivism: philosophy of technology at crossroads.** Chicago: University of Chicago Press, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIDE, André. **Frases preocupação.** 1985. Disponível em: <http://www.pensador.info/frases_preocupacao/>. Acesso em: 10 jul. 2010.

GOETHE, Johann. **Frases sobre dúvidas.** Disponível em: <<http://www.sitequente.com/frases/duvida.html>>. Acesso em: 03 abr. 2010.

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da Tutoria em Educação a Distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GOUVÊA, Guaracira; OLIVEIRA, Carmen Irene. **Educação a distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites**. São Paulo: Vieira e Lent, 2006.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores**. In: Reunião Anual da Anped, 28. Caxambu, Out. 2005. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt16/gt16402int.doc>>. Acesso em: 13 maio 2008.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KHAN, Badrul. **Aspectos institucionais em e-learning**. 2003. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2003_Aspectos_Institucionais_E_learning_Badrul_Khan.pdf>. Acesso em: jul. 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas/SP: Papirus, 2009.

LEAL, Regina Barros. **A importância do tutor no processo de aprendizagem a distância**. 2003. Disponível em: <<http://www.rioei.org/deloslectores/947Barros.PDF>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. A formação de professores no curso de Pedagogia e o lugar destinado aos conteúdos do ensino fundamental: que falta faz o conhecimento do conteúdo a

ser ensinado às crianças. Material disponibilizado pelo autor ainda não publicado. Goiânia/GO, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira. A educação escolar: sociedade contemporânea. In: **Revista Fragmentos de Cultura**, v. 8, n. 3, p. 597-612. Goiânia/GO: IFITEG, 1998.

LIMA JÚNIOR, Arnaud Soares de; PRETTO, Nelson de Luca. Desafios para o currículo a partir das tecnologias contemporâneas. IN: PRETTO, Nelson de Luca. **Tecnologias e novas educações**. Salvador/BA: UDUFBA, 2005.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira; PRADO, Adonia Antunes; FONTANIVE, Dalcy Angelo; SILVA, Pecival Tavares da. **Formação pedagógica em educação profissional na área da saúde: enfermagem**. 2003. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/tutor.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2010.

MACHADO, Liliana Dias. **O papel tutor em ambientes online**. 2003. Disponível em: <www.cead.unb.br/index.php?option=com_content&task=view&id=87&Itemid=>. Acesso em: 04 set. 2010.

MAGGIO, Mariana. **O tutor na educação a distância**. In: LITWIN, Edith. (organizadora) Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MATTAR, João. **Do impostutor ao aututor**. João Mattar. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CJFTZkfWEgw>>. Acesso em: 15 jul. 2010. Colocar na forma da ABNT: a partir do nome do autor e não do título.

MAUÉS, Olgaíses Cabral. A agenda da OCDE para a educação. In: GARCIA, Dirce; CECÍLIO, Sálua. **Formação e profissão docente em tempos digitais**. Campinas/SP: Alínea, 2009.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância: uma visão Integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MUNHOZ, Antônio Siemsen. **Revista Digital da CVA**. Santos, v. 2, n. 5, p. 32-46, Ago. 2003.

NEVES, Viana de Sales Inajara; FIDALGO, Fernando Selmar. **Docente virtual na educação a distância: condições de trabalho na rede privada de ensino**. 2003. Disponível em <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/arquivos_senept/anais/quarta_tema3/quartatema3artigo7.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2010.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 22, n. 74, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de set. 2010.

NUNES, Lina Cardoso. **Educação a distância: buscando para a qualificação de professores em informática educativa**. Associação Brasileira de Educação a Distância, 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/109-TC-D1.htm>> Acesso em 23 de out. 2007.

O'ROURKE, Jennifer. **Tutoria no EAD: um manual para tutores**. Vancouver/Canadá: Commonwealth of Learning, 2003.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes online**. São Paulo: Artmed, 1999.

PERONA, Hada G. Juaréz de. **Aprender y enseñar a distancia**. 2000. Disponível em: <http://www.educar-asesorar.com.ar/pdf/aprend_ens_a_dist.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2009.

PESCE, Lucila. **Educação a distância e formação de educadores: a contribuição dos desenhos didático dialógicos**. In: Reunião Anual da Anped, 28. Caxambu, Out. 2005. Disponível em <www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT16-2781--Int.pdf>. Acesso em: 10 maio 2008.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**: experiências e estágio da discussão numa visão internacional. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2007.

_____. **Distance education**: international perspectives. London: Croomhelm, 2001.

PICANÇO, Alessandra de Assis. **Educação a Distância: solução ou novos desafios?**. In: Reunião Anual da Anped, 24. Caxambu, Out. 2001. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp1.htm#gt16>>. Acesso em: 10 maio 2008.

PRETTO, Nelson de Lucca. Desafios para a educação na era da informação: o presencial, a distância, as mesmas políticas e o de sempre. In: BARRETO, Raquel Goulart (org.) **Tecnologias educacionais e educação a distância**: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001, p. 29-53.

RODRIGUES, Américo José; CALVO, Teresa Cristina Mate. **Distância transacional**: sugestões para reduzir. 2009. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_15817/artigo_sobre_distancia_transacional:_sugestoes_para_reduzir>. Acesso em: 10 jul. 2010.

ROMÃO, Eliana. **A relação educativa por meio de falas, fios e cartas**. Maceió/AL: EDUFAL, 2008.

SACRISTÁN, Gimeno. **A educação que ainda é possível**: ensaios para uma cultura sobre educação. Porto Alegre/RS: Artmed, 2007.

SANTOS, Henriette dos Santos; SILVA, Alcina Maria T. Braz da; REZENDE, Flávia. **Um estudo da prática construtivista do tutor de um curso a distância de formação continuada de professores de física**. 2002. Disponível em: <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/epenf/viii/PDFs/CO22_2.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2007.

SCHMID, Ana María. Tutorias: los rostros de da educación a distancia. **Educação e Contemporaneidade**. Revistas da FAEEBA. Vol. 13, n. 22, jul/dez, 2004, p. 275-285.

SCHULMAN, Lee. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. In: Profesorado. **Revista de currículum y formación del profesorado**. Vol. 9, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev92ART1.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

TORRES, Rosa María. Melhorar a qualidade da educação básica? As estratégias do Banco Mundial. In: TOMMASI, Lívia de; WARDE, Mírian Jorge; HADDAD, Sérgio (org.) **O Banco Mundial e as Políticas Educacionais**. São Paulo: Cortez, 1996.

TOSCHI, Mirza Seabra. **A educação a distância no Brasil**: caracterização, regulação, comercialização mundial e perspectivas de formação e de inclusão digital. Anápolis/GO: Universidade Estadual de Goiás, 2004.

_____. **Processos comunicacionais em EAD**: políticas, modelos e teorias. In: Reunião Anual da Anped, 27. Caxambu, Out. 2004. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/programsessoesespeciais.htm>>. Acesso em: 05 set. 2010.

TRACTENBERG, Leonel; TRACTENBERG, Régis. **Seis competências essenciais da docência on-line independente**. 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/552007113218PM.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2010.

UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Building peaces in minds of people**. 2010. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/en/unesco/>>. Acesso em: 10 set. 2010.

VERSUTI, Andréa Cristina. **Educação a Distância: problematizando critérios de avaliação e qualidade em cursos on-line**. In: Reunião Anual da Anped, 27. Caxambu, Out. 2004. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt16/t162.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2008.

VILARDI, Raquel; OLIVEIRA, Eloiza Gomes; CHAVES, Rita. A formação de tutores na educação a distância. 2005. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/326_180.pdf>. Acesso em 10 abr. 2008.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Teoria crítica, estética e educação**. São Paulo: Autores Associados, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro da entrevista semi-dirigida

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

- (a) masculino ()
 (b) feminino ()

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos ()
 (b) Entre 31 e 35 anos ()
 (c) Entre 36 e 40 anos ()
 (d) Entre 41 e 50 anos ()
 (e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

- (a) Curso Superior em:
 (b) Especialização em:

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
 (b) Entre 6 meses e 1 ano ()
 (c) Entre 1 e 2 anos ()
 (d) Entre 2 e 5 anos ()
 (e) Entre 5 e 10 anos ()
 (f) Entre 10 e 15 anos ()
 (g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses ()
 (b) Entre 6 meses e 1 ano ()
 (c) Entre 1 e 2 anos ()
 (d) Entre 2 e 5 anos ()
 (e) Entre 5 e 10 anos ()
 (f) Entre 10 e 15 anos ()
 (g) Mais de 15 anos ()

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO

6. Possui computador pessoal ou em casa

- (a) Sim () Especificar: _____
 (b) Não ()

6a. Conectado à internet

- (a) Sim ()
 (b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()
 (b) Banda larga ()

7. Atividades realizadas com o computador

- (a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente ()
 (b) Outras atividades profissionais () Especificar:
 (c) Estudo e pesquisa ()
 (d) Lazer e entretenimento ()
 (e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

- (a) Sala onde sou tutor(a) ()
 (b) Laboratório de estudos e pesquisa ()
 (c) Sala dos professores ()
 (d) Secretaria ()
 (e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

- (a) Sim ()
 (b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

- (a) Sim ()
 (b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

- (a) Imposição ()
 (b) Oportunidade ()
 (c) Desejo de experimentar ()
 (d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

- (a) Convite ()
 (b) Concurso ()
 (c) Processo seletivo ()
 (d) Análise de currículo ()
 (e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

- (a) Nunca e nenhuma ()
 (b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega ()
 (c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria () Especificar: Um curso de três finais de semana via teleaula

(d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique:

12a. Se não, quais são e como você as deduziu?

13. Descreva as funções que você desempenha:

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMI-DIRIGIDAS

Carla

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

- (a) masculino ()
 (b) feminino (x)

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos (x)
 (b) Entre 31 e 35 anos ()
 (c) Entre 36 e 40 anos ()
 (d) Entre 41 e 50 anos ()
 (e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

- (a) Curso Superior em: Serviço Social
 (b) Especialização em: Gestão em Projetos Sociais (cursando)

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
 (b) Entre 6 meses e 1 ano ()
 (c) Entre 1 e 2 anos ()
 (d) Entre 2 e 5 anos ()
 (e) Entre 5 e 10 anos ()
 (f) Entre 10 e 15 anos ()
 (g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses (x) Serviço Social
 (b) Entre 6 meses e 1 ano ()
 (c) Entre 1 e 2 anos ()
 (d) Entre 2 e 5 anos ()
 (e) Entre 5 e 10 anos ()
 (f) Entre 10 e 15 anos ()
 (g) Mais de 15 anos ()

Obs.: Não teve experiência como professora, apenas está atuando como tutora.

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO

6. Possui computador pessoal ou em casa

- (a) Sim () Especificar: _____
 (b) Não (x)

6a. Conectado à internet

(a) Sim ()

(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

(a) Discada ()

(b) Banda larga ()

7. Atividades realizadas com o computador

(a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)

(b) Outras atividades profissionais (x) Especificar: Contato com alunos e colegas de trabalho

(c) Estudo e pesquisa (x)

(d) Lazer e entretenimento (x)

(e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

(a) Sala onde sou tutor(a) (x)

(b) Laboratório de estudos e pesquisa (x)

(c) Sala dos professores ()

(d) Secretaria (x)

(e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

(a) Sim (x)

(b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

(a) Sim (x)

(b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

(a) Imposição ()

(b) Oportunidade (x)

(c) Desejo de experimentar ()

(d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

(a) Convite (x)

(b) Concurso ()

(c) Processo seletivo ()

(d) Análise de currículo ()

(e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

(a) Nunca e nenhuma ()

- (b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega ()
- (c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria (x) Especificar: Um curso de três finais de semana via teleaula
- (d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:
-

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

Como falei agora, foi um curso de três finais de semana através de teleaulas. Vi que o tutor tem papel fundamental na educação. Vi que contribui para a aprendizagem. Vi ainda que acompanha, avalia o aluno. Dá suporte, fala do profissional.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique: Apenas um curso, também com a ajuda de outra tutora do mesmo curso e do pessoal, dos coordenadores, do pessoal administrativo.

12a. Se não, quais são e como você as deduziu?

13. Descreva as funções que você desempenha: Além de ligar a aula, procedimento normal, explicações. Acabo falando um pouquinho da matéria e falando do profissional em campo, uma ajuda voltada ao profissional. Dá ajuda e revisa, dá ideias. É isso aí.

Adriana**IDENTIFICAÇÃO****1. Sexo**

- (a) masculino ()
(b) feminino (x)

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos (x)
(b) Entre 31 e 35 anos ()
(c) Entre 36 e 40 anos ()
(d) Entre 41 e 50 anos ()
(e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

- (a) Curso Superior em: Serviço Social
(b) Especialização em: Serviço Social (cursando)

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano (x) Serviço Social
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

Obs.: Não teve experiência como professora, apenas está atuando como tutora.

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO**6. Possui computador pessoal ou em casa**

- (a) Sim (x) Especificar: Desktop
(b) Não ()

6a. Conectado à internet

- (a) Sim (x)
(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()
- (b) Banda larga (x)

7. Atividades realizadas com o computador

- (a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)
- (b) Outras atividades profissionais (x) Especificar: Trabalho enquanto assistente social
- (c) Estudo e pesquisa (x)
- (d) Lazer e entretenimento (x)
- (e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

- (a) Sala onde sou tutor(a) (x)
- (b) Laboratório de estudos e pesquisa (x)
- (c) Sala dos professores ()
- (d) Secretaria (x)
- (e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

- (a) Sim (x)
- (b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

- (a) Sim (x)
- (b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

- (a) Imposição ()
- (b) Oportunidade (x)
- (c) Desejo de experimentar ()
- (d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

- (a) Convite (x)
- (b) Concurso ()
- (c) Processo seletivo ()
- (d) Análise de currículo ()
- (e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

- (a) Nunca e nenhuma ()
- (b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega (x)
- (c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria (x) Especificar: Um curso de três dias
- (d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar: _____

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

Ah, tivemos três dias de treinamento. Vimos sobre, ah, sobre é importante acompanhar os alunos no curso. Sobre a Unopar, sobre os tutores. O tutor, eu, tenho que participar da prática pedagógica, ajudar o aluno. É isso aí.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique: Treinamento, quinze dias fazendo treinamento, assistia e acompanhava a tutora, depois a coordenadora veio e me instruiu também. Também teve um curso virtual, foram três dias.

12a. Se não, quais são e como você as deduziu?

13. Descreva as funções que você desempenha: Ele, na verdade, acompanha o aluno no desempenho e aprendizagem. Orienta nas atividades. Tem que levantar a autoestima, porque é difícil curso a distância, desmotiva. O perfil desse aluno, muito tempo sem estudar e voltaram a estudar, esposas, trabalhadoras. Tudo novo, encontram dificuldades, tenho que suprir as dificuldades e auxiliar. Tenho que acompanhar o sistema pessoal de cada, as avaliações virtuais e presenciais. Tem que ajudar o portfólio, realizar aulas atividades com o material preparado pelo pessoal de Londrina. Sou responsável pela frequência. É.

Rosa**IDENTIFICAÇÃO**

1. Sexo

- (a) masculino ()
(b) feminino (x)

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos ()
(b) Entre 31 e 35 anos ()
(c) Entre 36 e 40 anos ()
(d) Entre 41 e 50 anos ()
(e) 51 anos ou mais (x)

3. Formação

- (a) Curso Superior em: Direito e História
(b) Especialização em: Direito Processual Civil e História e Historiografia Brasileira e Goiana
(c) Mestrado em: Educação (cursando)

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos (x)
(g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos (x)
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos () Pedagogia

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO

6. Possui computador pessoal ou em casa

- (a) Sim (x) Especificar: Desktop
(b) Não

6a. Conectado à internet

- (a) Sim (x)
(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()

(b) Banda larga (x)

7. Atividades realizadas com o computador

(a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)

(b) Outras atividades profissionais () Especificar:

(c) Estudo e pesquisa (x)

(d) Lazer e entretenimento (x)

(e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

(a) Sala onde sou tutor(a) (x)

(b) Laboratório de estudos e pesquisa ()

(c) Sala dos professores ()

(d) Secretaria (x)

(e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

(a) Sim (x)

(b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

(a) Sim (x)

(b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

(a) Imposição ()

(b) Oportunidade (x)

(c) Desejo de experimentar (x)

(d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

(a) Convite (x)

(b) Concurso ()

(c) Processo seletivo ()

(d) Análise de currículo ()

(e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

(a) Nunca e nenhuma ()

(b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega (x)

(c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria () Especificar:

(d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

Quando comecei a trabalhar, não tive formação, foi na raça. Depois de um ano, começaram os treinamentos. Duram alguns dias, durante a semana ou no final. Falam sobre a organização da Unopar, sobre os tutores, a distância e presencial. O tutor ensina. Faz parte de uma equipe multidisciplinar. Incentiva a troca de informações. Facilita a aprendizagem através das tecnologias.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique: Apenas orientação da coordenação e acompanhei as aulas de uma colega.

12a. Se não, quais são e como você as deduziu?

13. Descreva as funções que você desempenha: Faço a mediação entre o professor e os alunos. Ligo e desligo o computador. Essa mediação também é via chat. As aulas atividades são com o plano mais ou menos organizado, mas acabo que ministro aulas.

Beatriz

IDENTIFICAÇÃO

1. Sexo

(a) masculino ()

(b) feminino (x)

2. Idade

(a) Entre 20 e 30 anos ()

(b) Entre 31 e 35 anos ()

(c) Entre 36 e 40 anos (x)

(d) Entre 41 e 50 anos ()

(e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

(a) Curso Superior em: Serviço Social

(b) Especialização em: Gestão de Políticas Públicas, Gerenciamento de Projetos Públicos e Gestão em Serviço Social com ênfase em elaboração de Projetos Sociais (cursando)

4. Tempo de experiência no magistério

(a) Menos de 6 meses ()

(b) Entre 6 meses e 1 ano ()

(c) Entre 1 e 2 anos ()

(d) Entre 2 e 5 anos ()

(e) Entre 5 e 10 anos ()

(f) Entre 10 e 15 anos ()

(g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

(a) Menos de 6 meses ()

(b) Entre 6 meses e 1 ano ()

(c) Entre 1 e 2 anos (x) Serviço Social

(d) Entre 2 e 5 anos ()

(e) Entre 5 e 10 anos ()

(f) Entre 10 e 15 anos ()

(g) Mais de 15 anos ()

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO

6. Possui computador pessoal ou em casa

(a) Sim (x) Especificar: Notebook

(b) Não

6a. Conectado à internet

(a) Sim (x)

(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()
- (b) Banda larga (x)

7. Atividades realizadas com o computador

- (a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)
- (b) Outras atividades profissionais () Especificar: Pesquisa em sites extras para passar para os alunos. Como havia fragmentos na EAD, há encontros extras aos alunos
- (c) Estudo e pesquisa (x)
- (d) Lazer e entretenimento ()
- (e) Outras (x) Especificar: Comunicadores instantâneos

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

- (a) Sala onde sou tutor(a) (x)
- (b) Laboratório de estudos e pesquisa ()
- (c) Sala dos professores ()
- (d) Secretaria ()
- (e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

- (a) Sim (x)
- (b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

- (a) Sim (x)
- (b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

- (a) Imposição ()
- (b) Oportunidade (x)
- (c) Desejo de experimentar (x)
- (d) Outra (x) Especificar: Interesse pessoal

10. Como ingressou na função de tutor(a)

- (a) Convite (x)
- (b) Concurso ()
- (c) Processo seletivo (x)
- (d) Análise de currículo ()
- (e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

- (a) Nunca e nenhuma ()
- (b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega (x)
- (c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria (x) Especificar: Treinamento de uma semana via teleaula

(d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

O treinamento de uma semana. Assisti a aulas sobre a universidade, sobre os tutores. Então, o tutor tem que estimular a aprendizagem do grupo. Tem que ser dinâmico, tem que planejar e trabalhar. Tem que se comunicar bem para os alunos entenderem. Tem que ter uma mente aberta para perceber as necessidades da turma.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique: Da coordenação do polo, como que funciona a parte burocrática e procedimentos com os alunos.

12a. Se não, quais são e como você as deduziu?

13. Descreva as funções que você desempenha: Acompanhar o aluno em todos momentos, tem a área de trabalho, dar todo suporte, material, orientações quanto questão presencial. Eu vejo esse suporte presencial. Tem que ser dinâmico, uma das atribuições, se você não for dinâmico diante o aluno, ele desanima. O próprio curso exige muito. Quanto à questão da oratória, o aluno precisa ter senso crítico e não fazer a faculdade por fazer.

João**IDENTIFICAÇÃO****1. Sexo**

- (a) masculino ()
(b) feminino ()

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos ()
(b) Entre 31 e 35 anos ()
(c) Entre 36 e 40 anos ()
(d) Entre 41 e 50 anos ()
(e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

- (a) Curso Superior em: Administração em Agronegócios
(b) Especialização em: MBA em Gestão Ambiental

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos () Gestão Ambiental
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO**6. Possui computador pessoal ou em casa**

- (a) Sim () Especificar: Desktop
(b) Não ()

6a. Conectado à internet

- (a) Sim ()
(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()

(b) Banda larga ()

7. Atividades realizadas com o computador

- (a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)
 (b) Outras atividades profissionais (x) Especificar: Consultoria da área ambiental
 (c) Estudo e pesquisa (x)
 (d) Lazer e entretenimento ()
 (e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

- (a) Sala onde sou tutor(a) (x)
 (b) Laboratório de estudos e pesquisa ()
 (c) Sala dos professores ()
 (d) Secretaria ()
 (e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

- (a) Sim (x)
 (b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

- (a) Sim (x)
 (b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

- (a) Imposição ()
 (b) Oportunidade (x)
 (c) Desejo de experimentar ()
 (d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

- (a) Convite ()
 (b) Concurso ()
 (c) Processo seletivo ()
 (d) Análise de currículo (x)
 (e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

- (a) Nunca e nenhuma (x)
 (b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega ()
 (c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria () Especificar:
 (d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

Não tive formação porque quando entrei o primeiro treinamento tinha acabado e por questões pessoais não participei dos outros, fui para minha cidade.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique: Ajuda dos alunos que já estavam no terceiro período. As dúvidas foram resolvidas pela coordenação.

12a. Se não, quais são e como você as deduziu? Por curiosidade, pesquisa pela internet.

13. Descreva as funções que você desempenha: Olha, é o seguinte, o serviço da gente chega, liga computador, conecta junto ao sistema da Unopar, do chat, do envio de dúvidas. O meu know-how profissional, esclareço tutoria, esclareço dúvida. É um tipo de serviço muito tranquilo, não tem que chegar, não tem diário, é tudo digital. Você chega em casa depois da aula, chego em casa, vejo e-mail e abro a página da frequência e lanço.

Débora**IDENTIFICAÇÃO**

1. Sexo

- (a) masculino ()
(b) feminino (x)

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos ()
(b) Entre 31 e 35 anos ()
(c) Entre 36 e 40 anos ()
(d) Entre 41 e 50 anos (x)
(e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

- (a) Curso Superior em: Administração
(b) Especialização em: Recursos Humanos e MBA em Recursos Humanos

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos (x)

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos (x) Processos Gerenciais, Administração e Recursos Humanos
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO

6. Possui computador pessoal ou em casa

- (a) Sim (x) Especificar: Desktop e notebook
(b) Não ()

6a. Conectado à internet

- (a) Sim (x)
(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()

(b) Banda larga (x)

7. Atividades realizadas com o computador

(a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)

(b) Outras atividades profissionais () Especificar:

(c) Estudo e pesquisa (x)

(d) Lazer e entretenimento ()

(e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

(a) Sala onde sou tutor(a) (x)

(b) Laboratório de estudos e pesquisa ()

(c) Sala dos professores ()

(d) Secretaria (x)

(e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

(a) Sim (x)

(b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

(a) Sim (x)

(b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

(a) Imposição ()

(b) Oportunidade (x)

(c) Desejo de experimentar ()

(d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

(a) Convite (x)

(b) Concurso ()

(c) Processo seletivo ()

(d) Análise de currículo ()

(e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

(a) Nunca e nenhuma (x)

(b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega ()

(c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria () Especificar:

(d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

Antes de ser tutora, cada um aprendeu por conta, depois vieram os treinamentos via satélite. Para ser tutor é preciso ter encantamento e competência com o que faz. Tem que comunicar, interagir e mediar. Praticamente igual a um professor, mas tem que dar conta de todas as disciplinas do curso onde trabalha.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique:

12a. Se não, quais são e como você as deduziu? Cada um aprendeu sozinho, foi uma aprendizagem sozinha. Através de busca, de pesquisa.

13. Descreva as funções que você desempenha: É de estar orientando o aluno, cuidando para que ele consiga realizar atividades, interagir ele com o professor. Age como se fosse um elo entre professor e instituição. Uai, acho que trabalha. Também acho importante, não sei se muita gente leva em consideração, é o relacionamento. O curso a distância é frio. Ele tem referência o tutor de sala mesmo. Com o tutor ele tem liberdade para se comunicar, é que tem o e-mail para falar com o tutor a distância, mas tem gente que não sabe colocar no papel aquilo que pensa. Acho mais importante é o relacionamento humano mesmo.

Marcos**IDENTIFICAÇÃO****1. Sexo**

- (a) masculino ()
(b) feminino ()

2. Idade

- (a) Entre 20 e 30 anos ()
(b) Entre 31 e 35 anos ()
(c) Entre 36 e 40 anos ()
(d) Entre 41 e 50 anos ()
(e) 51 anos ou mais ()

3. Formação

- (a) Curso Superior em: Letras
(b) Especialização em: Psicopedagogia Institucional e Clínica (cursando)

4. Tempo de experiência no magistério

- (a) Menos de 6 meses ()
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

5. Tempo de experiência na tutoria presencial. Em qual curso?

- (a) Menos de 6 meses () Pedagogia
(b) Entre 6 meses e 1 ano ()
(c) Entre 1 e 2 anos ()
(d) Entre 2 e 5 anos ()
(e) Entre 5 e 10 anos ()
(f) Entre 10 e 15 anos ()
(g) Mais de 15 anos ()

ACESSO ÀS TECNOLOGIAS E TIPOS DE USO**6. Possui computador pessoal ou em casa**

- (a) Sim () Especificar: Desktop
(b) Não ()

6a. Conectado à internet

- (a) Sim ()
(b) Não ()

6b. Tipo de conexão

- (a) Discada ()

(b) Banda larga (x)

7. Atividades realizadas com o computador

(a) Preparo de aulas e demais atividades relacionadas à prática docente (x)

(b) Outras atividades profissionais () Especificar:

(c) Estudo e pesquisa (x)

(d) Lazer e entretenimento (x)

(e) Outras () Especificar: _____

CONDIÇÕES FÍSICAS E DE EQUIPAMENTOS

8. Na universidade, em que espaços utiliza o computador

(a) Sala onde sou tutor(a) (x)

(b) Laboratório de estudos e pesquisa ()

(c) Sala dos professores ()

(d) Secretaria ()

(e) Outro () Especificar: _____

8a. Conectado à internet

(a) Sim (x)

(b) Não ()

8b. Tem configuração satisfatória

(a) Sim (x)

(b) Não () Especificar: _____

TUTORIA

9. Razões que o(a) levaram a ser tutor(a)

(a) Imposição ()

(b) Oportunidade ()

(c) Desejo de experimentar (x)

(d) Outra () Especificar: _____

10. Como ingressou na função de tutor(a)

(a) Convite (x)

(b) Concurso ()

(c) Processo seletivo ()

(d) Análise de currículo ()

(e) Outro () Especificar: _____

11. Quando e que tipo de formação recebeu para ser tutor(a)

(a) Nunca e nenhuma (x)

(b) Antes de começar a trabalhar, observando e acompanhando o trabalho desenvolvido por um colega ()

(c) Antes de começar a trabalhar, fazendo um ou mais cursos de tutoria () Especificar:

(d) Antes de começar a trabalhar, fazendo um curso específico de EAD () Especificar:

11b. Descreva a formação que recebeu para ser tutor(a):

Não tive instruções, formação, já que entrei há dois meses e o curso tinha passado.

12. Você recebeu alguma orientação formal quanto às suas atribuições? Se sim, especifique: Recebeu algumas instruções da coordenação.

12a. Se não, quais são e como você as deduziu? Já sabia por que já foi aluno da própria universidade.

13. Descreva as funções que você desempenha: Auxiliar os alunos, auxiliar o próprio professor, você está ali como intermediário. Que mais? Explico os trabalhos, mandar mensagens quando alguma coisa estiver errado.

ANEXO 3

ROTEIRO DA ENTREVISTA APROFUNDADA

- Esclarecer melhor como ingressou na função de tutor(a).
- Por que aceitou ser tutor(a)?
- Se fosse oferecido um curso sobre EAD ou sobre tutoria, faria?
- Aprendeu alguma coisa com os colegas tutores?
- Os treinamentos e cursos sobre EAD e tutoria pela UNOPAR foram úteis?
- Sente necessidade de formação teórica, teórica e prática ou só prática?
- Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre as atribuições do tutor presencial além das mencionadas na entrevista anterior?

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS APROFUNDADAS

Débora

Entrevistadora: Você disse em uma entrevista anterior que se tornou tutora por oportunidade. Poderia falar mais disso?

Entrevistada: Como assim?

Entrevistadora: Fale, por favor, do tipo de oportunidade que teve.

Entrevistada: Certo. Foi mesmo por estar precisando de grana extra. Estava formada em Administração e estava disponível à noite.

Entrevistadora: Você também comentou que começou a trabalhar como tutora através de um convite. Como foi?

Entrevistada: Foi da dona.

Entrevistadora: Ok.

Entrevistada: Na verdade, quando fiquei sabendo que ia abrir a UNOPAR no colégio, mandei meu currículo por e-mail, mas não sei se foi pelo e-mail e se foi pela dona mesmo. A gente fica perdido. Tem muita coisa no escuro.

Entrevistadora: Como escuro?

Entrevistada: Têm muitas informações que a gente não recebe, não fica sabendo da direção.

Entrevistadora: Certo. Mas se o salário do tutor presencial é baixo, por que você aceitou o convite?

Entrevistada: Agora, para mim, eu acho bom, melhorou demais, R\$ 300,00. Antes eram R\$ 200,00. O que me deixa contrariada é não receber julho, férias, essas coisas, você sabe. Mas o lado bom é que não tem que levar diário para casa, não levo nada. Quando se está em sala tem prova, tem muita burocracia.

Entrevistadora: A sua opção para ser tutora tem alguma relação com dar aulas em curso superior?

Entrevistada: É uma oportunidade, é bom mesmo, melhor que dar aula para menino.

Entrevistadora: Se fosse oferecido a você um curso sobre EAD ou sobre tutoria, você faria?

Entrevistada: Quero fazer mais faculdades. Ah, faria. Tem pós da UNOPAR em EAD. Eu acredito que não forme turma.

Entrevistadora: Eu não sabia.

Entrevistada: Se tiver aluno, funciona. Funciona se as pessoas se acostumarem com a EAD. Creio que é uma tendência que vá aumentar.

Entrevistadora: Então a turma não vai abrir por falta de alunos. É isso?

Entrevistada: É sim.

Entrevistadora: E você aprendeu alguma coisa com os seus colegas tutores?

Entrevistada: Não, com eles não, só com os professores e com os tutores eletrônicos. Nem cheguei a assistir aulas deles, pois fui uma das pioneiras.

Entrevistadora: Os treinamentos e cursos que você fez sobre EAD e tutoria pela UNOPAR foram úteis?

Entrevistada: Na verdade, não tínhamos treinamento no começo. Ninguém sabia de sabia. Nem coordenador, nem dono sabia direito. Tive que aprender com a prática.

Entrevistadora: E você, acha que os treinamentos posteriores foram úteis?

Entrevistada: Que nada. É sempre a mesma coisa, fará dos cursos, da frequência, mesma coisa.

Entrevistadora: Sente necessidade de formação teórica, teórica e prática ou só prática?

Entrevistada: Ah, só prática mesmo. Se a gente está na área. Sem contar que assistimos às aulas junto com os alunos, é bom. Para os alunos as aulas são novidade, para nós, uma revisão. Só não gosto de contabilidade, não gosto de matemática.

Entrevistadora: Como faz quando tem que solucionar dúvidas de matemática já que é muito comum em cursos relacionados à Administração?

Entrevistada: Quando acompanho as teleaulas, aprendo. Depois, explico como dou conta. O aluno tem que correr atrás.

Entrevistadora: E a formação teórica de tutoria e EAD, é importante, não é?

Entrevistada: Não, acho que a prática em sala de aula antes da tutoria sim. O conteúdo tem que saber, não pode ir cru. Por exemplo, só pego Pedagogia no primeiro ou, no máximo, no segundo período. Não gostou e não dou conta.

Entrevistadora: Acho se fosse pedagoga iria gostar.

Entrevistada: Verdade.

Entrevistadora: Você disse em sua entrevista anterior que o tutor tem que orientar o aluno ser um elo e se relacionar com o aluno. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre as atribuições do tutor presencial?

Entrevistada: É isso mesmo. O contato humano é importante. Só o telão e o aluno, não pode. A sala, muitas vezes, está cheia, mas o aluno não interage com o colega. Aí o tutor tem o trabalho de integrar os alunos. Fazer até confraternização.

Entrevistadora: Mais alguma função?

Entrevistada: Tem também a forma de conduzir a aula, tem que ser boa.

Entrevistadora: Muito obrigada.

Entrevistada: Não há de quê.

Marcos

Entrevistadora: Você comentou em uma entrevista passada que entrou na UNOPAR como tutor como um desejo de experimentar? Como assim?

Entrevistado: Foi. Não esperava receber o convite, formei no ano passado. Então, veio um desejo de ver se ia dar certo ou não. Foi assim.

Entrevistadora: Você foi convidado, então?

Entrevistado: Fui. Fui aluno, como falei, me conheciam e o coordenador me chamou. Fiquei feliz com o convite.

Entrevistadora: Será que quando aceitou o convite pensou também na questão em dar aulas em curso superior?

Entrevistado: Não, como tinha te falado, estava meio sem saber se o Estado ia me contratar de novo, meu contrato venceu. Trabalhei cinco anos no Estado. Então, o Estado me chamou no começo do ano para trabalhar, mas não na minha cidade, mas em Rio Verde. Depois o coordenador me ofereceu para trabalhar na UNOPAR, aí veio a calhar. Um complemento, sabe.

Entrevistadora: Mas você não acha que o salário de tutor é baixo? Aceitou assim mesmo?

Entrevistado: O salário do Estado também é baixo, para os contratados. O salário da UNOPAR somado com o do Estado já ajuda. Então, não fica tão ruim.

Entrevistadora: Marcos, você se formou em Letras pela própria UNOPAR e a distância, né? Mas você faria um curso voltado para a EAD ou para a tutoria presencial?

Entrevistado: Faria. Mas conheço muito da universidade, fui aluno daqui. Acho que faria algum curso sobre a teoria, talvez sim. Não sei se iria fazer diferença.

Entrevistadora: Você aprendeu alguma coisa com os seus colegas tutores quando entrou na universidade como tutor?

Entrevistado: Aprendi com as minhas tutoras. Não tive tempo de assistir às aulas de ninguém. Entrei no meio do semestre. Aprendi como aluno e pude analisar as tutoras sobre o quê e como fazer.

Entrevistadora: Então você não fez nenhum curso até agora, nenhum treinamento para tutores pela UNOPAR?

Entrevistado: Ainda não, vou fazer no final de julho ou começo de agosto, ainda não sei. Quero fazer. Agora não sei se vou continuar trabalhando ou vão me dispensar, acho que vou. Ninguém falou nada.

Entrevistadora: Vai sim. Fica tranquilo. Acho que não vão te dispensar. Voltando ao assunto, acha que este curso será útil?

Entrevistado: Acho que sim, espero. Vou poder tirar umas dúvidas.

Entrevistadora: Dúvidas? Quais?

Entrevistado: Queria saber direito o que o tutor tem que fazer. É isso.

Entrevistadora: Mais dúvidas?

Entrevistado: Não. Se tenho que explicar mesmo os trabalhos, se tenho que ficar falando das datas para os alunos, ficar lembrando, sabe.

Entrevistadora: Entendi. Você acha que um tutor presencial tem que ter formação teórica, teórica e prática ou apenas prática?

Entrevistado: Teórica e prática, tem que saber dos conteúdos do curso em que trabalha e saber dar aulas.

Entrevistadora: Em relação à teoria da EAD e da teoria, tem que saber também?

Entrevistado: Tem, tem sim.

Entrevistadora: Quanto às funções, você falou na entrevista anterior que o tutor tem que auxiliar o aluno, intermediar o aluno e a instituição, explicar os trabalhos e mandar mensagens quando observar erros. Hoje, depois de mais experiência como tutor, tem algo a acrescentar?

Entrevistado: O tutor tem que ter paciência também para ajudar os alunos e correr atrás de informações quando tem dúvidas.

Entrevistadora: Você corre atrás de informações com quem?

Entrevistado: Com o coordenador e com o tutor a distância.

Entrevistadora: Suas dúvidas são solucionadas com prontidão?

Entrevistado: Sim, são. Às vezes, quando eles sabem.

Entrevistadora: Muito obrigada novamente.

Entrevistado: Obrigado a você.

ANEXO 5**MATERIAL DE TREINAMENTO PARA OS TUTORES PRESENCIAIS
DA UNOPAR DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2010**

BOAS VINDAS

**PROFESSORA
LUCIANE KOETZ**

Coordenadora do Curso de
Bacharelado em Administração

koetz@unopar.br

**PROFESSOR
JOSÉ MANOEL DA COSTA**

Coordenador do Curso de
graduação em Ciências
Contábeis

j.manoel@unopar.br

**PROFESSORA
MARIA ANGELA SANTINI**

Coordenadora do Curso de
Serviço Social

maria.santini@unopar.br

**PROFESSORA
LUCIANE SOUTELLO KOETZ**

Coordenadora do Curso de
Administração Bacharelado
Bacharel em Administração
Especialista em Estratégia Empresarial e
Empreendedorismo
Mestranda em Gestão da Informação

koetz@unopar.br

Missão do Curso

Formar profissionais éticos e responsáveis, capazes de buscar e construir seus próprios conhecimentos de acordo com as necessidades das organizações do mundo moderno, atuando de forma empreendedora e inovadora, como promotor de novas relações produtivas e sociais, buscando acompanhar as constantes mudanças e avanços do mercado e da sociedade.

Objetivo geral

Formar profissionais com sólidos conhecimentos teórico-práticos, comprometidos com a contemporaneidade, com formação humanista e com visão integral e abrangente, bem como, capazes de compreender e atuar no contexto econômico e social em uma conjuntura regional, nacional e internacional. Aptos a enfrentar os desafios, e com o espírito empreendedor, que estejam atentos às inovações, assumindo responsabilidades pertinentes à profissão, sendo comprometidos com a justiça, ética, cidadania e responsabilidade social.

Objetivos Específicos

- Desenvolver habilidades de comunicação e expressão;
- Possibilitar o desenvolvimento de trabalhos em equipes, promovendo a capacidade de adaptação, de comunicação, de integralização e espírito de equipe;
- Fornecer sólida formação humanística e visão global que habilite o acadêmico a compreender o meio social, político, econômico e cultural;
- Estimular e incentivar o espírito empreendedor e inovador;

Objetivos Específicos

- Fornecer subsídios para construção de planos de negócios que desenvolvam a capacidade empreendedora e auxiliem a diagnosticar cenários e a analisar a viabilidade econômico-financeira da implantação de empreendimentos;
- Promover formação teoria-prática possibilitando a vivência concreta nas organizações, estimulando uma postura investigativa e de análise crítica reflexiva;
- Formar profissionais com visão integral, com capacidade de adaptação, flexibilidade, e de atuar de forma interdisciplinar frente ao contexto complexo contemporâneo;

Objetivos Específicos

- Promover a compreensão sobre a necessidade do permanente aperfeiçoamento profissional;
- Formar profissionais com capacidade para planejar, organizar, dirigir (liderar), e controlar processos que visem à melhoria nas organizações;
- Proporcionar o desenvolvimento da análise e pensamento crítico e da criatividade;
- Desenvolver habilidades para identificar e definir problemas em diferentes graus de complexidade; e
- Capacitar profissionais aptos a tomada de decisão de forma ética e responsável.

Concepção do curriculum



Curso de Graduação em Administração - Bacharelado

- Curso: Bacharel em Administração;
- Período de Formação: 4 anos / 8 semestres;
- Estágio Curricular Obrigatório / TCC;
- Formação: Administrador

O curso de Administração, obedecendo ao que preconiza as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Administração (Resolução 4 de 13 de julho de 2005), é organizado em quatro áreas de formação a saber:

- Conteúdos de Formação Básica;
- Conteúdos de Formação Profissional;
- Conteúdos de estudos Quantitativos e suas Tecnologias; e
- Conteúdos de Formação Complementar.

Conteúdos de Formação Básica

- | | |
|------------------------------|--------------------------------------|
| • Comunicação e Linguagem | • Metodologia da pesquisa científica |
| • Filosofia | • Psicologia Organizacional |
| • Sociologia | • Estatística |
| • Matemática | • Direito Empresarial e Trabalhista |
| • Introdução a Contabilidade | • Direito Tributário |
| • Introdução a Economia | • Teoria Econômica |

Conteúdos de Formação Profissional

- Teorias da administração I e II
- Contabilidade de custos
- Administração Financeira
- Administração Orçamentária
- Matemática Financeira
- Gestão de Pessoas I e II
- Fundamentos de Marketing
- Diagnóstico Organizacional
- Análise Contábil
- Estratégia de Marketing

Conteúdos de Formação Profissional

- Administração da Produção
- Operações e Logística
- Administração de Sistemas de Informação
- Pesquisa em negócios
- Administração Estratégica
- Empreendedorismo e Plano de negócios
- Gestão de projetos
- Ética e responsabilidade Social

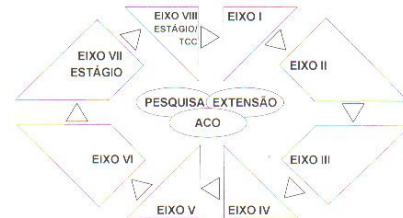
Conteúdos de estudos Quantitativos e suas Tecnologias

- Teoria dos Jogos
- Conteúdos de Formação Complementar
- Educação à distância,
 - Negócios Internacionais.

Eixos

- Eixo I – Fundamentos em Administração I
- Eixo II – Fundamentos em Administração II
- Eixo III – Fundamentos em Administração III
- Eixo IV – Finanças Empresariais
- Eixo V – Organização, Pessoas e Mercado
- Eixo VI – Gestão de processos, pessoas e competitividade
- Eixo VII – Estratégia e sistemas de suporte a decisões
- Eixo VIII – Empreendedorismo, projetos e negócios

ADMINISTRADOR



Perfil do Egresso

Profissional deve estar apto à

- atuar com ética, responsabilidade e compromisso com a sociedade;
- compreender a responsabilidade de atingir objetivos por meio da soma de esforços individuais e coletivos;
- demonstrar um perfil empreendedor;
- demonstrar capacidade de análise crítica, raciocínio abstrato e aptidão numérica;

Perfil do Egresso

- promover e facilitar as relações entre as organizações e a sociedade;
- aplicar na prática as teorias e princípios da administração;
- prestar serviço com qualidade e demonstrar responsabilidade pela atividade desenvolvida.

Qual a Formação do Tutor de sala para o curso de Administração ?

- Graduados em Administração com especialização;
- Graduados em Marketing com especialização na área de administração;
- Graduados em Economia, com especialização na área de administração;
- Graduados em Ciências contábeis com especialização na área de administração.

Matrizes 2010/1

- I e II Semestre – Matriz 2009/2
- III - Semestre – Matriz 2009/1
- IV, V, VI e VII – Semestre – Matriz 2007/1

Curso de Graduação em Ciências Contábeis

Missão

- Formar bacharéis em Contabilidade com solidez teórica e científica, capazes de desempenhar a prática na profissão, sendo críticos e reflexivos com visão generalista e interdisciplinar, comprometidos com a gestão empresarial desenvolvendo ações integradas com as demais áreas do conhecimento empresarial.

Objetivo Geral

- Formar profissionais capazes de integração no ambiente empresarial, visando não apenas atender às demandas específicas da contabilidade, mas que, com visão empresarial possam atuar como gestores de desenvolvimento comprometidos com valores morais e éticos.

Objetivos Específicos

- contribuir para a formação de valores de responsabilidade, justiça e ética profissional;
- construir e compartilhar conhecimentos para uma visão empresarial global, com formação humanística;
- proporcionar ao acadêmico a compreensão do meio social, político, cultural e econômico onde está inserido;

Objetivos Específicos

- propiciar formação técnica e científica para atuar na gestão das organizações além de desenvolver atividades específicas da prática profissional da contabilidade;
- desenvolver competências e habilidades empreendedoras, antecipando e promovendo transformações nas organizações;

Objetivos Específicos

- desenvolver a capacidade de compreensão interdisciplinar; e
- fazer com que o acadêmico depois de titulado, compreenda a necessidade de aperfeiçoamento profissional constante.

Perfil Profissional do Egresso

- ser proficiente em:
 - fazer uso da linguagem contábil como meio de desempenhar suas atividades profissionais;
 - ter visão sistêmica, holística e interdisciplinar da atividade contábil;
 - usar raciocínio lógico e crítico-analítico para a solução de problemas;
 - elaborar relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários; e
 - articular e liderar equipes multidisciplinares.

Perfil Profissional do Egresso

- ser capaz de desenhar, analisar e implantar com sucesso sistemas, eficientes e eficazes de informação contábil e de controle gerencial;
- exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhes são prescritas por meio de legislação específica;
- interpretar tendências de mercado, sem perder a consciência e a dimensão das questões éticas, humanas e sociais; e

Perfil Profissional do Egresso

- compreender as especialidades da profissão contábil, sendo capaz de absorver a massa de informação necessária para se tornar especialista em qualquer uma das áreas de ação desta profissão.

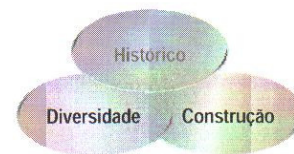
Campos de Atuação

- Na atuação em empresas, a contabilidade é uma das áreas profissionais que mais proporciona oportunidades, as alternativas são: planejador tributário, analista financeiro, contador societário, auditor interno, contador de custos, contador gerencial.
- Na terceirização de serviços contábeis, as alternativas são: consultor, empresário da contabilidade, auditor independente, perito contábil e investigador de fraudes.

Campos de Atuação

- Na área pública, pode ser: contador público, auditor interno, agente fiscal de rendas, oficial contador, auditor fiscal da fazenda e Analista de contas do tribunal de contas.
- Para o exercício da profissão, o egresso do Curso de Ciências Contábeis SEPC/EaD da UNOPAR terá em sua formação valores de responsabilidade social, justiça, ética e a formação humanística fundamentais para a compreensão do meio em que atuará, seja ele social, político, econômico ou cultural.

Princípios metodológicos



Estrutura conceitual



Matrizes para 1º semestre 2010

- 1º e 2º Semestres – Matriz 2009/2
- 3º a 7º Semestres – Matriz 2007/1

Perfil do Tutor de Sala

- Graduados em Ciências Contábeis, com especialização; Graduados em Administração com especialização em Contabilidade ou auditoria.

PROFESSORA MARIA ANGELA SANTINI

Assistente Social
Mestre em Serviço Social e Política Social
Coordenadora do Curso de Serviço Social –
UNOPAR

maria.santini@unopar.br

Missão do curso

Formar assistentes sociais para atuar nas expressões da "questão social", formulando e implementando propostas de intervenção para seu enfrentamento, com capacidade de promover o exercício da cidadania através da garantia dos direitos sociais, políticos e humanos no conjunto das relações sociais, comprometidos com os valores e princípios norteadores do código de ética do assistente social.

Curso de Graduação em Serviço Social

- MATRIZ 2007/01 E 2007/02
Período de Formação: 3 anos e ½ - 7 semestres;
- MATRIZ 2008/01
Período de Formação: 4 anos - 8 semestres;
- Estágio Curricular Obrigatório = 450 hs
- TCC

1º Semestre – Formação Básica- FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DAS RELAÇÕES SOCIAIS :	
Nome da disciplina	Carga Horária
Ensino a distância	20 horas
Antropologia	80 horas
Psicologia Geral	80 horas
Formação social, política e econômica do Brasil	80 horas
Fundamentos Históricos, Teóricos e metodológicos do Serviço Social I	80 horas

2º Semestre - Formação Básica – Fundamentos instrumentais	
Nome da disciplina	Carga Horária
Sociologia	80 horas
Psicologia Social	80 horas
Filosofia	80 horas
Fundamentos Históricos, Teóricos e metodológicos do Serviço Social II	80 horas
Seminários temáticos I	40 horas

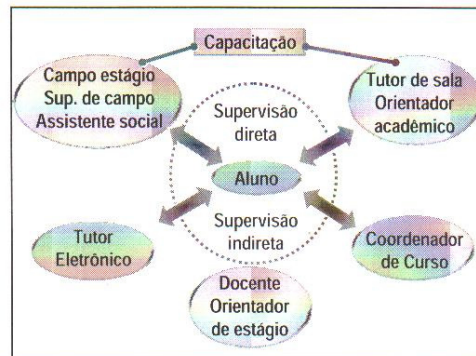
3º semestre - Formação Básica – Fundamentos Teóricos, Metodológicos e a Questão Social	
Nome da disciplina	Carga horária
Ciência Política	80 horas
Economia Política	80 horas
Fundamentos Históricos, Teóricos e metodológicos do Serviço Social III	80 horas
Oficina de Formação –Questão Social	80 horas
Seminários temáticos II	40 horas

4º Semestre – Fundamentos Básicos do Trabalho Profissional	
Nome da disciplina	Carga horária
Ética e Legislação Profissional	80 horas
Políticas Sociais I	80 horas
Fundamentos Históricos, Teóricos e metodológicos do Serviço Social IV	80 horas
Oficina de Formação- Instrumentalidade do S.S.	80 horas
Seminários temáticos III	40 horas

5º Semestre – Trabalho Profissional: Instrumentação para intervenção I	
Nome da disciplina	Carga horária
Estágio Curricular Obrigatório I	150 horas
Políticas Sociais II	80 horas
Direito e legislação social	80 horas
Planejamento Social	80 horas
Trabalho Profissional I	80 horas
Seminário Temático IV	40 horas

6º Semestre – Trabalho Profissional: Instrumentação para intervenção II	
Nome da disciplina	Carga horária
Estágio Curricular Obrigatório II	150 horas
Políticas Sociais III	80 horas
A Realidade Regional e o Serviço Social	80 horas
Gestão do Terceiro Setor	80 horas
Comunic. Soc. Na prática do Assist. Soc	60 horas
Seminários temáticos V	40 horas
Trabalho Profissional III	60 horas

7º Semestre – Trabalho Profissional: Instrumentação para intervenção III	
Nome da disciplina	Carga horária
Estágio Curricular Obrigatorio III	150 horas
TCC	80 horas
Estatística aplicada ao S.S.	60 horas
Processos de Trabalho e Serviço Social	60 horas
Trabalho Profissional IV	60 horas
As relações Hum. Nas org. e o S.S.	60 horas
Seminário Temático VI	40 horas



Perfil do Tutor de Sala

SERVIÇO SOCIAL

- SOMENTE Graduados em Serviço Social, preferencialmente com especialização.

Intervalo

10 minutos

Tutoria

- Papel fundamental no processo educacional de cursos superiores a distância;
- Profissional que participa ativamente da prática pedagógica;
- Contribui para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem e para acompanhamento e avaliação do Projeto Pedagógico.

Quem é o tutor de sala na UNOPAR?

- Profissional graduado na área de atuação com especialização;
- Responsável pelo acompanhamento presencial dos alunos nos pólos;
- Mediador do desenvolvimento do projeto de curso nos pólos.